

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Ernesto Luiz Marques Nunes

Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo

Mestrado Em Ciências Sociais

SÃO PAULO

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Ernesto Luiz Marques Nunes

Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Silvia Helena Simões Borelli.

SÃO PAULO

2010

Errata

Na página 56, onde se lê “Zona Sul: 24%”, leia-se corretamente: “Zona Oeste: 24%”.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Silvia Helena Simões Borelli

Professora Doutora Gisela Black Taschner

Professora Doutora Rosamaria Luiza de Melo Rocha

Dedico este trabalho aos meus filhos, Felipe e Rafael, que torceram tanto para que o pai deles pudesse terminar logo “o livro” que estava escrevendo para poder brincar mais com eles.

Agradecimentos

Às orientações realizadas pela Professora Doutora Silvia Helena Simões Borelli, que foram fundamentais em todas as etapas desta pesquisa de mestrado, assim como a suas precisas indicações bibliográficas. Cada uma das reuniões de orientação que tive com ela equivaleu a diversas aulas regulamentares do curso de mestrado. Isto eu não poderia deixar de mencionar e agradecer.

Às Professoras Doutoras Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha e Gisela Black Taschner, pelas preciosas contribuições que trouxeram a esta pesquisa de mestrado na ocasião da arguição na banca de qualificação.

À minha mãe, Elizete Marques, que sempre foi uma das minhas grandes mestras. A meu pai, Ernesto Gonçalves Nunes, de quem não só carrego o mesmo nome e sobrenome, como também a força de enfrentar as dificuldades da vida sem medo.

À Adriana, minha companheira de sempre, desde a faculdade até o final dos tempos. Sempre presente, mesmo quando se ausentou para que eu pudesse me dedicar integralmente a escrever esta dissertação. Se ela suportou meu mau humor durante o período da pesquisa do mestrado, o que virá pela frente será fácil de encarar.

A minhas irmãs Elizabete e Viviane, com quem tenho muito que aprender. E à Vitalina, Zélia e Dimas, presentes, mesmo quando havia a necessidade da distância.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os vegetarianos que entrevistei. Pela disponibilidade de tempo, simpatia e paciência em responder aos meus questionamentos.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo investigar o ativismo vegano – como se constitui, como se organizam os grupos e coletivos que o formam, como atuam e difundem sua causa – na Região Metropolitana de São Paulo. A hipótese inicial de trabalho é a de que o ativismo vegano representa uma forma de transformação social, levando em conta o questionamento que fazem do consumo de produtos e serviços que envolvem a utilização de animais. O estudo inicia com uma caracterização das várias vertentes do vegetarianismo – entre as quais o veganismo –, considerando em sua análise alguns conceitos-chave da abordagem teórica presente na obra de Pierre Bourdieu, como *habitus*, gosto, violência simbólica e estilos de vida. Além de Bourdieu, referência no campo das Ciências Sociais, três outros autores, os filósofos Peter Singer e Tom Regan, e o jurista Gary Francione, são apresentados como teóricos que contribuem com conceitos – senciência, especismo, bem-estarismo, entre outros – que servem de referência teórica e prática à ação dos veganos, sobre os quais apresento um painel de sua organização, atuação e difusão de ideias, analisando, por fim, sua contribuição para possíveis transformações sociais. Foi adotada uma estratégia metodológica que combina diversas técnicas de perfil qualitativo e quantitativo, como a entrevista em profundidade presencial, o questionário *on line*, a entrevista por *e-mail* somente com questões abertas, a observação etnográfica e a etnografia virtual. No total foram entrevistados 230 vegetarianos para dar conta de apresentar as origens vegetarianas do ativismo vegano, a partir do detalhamento dos diversos tipos de *vegetarianismos* (lactovegetarianismo, ovovegetarianismo, ovolactovegetarianismo e o vegetarianismo estrito ou vegano) existentes, as diferenças entre regime e prática alimentar vegetarianos, as principais motivações para tornar-se vegetariano – saúde, religião, ecologia, economia, ética –, além de apontar o perfil, as características do estilo de vida e as *violências simbólicas* sofridas por eles em seu dia a dia. Nesse sentido, a dissertação insere-se no campo das Ciências Sociais, particularmente voltada para uma antropologia dos estudos do consumo, das apropriações e dos usos.

Palavras-chave: vegetarianismo, veganismo, consumo, estilo de vida, violência simbólica, Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the vegan activism – who are vegans, how vegan groups and collectives are formed, how they work and spread their cause - in the metropolitan region of Sao Paulo. The initial working hypothesis is that the vegan activism is a form of social change, taking into account the questions that make the consumption of products and services that involve the use of animals. The study begins with a characterization of various aspects of vegetarianism - including veganism - considering in this analysis some key concepts of Pierre Bourdieu's theoretical approach, including some his concepts as habitus, taste, symbolic violence and lifestyles.

Beyond Bourdieu's reference in the field of social sciences, three other authors, philosophers Peter Singer and Tom Regan and a lawyer, Gary Francione, are presented as theoretical thinker that contribute with some concepts - sentience, speciesism, animal welfare, among others - that serve of theoretical and practical reference to the action of vegans, on which I present a panel of its organization, operation and dissemination of ideas, analyzing their contributions to social change. I adopted a methodology that combines various techniques of quantitative and qualitative profile, as in-depth personal interviews, the online survey, interview by email only with open questions, ethnographic observation and virtual ethnography. A total of 230 vegetarians were interviewed to understand the vegetarian origins, considering the various types of vegetarians (lacto vegetarianism, egg vegetarianism, lacto egg vegetarianism and strict vegetarian or vegan), the differences between the regime and vegetarian eating habits, the main reasons for becoming vegetarian - health, religion, ecology, economics, ethics - as well as pointing out the profile, the characteristics of the lifestyle and the symbolic violence suffered by vegetarians in their daily lives. In this sense, the dissertation is inserted in the field of social sciences, particularly focused on anthropology of consumption, on appropriations and on uses.

Keywords: vegetarianism, veganism, consumption, lifestyle, symbolic violence, Pierre Bourdieu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa de revista <i>Época</i> , com a matéria sobre vegetarianismo	39
Figura 2 – Manifestação de militantes da Organização Protetora dos Animais (OPA) na 60ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)	40
Figura 3 – Manifestação de militantes da ONG Vegan Staff na 60ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), reproduzida na prova do vestibular da Unicamp em 2009	41
Figura 4 – Foto de Daniel Andreas San Diego, divulgada no <i>site</i> do FBI, entre os terroristas mais procurados pelo órgão do governo norte-americano	42
Figura 5 – Reprodução da página <i>on line</i> do jornal inglês <i>Times</i> , destacando o alerta de Lord Stern sobre a relação entre o consumo de carne e o aquecimento global	43
Figura 6 – A tatuagem de uma ativista vegana, mencionando o título de um livro de Peter Singer	84
Figura 7 – Ação na Avenida Paulista com o veddas móvel	88
Figura 8 – Cartaz de divulgação do evento <i>Behind the Mask</i>	89
Figura 9 – Cartaz presente na “Exposição De Arte Vegan”, promovida pelos coletivos Ativismo.Com e Vegan Staff	90
Figura 10 – Manifestação no Dia Internacional dos Direitos Animais	92
Figura 11 – Manifestação Sexta- Feira Mundial sem Peles	93

Figura 12 – Manifestação contrária ao Congresso Internacional da Carne	94
Figura 13 – Manifestação do Ativeg na Praça da Liberdade, em São Paulo	95
Figura 14 – <i>Veg Ballon Fest</i> , em São Paulo	96
Figura 15 – Manifestação contra o <i>Mcdonalds</i> , em São Paulo	96
Figura 16 – Cena de manifestação contra rodeio na cidade de Guarulhos, disponível no <i>site You Tube</i>	98
Figura 17 – Enquete do jornal Folha de São Paulo sobre testes em animais	101
Figura 18 – Anúncio de venda de carne de cachorro no <i>site</i> do Mercado Livre	103

TABELA

Tabela 1 – Consumo de alimentos segundo as modalidades de vegetarianismo	48
--	----

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 - Protocolo metodológico: abordagens <i>on e off line</i>	28
1.1 Uma estratégia metodológica que combina diversas técnicas empíricas	28
1.1.1 Entrevista em profundidade presencial	29
1.1.2 Questionário <i>on line</i> sobre hábitos vegetarianos	31
1.1.3 Entrevista por e-mail com questões abertas	34
1.1.4 Observação etnográfica	35
1.1.5 Etnografia virtual	36
Capítulo 2 - "Peixe você come, não é?": as origens vegetarianas do ativismo vegano	38
2.1 Eles estão na mídia: seis fatos relevantes	38
2.2 Eles não vivem somente de alface: vegetarianos e <i>vegetarianismos</i>	45
2.3 “Eu não como cadáveres!”: o regime alimentar vegetariano	46
2.4 A prática alimentar vegetariana	48
2.5 Motivações para se tornar vegetariano	49
2.5.1 Aspectos relacionados à saúde	49
2.5.2 Aspectos relacionados à religião	50
2.5.3 Aspectos relacionados à ecologia e à economia	51
2.5.4 Aspectos éticos	53
2.6 Os vegetarianos da Região Metropolitana de São Paulo	54
2.6.1 O perfil do vegetariano	55

2.6.2 O estilo de vida vegetariano	57
2.6.3 Violências sofridas e violências vividas	62
Capítulo 3 - Vegetarianismo além da dieta: direitos dos animais no centro da discussão	67
3.1 Bases teóricas do veganismo	68
3.1.1 Peter Singer e a libertação animal	68
3.1.2 Tom Regan: “Em vez de jaulas maiores, jaulas vazias”.	74
3.1.3 Os animais não são propriedade humana: a perspectiva abolicionista de Gary Francione	78
3.2 Os animais no centro da discussão	80
Capítulo 4 - Ativismo vegano em ação	82
4.1 Veganos na metrópole	84
4.1.1 Espaços de sociabilidade	84
4.1.2 Poucos, mas barulhentos: veganos em ação	86
4.1.3 Saindo às ruas: ações em defesa dos direitos animais	91
4.1.4 Ativismo <i>web based</i>	97
Capítulo 5 - Veganismo: o início de uma transformação social?	105
Referências bibliográficas	111
Anexo 1: Convite para a entrevista quantitativa online	114
Anexo 2: Questionário utilizado na pesquisa quantitativa online	115
Anexo 3: Convite para a entrevista exploratória por e-mail	120
Anexo 4: Roteiro utilizado na entrevista exploratória por e-mail	121
Anexo 5: Convite para a entrevista em profundidade pessoal com vegetarianos	123

Anexo 6: Roteiro utilizado na entrevista em profundidade pessoal com vegetarianos	124
Anexo 7: Convite para a entrevista em profundidade pessoal com ativistas veganos vinculados a coletivos/organizações	126
Anexo 8: Roteiro utilizado na entrevista em profundidade pessoal com ativistas vinculados a coletivos/organizações	127

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado surgiu inicialmente com o objetivo de compreender a relação entre o consumo privado de bens e suas consequências públicas, mediante a investigação de três conjuntos de ideias que propõem formas alternativas de consumir alimentos: o vegetarianismo, o "Slow Food"¹ e a alimentação orgânica.

Mas por que estudar as implicações públicas de uma atividade privada como o consumo? Ou, dito de outra forma, por que refletir a respeito do consumo politizado ou engajado (*politicised consumption* ou *political consumerism*²)?

Em um primeiro momento, considerei relevante investigar o consumo por ser um aspecto da vida social que conecta importantes temas do cotidiano na modernidade, com claras implicações políticas: a construção de identidades sociais mediante a compra e utilização de objetos de consumo e não meramente por intermédio da tradição ou da religião dominante; o exercício da cidadania, promovido por organizações de defesa do consumidor que propõem o expediente do boicote a certos tipos de bens, empresas, organizações ou mesmo países que, sob a ótica do consumidor, não atendam a requisitos de ordem ambiental, trabalhista, ética ou mesmo religiosa; a competição desenfreada por *status*, mediante o consumo de certos tipos de bens *para poucos*, que pauta as relações sociais contemporâneas; a transformação do lazer em mercadoria, o que possibilita a criação de vários segmentos de atividade, entre eles, por exemplo, o constituído

¹ O *Slow Food* é uma associação internacional que surgiu em 1986 em Roma (com ramificações em vários países, inclusive no Brasil) que promove a *cultura da comida* e o vinho, e que defende a diversidade alimentar, opondo-se à *padronização do gosto*, atrelada à proteção das identidades culturais ligadas a tradições alimentares e gastronômicas, além de defender espécies vegetais e animais, domésticas e selvagens. Propõe a preservação da satisfação e do gosto não somente na degustação dos alimentos, mas também no processo de preparação, enfatizando o cuidado no cultivo dos alimentos, mediante formas *ecologicamente corretas*, dando preferência, por exemplo, aos produtos orgânicos. Trata-se de um movimento que tem como proposta manter uma estreita relação entre comida e cultura (um de seus objetivos principais). Fonte: Site <www.slowfood.com>, acessado em 2 de maio de 2009.

² De acordo com Micheletti, são termos frequentemente utilizados por autores de língua inglesa, quando se referem a certo tipo de consumo exercido com o objetivo de ir além da busca do bem estar privado. O *politicised consumption* ou *political consumerism*, que estou traduzindo por consumo politizado (ou engajado), expressa valores não-econômicos no âmbito do mercado, principalmente os ligados a direitos humanos, direitos dos animais, solidariedade global e responsabilidade ambiental, muitas vezes, valendo-se de uma atitude de *não-consumo*, mediante boicotes a certos produtos e/ou produtores (Micheletti, 2003).

por empresas operadoras de *pacotes de viagem* para pessoas com renda média e baixa; a ascensão do marketing, disciplina importante para as estratégias de crescimento das empresas, assim como para diversas instituições religiosas e políticas (entre elas os partidos políticos, os sindicatos e as organizações não governamentais).

Além da relevância *per se* do tema do consumo, verifiquei, na preparação deste projeto, que, no âmbito acadêmico brasileiro das Ciências Sociais, o consumo foi sempre tratado de forma marginal.

Lembro-me de um artigo de uma professora da minha graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, a cientista social Gisela Taschner, intitulado "Raízes da cultura do consumo", publicado em 1996, que afirmava que o tema do consumo era objeto de grande atenção entre os pesquisadores do marketing e da psicologia, mas escassamente pesquisado pela sociologia. Segundo Taschner, quando algum estudo sobre o consumo era empreendido, mediante uma abordagem sociológica, este se fazia "sob uma ótica que privilegiava a produção" (Taschner, 1996: 28).

Passados exatos 13 anos desde que esse artigo foi publicado, o que pude constatar é que houve um aumento significativo nas pesquisas sobre o tema do consumo na produção acadêmica em Ciências Sociais no Brasil. Nos últimos anos diversos livros sobre o tema do consumo foram traduzidos³ – principalmente de autores ingleses – e alguns congressos e encontros foram promovidos, inclusive com a presença de acadêmicos estrangeiros.⁴

E por que pensar as implicações políticas do consumo pela ótica do consumo de alimentos em vez de investigar outras dimensões que envolvem o consumir, como, por exemplo, a influência da publicidade, o culto ao corpo ou o impacto da moda?

O consumo, assim como a produção, é um processo social que está relacionado a várias esferas da vida cotidiana na modernidade. Com frequência é associado, nos estudos acadêmicos e

³ Entre as obras traduzidas para o português, estão *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno* (2001), do sociólogo inglês Colin Campbell, *Teoria das compras* (2002), do antropólogo inglês Daniel Miller e *Cultura & consumo – novas abordagens* (2003), do antropólogo norte-americano Grant McCracken.

⁴ A ESPM tem se destacado na realização desses eventos, como com o “Encontro Nacional de Estudos de Consumo”, realizado anualmente, e “Pensando o Consumo Hoje: Novas Abordagens”, em 2007, além de outros eventos, sempre com a presença de cientistas sociais dedicados ao tema do consumo, como Gary Cross, Alan Warde e Daniel Miller.

pelo senso comum, apenas a escolhas privadas de indivíduos que a eles tão somente dizem respeito.

As consequências dos atos de consumo – segundo várias interpretações acadêmicas – são associadas a um efeito deletério para a sociedade moderna: o *consumismo*, responsável por degradações ecológicas, sociais e éticas de toda ordem (Bauman, 1998, 1999a, 1999b, 2008; Baudrillard, 1995; Campbell, 2001; Canclini, 1999; Featherstone, 1995; Hirschman, 1993; Preteceille e Terrail, 1985; Slater, 2002).

Entretanto, para um número crescente de pessoas o ato de consumir implica a necessidade de pensar as consequências políticas desse ato. Esses indivíduos acreditam que suas escolhas privadas têm consequências públicas (Micheletti, 2003). A percepção de que há uma conexão entre seus atos privados e os aspectos públicos correspondentes a esses atos está baseada na crença de que nossas ações, no âmbito do privado, deixam marcas ou têm consequências éticas, ecológicas e políticas para as outras pessoas e para a vida futura do ser humano no planeta, de acordo com Micheletti.

Essa constatação politiza o que nos acostumamos a tratar, tradicionalmente, como escolhas privadas do consumidor e confunde a divisão entre as esferas econômica e política. Consumir produtos e serviços (ou deixar de fazê-lo), portanto, torna-se um ato político, que, para um número crescente de pessoas, implica a necessidade de pensar politicamente a partir do privado. Para essas pessoas, o mercado torna-se uma *arena* para o político.

Os países nórdicos foram os pioneiros no estudo do fenômeno do consumo politizado. Foram os cientistas sociais da Dinamarca e Suécia os primeiros a introduzir e desenvolver o conceito (Boström, 2003a, 2003b; Micheletti, 2003; Klintman & Boström, 2004).

A ideia de um consumo politizado foi primeiramente formulada no âmbito de um *Think Tank* sediado na Dinamarca, o *Copenhagen Institute for Futures Studies*, em meados da década de 1990. Entretanto, o conceito chegou ao meio acadêmico mais tarde. No primeiro Seminário Internacional de Consumo Politizado (*International Seminar on Political Consumerism*), realizado em 2001, em Estocolmo, na Suécia, diferentes pesquisadores de diversas áreas puderam discutir o tema de forma interdisciplinar, à luz de conceitos como pós-modernização, sociedade de risco, modernização reflexiva, estilos de vida e participação política na modernidade. (Sørensen, 2004: 10).

O consumo politizado (ou político, ou engajado) representa a ação de indivíduos ou de grupos de indivíduos que fazem escolhas entre produtores ou fabricantes e seus produtos com o objetivo de alterar (ou ao menos tentar alterar), de maneira objetiva, as práticas de mercado. Suas escolhas são baseadas em atitudes e valores que levam em conta a justiça, a ética ou outras razões não-econômicas. Consumidores politizados são pessoas que se engajam em situações que envolvem fazer escolhas (as escolhas engajadas).

Comprar um tênis da *Nike*, para esse consumidor, não significa apenas levar em conta se esse calçado permite que ele tenha um melhor desempenho e conforto nas suas caminhadas ou corridas diárias, mas também implica saber se o material usado no processo de fabricação do tênis agrediu o meio ambiente ou se foi manufaturado, utilizando mão-de-obra infantil. Assinar um plano de telefonia celular requer saber se a operadora, escolhida pelas suas tarifas e qualidade do serviço oferecido, patrocina (ou não) rodeios.

O consumo politizado sinaliza que cidadãos estão procurando formas não tradicionais de agir politicamente, fora dos tradicionais meios de participação? Ao menos ele parece desafiar nossa crença de que dinheiro e valores éticos não deveriam ser misturados (ou ao menos evitar que o valor monetário prevaleça) como se dá com os negócios verdes (*green business*), investimentos socialmente responsáveis (*socially responsible investing*) e a assim denominada *cidadania corporativa* (*corporate citizenship*). O consumo político nos força a considerar o papel do mercado na política e o papel da política no mercado (Micheletti, 2003).

Consumidores da alta modernidade, nos termos de Giddens (1991; 2002), fazem mais do que somente pensar a respeito de seu bem-estar quando vão às compras. De forma crescente, os consumidores estão passando a expressar valores não-econômicos no âmbito do mercado, especialmente aqueles valores que dizem respeito aos direitos humanos, direitos dos animais, solidariedade global e responsabilidade ambiental. Na prática isto se dá através de boicotes (*boycotting*) ou "*buycotting*" (uma escolha positiva) de produtos e produtores por razões políticas ou éticas.

Em paralelo à leitura de Micheletti (2003), que em seu *Political Virtue and Shopping: Individuals, Consumerism and Collective Action* descortinou possibilidades teóricas para o desenvolvimento do tema, algumas leituras de textos de Bourdieu também pareceram

interessantes para pensar questões que dizem respeito às escolhas que os vegetarianos fazem em relação a produtos e serviços que envolvem animais.

Em relação a Bourdieu, parti da sua busca de examinar as relações entre classe social e práticas de consumo. Para dar conta dessas relações, ele utiliza uma série de conceitos, como gosto, *habitus*, campo, violência simbólica, estilos de vida e distinção (*distinction*). Esses conceitos, como expostos a seguir, lançam uma luz sobre a reflexão que se pretende fazer neste trabalho, dialogando com os dados coletados na fase de campo.

Entre os conceitos de Bourdieu dos quais me aproprio para poder dialogar, está o conceito de *gosto*. Mas, o que é o gosto? Segundo ele, trata-se de uma “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras” (Bourdieu, 1983: 83). O gosto, formas culturais de escolha e preferência, é um recurso que é organizado por grupos no interior do sistema de estratificação social, a fim de estabelecer ou consolidar sua inserção na ordem social.

Para Bourdieu, ao consumir exercemos tanto quanto exibimos nosso gosto e nosso estilo. Entretanto, o gosto não parece ser uma questão de capricho pessoal. Segundo ele, o gosto é estruturado socialmente. Na verdade, o gosto é estratificado. Pode ser classificado em “gosto refinado, gosto médio e gosto vulgar” (Bourdieu, 1983: 84), em relação a diferentes tipos de cultura. Essa classificação não diz respeito somente à diferença cultural, mas também a certa hierarquia estética, como entre os que gostam de ópera, musicais ou novelas mexicanas.

O interessante é que ele, Bourdieu, dirá que essa classificação não está baseada nos objetos propriamente ditos – ópera, musical ou novela mexicana – ou no seu valor intrínseco e, sim, está relacionada às diferentes estruturas de gosto e expectativas em relação às preferências das diversas classes de pessoas.

Essas preferências estão relacionadas a outro conceito presente na obra de Bourdieu com o qual pretendo dialogar: o conceito de *habitus*.

O *habitus* seria um princípio mediador de correspondência entre as práticas individuais e as condições de existência; um conceito que propõe conciliação e troca entre a oposição aparente entre o mundo subjetivo do indivíduo e a realidade exterior. De acordo com o próprio Bourdieu, *habitus* é:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (Bourdieu, 1983: 65).

O *habitus*, entendido como uma subjetividade socializada é um conceito que pode ser utilizado para entender a homogeneidade nas disposições, nas preferências e nos gostos de indivíduos e grupos sociais que têm uma mesma trajetória social. Entretanto, frisa Bourdieu, “o *habitus* não é destino”, sendo um produto histórico, um “sistema de disposição aberto, que é incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente afetado por elas” (Bourdieu, 1992: 108).

Retomando o conceito de gosto, Bourdieu (1983) dirá que, ao expressarmos ou exibirmos nossos gostos (jogar golfe, ir a estádios de futebol, vestir camisas *Lacoste* ou não consumir carne), estamos dando aos outros demonstrações de nossa posição social. Ao indicar que prefere a música de Sergei Rachmaninov ou a de Gustav Mahler em vez de Bruno & Marrone ou da banda Calypso, um indivíduo permite que se infira uma série de características pessoais, como a sua formação educacional, a sua classe de origem, seus atuais rendimentos financeiros, suas aspirações sociais e, principalmente, sua visão de mundo. Isso aconteceria também, se um vegetariano, em um churrasco, ao ser questionado se deseja um pedaço de picanha, afirmasse: *não, obrigado, pois não costumo ingerir cadáveres*.

É através do gosto expresso por um consumidor que podemos classificá-lo socialmente. Segundo Bourdieu (1983), o gosto além ter a propriedade de classificar, também classifica o classificador, ou seja, as preferências de consumo envolvem julgamentos discriminadores que têm a capacidade de identificar nosso próprio julgamento de gosto e de, simultaneamente, torná-lo passível de ser classificado pelos outros.

O *valor* do gosto, segundo essa visão, é a expressão de uma classificação feita por agentes sociais e não fruto do valor intrínseco daquilo de que se gosta. Essa classificação advém das diferenças que se apresentam na sociedade, principalmente da divisão entre as classes sociais. Assim, gostos diferentes têm diferentes níveis de legitimidade social, conforme a posição social daqueles que os expressam.

Portanto, aquilo que Bourdieu denomina de reprodução cultural está relacionado a várias maneiras de competição e de poder, que podem ser expressas pelo que ele caracterizou como

violência simbólica, um terceiro conceito desenvolvido por ele que contribuirá para pensar o consumo vegetariano.

De acordo com Bourdieu, a violência simbólica é a:

[...] violência insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 1975: 7-8).

Mediante a utilização do conceito de violência simbólica, Bourdieu procura desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como *naturais* as representações ou ideias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos indivíduos que as animam e sobre ela se apoia o exercício da autoridade. Para Bourdieu:

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (Bourdieu, 1998: 11).

Através do exercício da violência simbólica, a cultura passa a ser entendida como se fosse um campo de batalha entre as classes sociais. Nas relações de consumo, a violência simbólica pode ser exercida por uma classe (ou fração dela) tanto diretamente (mediante o uso da força física ou econômica) quanto por meio de *profissionais da produção simbólica*, que ele caracteriza como sendo os profissionais de *marketing*, os publicitários, os produtores de moda, os *designers* e os que atuam na mídia. Esses “novos intermediários culturais” (outro termo cunhado por ele para designar esses especialistas) têm a capacidade “[...] de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos do conhecimento e de expressão [...] arbitrários – embora ignorados como tais – da realidade social” (Bourdieu, 1998: 12).

Um quarto conceito presente na análise do consumo empreendida pelo sociólogo francês – e que remete ao gosto – é o de estilo de vida. Este conceito parece muito interessante a esta pesquisa para pensar as escolhas que os vegetarianos fazem em seu dia-a-dia, que estão relacionadas a sua alimentação, mas que vão muito além dela, como quando recaem sobre os eventos aos quais comparecem, como o encontro musical realizado bimestralmente na cidade de

São Paulo, desde 1996, conhecido como *Verdurada* (sic) e que consiste na apresentação de bandas de estilo *hardcore*, de palestras sobre assuntos políticos, de oficinas, debates e exposição de vídeos de conteúdo político. No final desse evento é distribuído um jantar totalmente vegetariano.

De acordo com Bourdieu, estilo de vida é “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hexis* corporal” (Bourdieu, 1983: 83).

O estilo de vida pode ser entendido como a forma pela qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, vivencia o mundo e, conseqüentemente, se comporta e faz escolhas. O que define os elementos que compõem o conjunto simbólico a que Bourdieu denomina estilo de vida é a distância em relação às necessidades básicas dos indivíduos ou grupos (Bourdieu, 1983).

Embora alimentar-se, matar a sede e proteger o corpo das intempéries seja o mínimo que o ser humano pode solicitar para sobreviver (suas necessidades básicas), o modo como se come – usando talheres de plástico, ou com o brasão da família ou do *faqueiro de Caras* – e o que se come – *foie gras perigord* aromatizado com trufas negras, pasteizinhos chineses da sorte, churrasquinho grego ou *bife de soja* – são indicadores de valores que apontam para as estratégias de distinção no meio social. E os elementos estéticos, religiosos ou outros quaisquer que fazem parte dos critérios de escolha passam a ser significativos para a definição do estilo de vida de um indivíduo ou grupo.

Quando a distância em relação às necessidades básicas cresce, o estilo de vida se torna, cada vez mais, o produto de uma *estilização da vida*, que se expressa seja na escolha de uma bebida, de uma roupa, seja na decoração da sua moradia ou nas opções de lazer. Para Bourdieu (1983), os grupos (ou indivíduos) dependem do consumo de bens – sejam eles materiais ou simbólicos –, expressos simbolicamente por um estilo de vida.

Em suma, a propriedade de bens, sejam eles materiais ou simbólicos (obtidos muitas vezes mediante a utilização da violência simbólica) constitui uma expressão das condições de existência – o estilo de vida – porque é a expressão do mesmo *fator prático operante* – o *habitus* – e que é um sistema de *disposições duráveis* – um gosto.

A escolha de estudar os vegetarianos justifica-se pelo fato de ser um tema sobre o qual eu já vinha levantando dados há um bom tempo e pelo fato de ser vegetariano desde os 15 anos de

idade. Como frequentador assíduo de restaurantes vegetarianos, leitor voraz de livros de culinária vegetariana (sem a intenção de estar fazendo algum trocadilho) e assinante de vários fóruns de discussão e de comunidades *on line* vegetarianas e de ativismo *on line*, optei por iniciar uma pesquisa acadêmica sobre um tema que era – aparentemente – mais próximo do meu cotidiano e com o qual conviveria de uma forma instigante por vários meses.

Sobre essa relação *pesquisador – tema de pesquisa*, gostaria de fazer menção a quatro textos de quatro autores que propiciaram um *norte metodológico* para a realização da pesquisa de campo. São eles *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe* (Wacquant, 2002); *Sociedade de esquina* (White, 2005); *O desafio da proximidade* (Velho, Kuschmir, 2003) e *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade* (Lopes, Borelli, Resende, 2002).

Primeiramente devo lembrar-me de *Corpo e Alma*, de Wacquant (2002), aluno de Bourdieu, que, para realizar uma etnografia em um ginásio de boxe, em *Woodlawn*, comunidade afro-americana de baixa renda da cidade de Chicago, matriculou-se no ginásio, tornando-se ele mesmo um aprendiz de pugilista, fazendo, assim, uma *participação observante*, em suas próprias palavras.

Em algumas ocasiões, eu também fiz *participação observante*, quando estive presente em ações de panfletagem de grupos veganos⁵ ou em eventos em que debates sobre a *libertação animal* aconteciam, por exemplo. Mesmo não entregando panfletos aos transeuntes, o fato de estar próximo aos ativistas, muitas vezes conversando com eles, ajudava a fazer *volume*, podendo parecer, às pessoas que passavam por ali, que eu era mais um dos ativistas veganos. Ou quando fui participar de um evento denominado *Picnic Intervenção*, no qual estive presente durante a discussão que ali ocorria sobre defesa dos animais.

Eu, ao contrário de Wacquant, não precisei tornar-me vegetariano para poder compreender melhor meu tema de pesquisa. O fato de ser vegetariano, por outro lado, contribuiu para abrir muitas portas entre os ativistas que, aparentemente, não receberam este pesquisador com tanta desconfiança, pois sempre me apresentei, declarando a minha opção por uma alimentação vegetariana, embora não vegana (ortodoxa).

⁵ Aportuguesamento do termo inglês *vegan*; refere-se aos vegetarianos que não comem carne nem fazem uso de nenhum produto ou serviço que envolva a exploração de animais.

Entretanto, em todas as abordagens, fiz questão de informar, da forma mais transparente possível, logo nos primeiros momentos de contato, que eu não participava de nenhuma associação vegana ou mesmo de ações em defesa do vegetarianismo, e que era somente um cientista social realizando uma pesquisa acadêmica.

Outro autor a ser mencionado é Whyte (2005), que aponta o papel de um intermediário para realizar sua observação de campo. *Doc*, como Whyte denomina seu *informante-chave* é o mediador que permite o seu acesso tanto a locais restritos como aos grupos que ele desejava estudar em Cornerville, a *Little Italy* da cidade de Boston, onde viviam predominantemente famílias pobres de imigrantes italianos.

Eu também tive, não só um, mas dois *docs*, dois ativistas veganos que me abriram portas, não só entre outros ativistas, tornando menos árdua a tarefa de entrevistá-los, mas revelando-me lugares aos quais talvez não tivesse acesso como pesquisador, adiantando-me ações futuras que estavam planejando e revelando-me bastidores do ativismo vegano. Para manter suas identidades preservadas, nesta pesquisa eles são chamados de Ativista Vegana e Ativista Vegano.

Nos anexos de *Sociedade de esquina*, no capítulo intitulado “No começo, com Doc”, Whyte afirma:

Minha relação com Doc mudou rapidamente [...]. No início, ele era apenas um informante-chave – e também meu padrinho. À medida que passávamos o tempo juntos, parei de tratá-lo como um informante passivo. Discutia bastante francamente com ele o que eu tentava fazer, que problemas me intrigavam, e assim por diante. Muito de nosso tempo era gasto nessa discussão de idéias e observações, de modo que Doc se tornou, num sentido muito real, um colaborador da pesquisa (Whyte, 2005: 302).

O trecho citado de Whyte tem uma relação direta com algo que esteve presente na relação com meus informantes-chave. Pelas suas contribuições, sempre julguei que a colaboração deles, não só concedendo entrevistas, mas abrindo portas para o universo do ativismo vegano, foi muitíssimo importante para a pesquisa. Mas a proximidade com eles criou uma via de mão dupla, que eu temia que pudesse distorcer o papel de pesquisador do ativismo que realizavam.

Explico: em algumas ocasiões em que estava realizando uma observação com eles presentes ou mesmo em uma conversa, indaguei o Ativista Vegano e a Ativista Vegana sobre os rumos que o ativismo deles poderia tomar, caso alguns eventos ocorressem ou certas situações se alterassem. Após escutar que nunca tinham parado para pensar no que eu havia dito e que iriam

compartilhar a situação levantada com outros veganos das organizações das quais faziam parte, temi estar de alguma forma influenciando seu ativismo.

Cabe aqui mencionar que os informantes-chave não eram pessoas que eu conhecia antes de começar a pesquisa. Nunca os tinha visto até começar a procurar possíveis entrevistados para este projeto. Aquele que chamo Ativista Vegano foi *escalado*, para entrar em contato comigo, por uma das organizações ativistas veganas à qual solicitei, por *e-mail*, a possibilidade de uma entrevista.

A Ativista Vegana, por sua vez, eu conheci em uma observação etnográfica que fiz em um evento de protesto organizado pela ONG da qual ela fazia parte e era uma de suas figuras mais ativas, conforme fui descobrindo ao longo do tempo de realização do trabalho de campo. Posteriormente ela também me concedeu uma entrevista.

Em ambos os casos deu-se o contrário do que aconteceu com Velho (2003), quando realizou a pesquisa de campo para sua tese de doutorado, *Nobres e Anjos*. Ele afirma que entrevistou seus vizinhos do prédio onde morava em Copacabana. Segundo Velho,

[...] Na verdade, transformei parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa, em um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais da antropologia. Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo que me propus investigar. (Velho e Kuschnir, 2003: 15).

No meu caso, embora fosse vegetariano (e não vegano), tivesse contato com o tema via sites das organizações e até parentes que adotassem o vegetarianismo, procurei entrevistar pessoas distantes do meu círculo de parentesco ou amizade. Ao contrário de Velho, procurei minimizar o desafio da proximidade tentando *estranhar o que nos parece familiar*.

Por sua vez, foi no livro de Lopes, Resende e Borelli (2002), principalmente no capítulo 2, “Uma metodologia das mediações”, que pude conceber, de uma forma mais clara, a elaboração de um protocolo metodológico que desse conta da pesquisa empírica.

A propósito, sobre a criação e uso de um protocolo adequado, Lopes, Resende e Borelli (2002) defendem que a combinação de várias modalidades de técnicas de pesquisa permite que haja uma *saturação* dos dados empíricos. Quanto a isso, e fazendo alusão à telenovela, objeto de estudo das pesquisadoras, lê-se:

A pluralidade de [...] instrumentos técnicos pode ser entendida por analogia às variações de enquadramentos e angulações realizadas pelas câmeras na produção de uma imagem, conotando-lhes múltiplos sentidos. [...] É claro que houve redundância de dados, mas percebemos que o sentido de um mesmo dado ia se completando de acordo com o instrumento utilizado. (Lopes, Resende e Borelli, 2002: 48).

Apesar de ser um projeto de mestrado, para o qual se costuma realizar pesquisas empíricas mais modestas em termos de número de entrevistas realizadas, para dar conta de atingir o objetivo da pesquisa e de *saturar* os dados empíricos, procurei combinar várias modalidades de técnicas de pesquisa de campo, como a entrevista em profundidade, a entrevista quantitativa e a observação etnográfica⁶.

Após ter feito dois recortes para dar conta de realizar este projeto de pesquisa, a saber: 1º) sobre o papel do consumo de alimentos no âmbito dos estudos sobre o consumo e 2º) o vegetarianismo entre os movimentos que propõem uma forma diferente de consumo de alimentos, um terceiro recorte foi realizado: estudar o ativismo vegano no âmbito do vegetarianismo.

Depois de realizar um levantamento do material bibliográfico nas bibliotecas da PUC e da USP sobre o vegetarianismo e de pesquisar *sites* na Internet, fóruns de discussão e comunidades em várias redes sociais – como *Orkut* e *Ning*, por exemplo –, ainda não estava claro o que se descortinaria como uma grande descoberta, quando comecei a realizar as primeiras entrevistas.

Se quisesse falar em vegetarianismo ou em um movimento vegetariano deveria ter que lançar mão de um esforço muito grande de investigação, porque o que classifico como movimento em defesa do vegetarianismo envolve uma infinidade de organizações e coletivos com abrangência nacional, mas com influência direta entre os vegetarianos da Região Metropolitana de São Paulo, e também de outros atores que defendem o ideário vegetariano, como restaurantes, revistas, jornais, lojas, além de inúmeros ativistas espalhados pela metrópole paulistana.

Logo na primeira entrevista em profundidade, o entrevistado foi tão enfático em apontar a diferença entre o que ele classificou de *vegetariano comum, que não come carne por motivo de saúde ou por motivo religioso* e um vegano, que *não come por motivo ético*, que percebi

⁶ No capítulo 1, detalho as técnicas de pesquisa utilizadas nesta dissertação.

claramente que havia uma vertente dos vegetarianos que merecia ser o foco da minha pesquisa: os veganos (ou *vegans*). Mais um recorte, portanto, seria necessário.

Apesar de ter partido da relação entre o consumo privado de bens e suas consequências públicas – do ponto de vista de Micheletti (2003) –, este projeto de pesquisa de mestrado tem como objetivo investigar o ativismo vegano, considerando alguns conceitos-chave da abordagem teórica presente na obra de Bourdieu, como *habitus*, gosto, violência simbólica, estilos de vida e distinção.

A hipótese inicial de trabalho, a de que o consumo politizado, representado pela ação de indivíduos ou grupos de indivíduos que fazem escolha entre produtores ou fabricantes e seus produtos – como fazem os veganos –, mediante escolhas baseadas em atitudes e valores não-econômicos, pode iniciar mudanças sociais, e será testada ao final desta pesquisa.

Entretanto, o desenvolvimento aprofundado do *consumo politizado*, não somente do ponto de vista de Micheletti, mas de outros autores que vêm pensando o tema, será feito no âmbito de uma pesquisa posterior, como continuidade dos caminhos abertos por este estudo com os vegetarianos e sua vertente mais ativista: os veganos.

Na falta de um sistema integrado e permanente de valores que oriente a ação, o indivíduo se vê impelido a traçar suas próprias diretrizes de forma mais reflexiva, consciente, assumindo posições. Nesse contexto, a reflexividade – umas das fontes de dinamismo da modernidade, conforme propõe Giddens (1991) –, permite ao sujeito a possibilidade de escolher e decidir quanto aos rumos de seu cotidiano, de sua sexualidade e do seu consumo.

No que diz respeito ao consumo, o veganismo propõe escolhas distintas das tradicionais formas vigentes de consumir, defendendo o abster-se do consumo de produtos de origem animal, o boicote às empresas que usam carne e pele de animais e abolição dos animais como propriedade.

Comer um hambúrguer de soja, para um vegetariano, não diz respeito somente a uma escolha mais saudável ou nutritiva para ele enquanto indivíduo – não é uma ação privada que atende a objetivos meramente privados, que dizem respeito a sua esfera íntima –, mas está relacionado a questões éticas, ecológicas e econômicas mais amplas que os adeptos do vegetarianismo defendem (crueldade com animais; devastação de áreas verdes para a ampliação

dos pastos para a criação de gado; destinação de grãos para a engorda de animais para o abate, que poderiam ser utilizados na alimentação humana; etc).

E ao questionarem as escolhas quanto aos tipos de alimentos que devem ser consumidos, os veganos enfrentam em seu dia-a-dia a violência simbólica não só daqueles que auferem lucros com as formas vigentes de consumo, mas de grande parcela da sociedade.

Mediante a utilização do conceito de violência simbólica (como veremos no capítulo 2), poderemos compreender o mecanismo que faz com que jovens indivíduos que pretendam adotar uma alimentação que restringe a carne vejam como *naturais* as representações ou as ideias sociais dominantes de que quem não come carne é um sujeito debilitado, fraco, ou *estranho*. Como lidam com ela? Como a superam? Qual a profundidade do impacto da violência simbólica que enfrentam os veganos?

Por outro lado, os veganos utilizam alguma forma de violência simbólica para atrair simpatizantes para a causa que defendem? Isto se daria quando, por exemplo, divulgam imagens de animais sendo maltratados, provocando um sentimento de culpa entre aqueles que comem carne? Ou quando respondem rispidamente que *não ingerem cadáveres de animais*”?

Se o estilo de vida, que implica uma *adoção*, uma escolha entre várias possíveis, é uma característica das sociedades modernas, em que a própria possibilidade de escolha está presente (de forma reflexiva, diria Giddens (1991), como os veganos se exprimem em termos de vestimentas, linguagem, preferências estéticas e práticas políticas? Podemos falar de estilo de vida vegano?

E se o que define os elementos que compõem o conjunto simbólico a que Bourdieu (1983) denomina estilo de vida é a distância em relação às necessidades básicas dos indivíduos ou grupos, podemos afirmar que estaríamos diante de um estilo de vida sofisticado, restrito a uma pequena parcela da sociedade, próprio de uma metrópole globalizada, ou ele é expansível às demais camadas do corpo social?

A questão a ser investigada é, precisamente, se o(s) estilo(s) de vida que decorre(m) dessa proposta pode(m) ser adotado(s) de forma ampla ou é(são) restrito(s) a poucos, porque expressão de uma classe dominante (o estilo vegano é elitista?) que remete à questão sobre quem são os difusores e quem são os adeptos do veganismo e do consumo politizado.

O estudo do veganismo também permitirá que se entenda, sob a perspectiva do conceito de distinção, se abster-se de carne ou de qualquer outro tipo de produto de origem animal é apenas um indicador de valores que apontam para as estratégias de diferenciação de seus adeptos no meio social ou tem implicações mais profundas com vistas à transformação social.

Esta dissertação se apresenta com a seguinte estrutura: capítulo 1, onde explico em detalhes o protocolo metodológico utilizado na pesquisa, que combinou diversas técnicas empíricas, como a entrevista em profundidade, o questionário online sobre hábitos vegetarianos, a entrevista por *e-mail*, a observação etnográfica tradicional e a etnografia virtual.

No capítulo 2 apresento as origens vegetarianas do ativismo vegano, os diversos tipos de *vegetarianismos* existentes, as diferenças entre regime e prática alimentar vegetarianos, as principais motivações para tornar-se vegetariano – saúde, religião, ecologia, economia, ética –, além de apontar o perfil, as características do estilo de vida e as *violências simbólicas* sofridas pelos vegetarianos residentes na Região Metropolitana de São Paulo.

No capítulo 3, por sua vez, apresento três autores que, cada um a sua maneira, contribui com conceitos – senciência, especismo, bem-estarismo, entre outros – que servem de referência teórica à ação dos veganos.

No capítulo 4 discorro sobre o que é o veganismo, no que ele se constitui, como se organizam os grupos e coletivos existentes na Região Metropolitana de São Paulo, como atuam e como difundem sua causa.

No capítulo 5 apresento minha interpretação sobre o significado social do veganismo e dou início à discussão sobre a contribuição do ativismo vegano para iniciar mudanças sociais, a partir do questionamento do consumo de produtos que utilizem animais.

Capítulo 1 – Protocolo metodológico: abordagens *on* e *off line*

1.1 Uma estratégia metodológica que combina diversas técnicas empíricas

Quando iniciei o planejamento deste projeto de pesquisa de mestrado, eu acreditava que o fato de ser vegetariano e, por decorrência, ter certa *proximidade* com meu objeto de estudo, facilitaria o levantamento dos dados necessários para a realização da dissertação de mestrado.

Em princípio, acreditava que os livros publicados a respeito do vegetarianismo e o material criado pelos próprios vegetarianos e disponibilizados na Internet em diversos *sites*, *blogs*, fóruns e comunidades *on line* seriam minha principal fonte de dados para esta pesquisa. Bastaria somar, a este levantamento da produção material escrita produzida pelos vegetarianos, certo número de entrevistas em profundidade com alguns de seus representantes – haja vista que esta é uma das principais técnicas qualitativas utilizadas no âmbito de uma pesquisa para um projeto de mestrado em ciências sociais – e a leitura de alguns teóricos e, *voilà*: a receita se completaria.

Mas eu optei por uma receita diferente, não por mero capricho, mas porque percebi, logo no início do planejamento, que o que estava sendo dito nos *sites* sobre vegetarianismo carecia de uma fundamentação baseada em dados concretos.

Diante de muitos questionamentos que estavam no cerne da minha pesquisa, senti a necessidade de partir para a busca de dados primários que dessem conta de responder às minhas indagações. Sendo assim, passei a *questionar* livros e *sites* em busca de respostas a algumas questões: qual seria a proporção de veganos entre os que se denominam vegetarianos; quem influenciou a decisão de tornarem-se vegetarianos ou veganos; quem (ou o que) foi o principal influenciador da mudança de onívoro para vegetariano; ou ainda qual a proporção de vegetarianos que já sofreram algum tipo de violência física ou simbólica (nos termos de Bourdieu) e de qual tipo seria essa violência sofrida.

O início da pesquisa deu-se através de um levantamento documental mediante uma revisão bibliográfica nacional e estrangeira sobre o vegetarianismo e a sua vertente mais ortodoxa: o veganismo. Posteriormente foi feito um levantamento de dados sobre organizações, coletivos, empreendimentos sem e com fins lucrativos que desenvolvem um trabalho de difusão do

veganismo na cidade de São Paulo, por meio de análise documental de impressos, *sites* na internet relacionados com o ativismo vegano, listas de discussão patrocinadas pelos movimentos, revistas relacionadas com o tema, entre outros materiais.

Quando terminei a fase de levantamento documental e passei à fase de campo, optei por desenvolver uma estratégia metodológica que combinasse diversas modalidades de técnicas de pesquisa, com o objetivo de *saturar* os dados empíricos obtidos, revelando questões não respondidas por outras fontes de dados (*sites* de organizações vegetariananas, materiais impressos, revistas e livros).

As técnicas qualitativas utilizadas nesta pesquisa foram: a entrevista em profundidade tradicional, a entrevista por *e-mail* somente com questões abertas, e a observação etnográfica. Utilizei também a técnica da entrevista quantitativa *on line*. A seguir explico, em detalhes, como cada uma das técnicas foi aplicada e quais suas finalidades.

1.1.1 Entrevista em profundidade presencial

A entrevista em profundidade (EP) é uma entrevista não-estruturada, direta, pessoal, em que um único respondente é testado por um entrevistador treinado (neste caso, o próprio pesquisador), para descobrir motivações, crenças, atitudes e sensações referentes a um determinado assunto (Malhotra, 2001: 163).

Para este estudo foram entrevistados 12 vegetarianos através desta técnica, com duração de aproximadamente uma hora e vinte minutos cada uma das entrevistas. Entre esses 12 vegetarianos, 4 eram ovolactovegetarianos e 8 veganos – sendo 5 ativistas vinculados a alguma organização ou coletivo de defesa do veganismo (ou de defesa dos direitos dos animais) e 3 ativistas sem vinculação a instituições. Para tanto, um recrutamento prévio foi feito a partir de consulta a cadastrados nos seguintes *sites* e comunidades vegetariananas na Internet:

- Cadastro Veg, com 1.907 membros cadastrados.⁷
- Guia Vegano, com 867 membros cadastrados.⁸
- Yahoo Veg-Brasil, com 2.019 membros cadastrados.⁹

⁷ Site <www.cadaastroveg.org>, acessado em 6 de junho de 2009.

⁸ Site <www.guiavegano.com.br>, acessado em 6 de junho de 2009.

- Comunidades do Orkut:
 - Vegetarianos, com 23.319 membros cadastrados.¹⁰
 - Somos Vegetarianos, com 15.147 membros cadastrados.¹¹
 - Vegetarianos pelos Animais, com 14.025 membros cadastrados.¹²
 - Orgulhosamente Vegetariano, com 8.162 membros cadastrados.¹³
 - Paulistanos Vegetarianos, com 5.514 membros cadastrados.¹⁴

Foi realizado um sorteio aleatório dos cadastrados e um agendamento posterior por *e-mail* para a realização da entrevista, feita pessoalmente em um local de fácil acesso ao respondente (padaria, café, residência do entrevistado, etc.) e escolhido consensualmente entre ambas as partes (pesquisador e entrevistado). O roteiro e o convite utilizados encontram-se nos apêndices desta dissertação.

O objetivo destas entrevistas foi o de levantar informações preliminares sobre o indivíduo vegetariano e sobre sua participação na difusão do vegetarianismo. Entres as informações obtidas estão:

- Tempo de adesão ao vegetarianismo;
- Motivações para tornar-se vegetariano(a);
- Acontecimento(s) que motivou (motivaram) a mudança;
- Forma como ocorreu o processo de mudança;
- Reação do corpo e mente à(s) mudança(s);
- Reação de familiares e amigos à alteração de hábitos;
- Violências sofridas no processo de tornar-se vegetariano(a);
- Participação em manifestações que divulguam o vegetarianismo (passeatas, coletivos, fóruns de discussão na Internet, *blogs*, festas, eventos, etc);

⁹ Site <<http://br.groups.yahoo.com/group/veg-brasil/>>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹⁰ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=115855>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹¹ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=475144>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹² Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=791145>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹³ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=7280316>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹⁴ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=64642>, acessado em 6 de junho de 2009.

Esta fase permitiu uma melhor compreensão das características dos vegetarianos a partir de suas próprias palavras, contribuindo para enriquecer as informações obtidas em *sites* e publicações a respeito do vegetarianismo. Com essas entrevistas também pude calibrar a abordagem que seria utilizada no questionário da pesquisa quantitativa *on line*, tanto na forma das perguntas a serem feitas quanto nas alternativas de respostas disponíveis aos entrevistados.

Dentre as 12 entrevistas, 6 foram realizadas entre os dias 10 de junho e 15 de julho de 2009 e 6 entre os dias 10 de janeiro e 11 de fevereiro de 2010.

1.1.2 Questionário *on line* sobre hábitos vegetarianos

Vegetarianos fazem um uso intensivo da Internet. Além dos tradicionais sites onde se expõem ideias, eles utilizam diversas ferramentas virtuais que a Internet propicia. Eles estão presentes em diversos *blogs*, trocam experiências, apresentam receitas, divulgam campanhas e mobilizam-se para intervenções através de listas de discussão no *Yahoo* e no *Google*, além de formarem inúmeras comunidades em redes sociais de relacionamento no *Orkut* e no *Ning*. Também utilizam *sites* de compartilhamento de vídeo, como o *You Tube* e o *Google Video*, tornando disponíveis diversos vídeos com suas mais recentes ações (manifestações, passeatas e panfletagens).

Mas esta não é a principal justificativa para uma pesquisa *on line* com vegetarianos. A utilização da Internet para os mais diversos fins vem, ano a ano, incorporando cada vez mais brasileiros, de diversas faixas etárias, estratos sociais e localidades. Não podemos mais afirmar que a Internet é um fenômeno cultural restrito a jovens brancos, de classe média, residentes em grandes centros urbanos. A Internet hoje pertence a amplas parcelas da sociedade, que a acessam por meio de *lan houses*, *ciber cafés*, centros governamentais de inclusão digital e, devido à expansão do crédito, tem possibilitado a aquisição de computadores pelas classes C e D.

Ainda que a experiência do autor desta dissertação de mestrado, gerenciando projetos de pesquisa de mercado e opinião via Internet nos últimos três anos, também permita afirmar que os resultados de pesquisas *on line* tendem a apresentar os mesmos resultados de uma pesquisa realizada via telefone ou pela forma mais tradicional (com o entrevistador abordando o respondente pessoalmente), faço – em benefício de certa prudência metodológica – o alerta de

que os resultados que serão apresentados referem-se a vegetarianos *conectados* residentes na Região Metropolitana de São Paulo.

Utilizo o termo *conectado* para caracterizar o público da pesquisa de uma forma que leve em conta uma baixa intensidade de utilização do *e-mail*. Ou seja, o conectado aqui não é o *heavy user* de Internet (decidi não levantar esta informação – tempo de acesso diário – para não aumentar o tempo de resposta do entrevistado), mas sim aquele que tem um *e-mail* e que algum dia se inscreveu em alguma comunidade sobre vegetarianismo disponível na Internet. O conectado, no âmbito desta pesquisa, é, portanto, alguém que tenha uma conta de *e-mail* válida.

De forma geral, uma pesquisa quantitativa *on line* consiste no envio de questionários de autopreenchimento aplicados via Internet, com controle de IP¹⁵ e garantia de apenas uma resposta por entrevistado.

No caso específico desta pesquisa, foram selecionadas aleatoriamente 6.000 pessoas que se cadastraram nos seguintes *sites* vegetarianos:

- Cadastro Veg, com 1.907 membros cadastrados.¹⁶
- Guia Vegano, com 867 membros cadastrados.¹⁷
- Yahoo Veg-Brasil, com 2.019 membros cadastrados.¹⁸
- Comunidades do Orkut:
 - Vegetarianos, com 23.319 membros cadastrados.¹⁹
 - Somos Vegetarianos, com 15.147 membros cadastrados.²⁰
 - Vegetarianos pelos Animais, com 14.025 membros cadastrados.²¹
 - Orgulhosamente Vegetariano, com 8.162 membros cadastrados.²²
 - Paulistanos Vegetarianos, com 5.514 membros cadastrados.²³

¹⁵ O endereço IP (Internet Protocol), de forma genérica, é um conjunto de números que representa o local onde está localizado um computador em uma rede privada ou pública. Como todo equipamento deve navegar por endereços de domínio – como, por exemplo, www.pucsp.br – que são convertidos em um endereço IP, ao fazer o controle de endereço IP, é possível identificar o computador pelo qual o respondente está preenchendo o questionário, ou mesmo se está tentando respondê-lo mais de uma vez.

¹⁶ Site <www.cadaastroveg.org>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹⁷ Site <www.guiavegano.com.br>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹⁸ Site <<http://br.groups.yahoo.com/group/veg-brasil/>>, acessado em 6 de junho de 2009.

¹⁹ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=115855>, acessado em 6 de junho de 2009.

²⁰ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=475144>, acessado em 6 de junho de 2009.

²¹ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=791145>, acessado em 6 de junho de 2009.

²² Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=7280316>, acessado em 6 de junho de 2009.

Após a pré-seleção aleatória de cadastrados para a formação de uma listagem de respondentes, destes foram selecionados, também aleatoriamente, 600 nomes de pessoas residentes nos 39 municípios que compõem a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

Para esses 600 nomes, foram enviados por *e-mail* um convite com a apresentação dos objetivos da pesquisa e um *link* (em formato HTML), direcionando para a página do servidor onde estava hospedada a pesquisa.²⁴ Tanto o convite quanto o questionário utilizados constam integralmente dos apêndices desta dissertação.

O questionário ficou disponível para os respondentes entre os dias 17 e 27 de julho de 2009. De 600 convites enviados por *e-mail*, 415 pessoas abriram-no, 307 começaram a responder o questionário e 200 entrevistados – cumprindo os critérios estabelecidos pela pesquisa (vegetarianos e residentes na RMSP) – completaram-no. A taxa de retorno final desta pesquisa foi de 33,3%. Considerando um intervalo de confiança de 95%, a margem de erro para o total da amostra é de 6,4%.

Após o período de término da fase de campo, houve uma fase de consistência, processamento e análise dos dados coletados, feitos com o auxílio do software SPSS.

O objetivo da pesquisa quantitativa foi o de mensurar aspectos não respondidos por outras fontes de dados, como *sites* de organizações vegetarianas, materiais impressos, revistas e livros, a respeito dos seguintes aspectos:

- Dados de perfil (sexo, idade, grau de escolaridade, local de residência, religião);
- Caracterização de sua opção alimentar (lactovegetariano, vegano, etc.);
- Motivações para tornar-se vegetariano(a);
- Acontecimento(s) e pessoas que motivaram a mudança;
- Modo como ocorreu o processo de mudança;
- Idade em que fez a opção de mudança;
- Discriminação física e simbólica sofrida;
- Fontes de informações sobre o vegetarianismo;

²³ Site <www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=64642>, acessado em 6 de junho de 2009.

²⁴ Para a realização da pesquisa quantitativa contratei o serviço Survey Console da empresa norte-americana *Survey Analytics Enterprise Survey Software Inc.*

- Participação em ações de divulgação do vegetarianismo.

Esta fase permitiu uma mensuração e melhor exploração de características e hábitos dos vegetarianos, contribuindo para enriquecer as informações dispersas obtidas em *sites* e publicações a respeito do vegetarianismo.

1.1.3 Entrevista por *e-mail* com questões abertas

Alguns questionamentos surgidos a partir das entrevistas em profundidade presenciais não puderam ser explorados no questionário *on line*, pois eu não desejava sobrecarregar o entrevistado com um questionário muito longo, que poderia acarretar uma influência negativa previsível na taxa de retorno das respostas. Para compreender esses pontos não cobertos pelo questionário quantitativo, decidi utilizar outro instrumento de coleta de dados: o questionário por *e-mail* com todas as perguntas abertas.

Procedeu-se, então, a um sorteio e posterior contato (via *e-mail*, MSN e *Skype*) com 18 respondentes da pesquisa quantitativa *on line*. Após o envio de *e-mails* com o questionário – entre os dias 21 e 23 de julho de 2009 –, 10 vegetarianos enviaram respostas – entre os dias 21 e 25 de julho de 2009.

Entre as informações obtidas estão:

- Reação do corpo à mudança ao se tornar vegetariano;
- Reação de familiares, amigos e demais pessoas de seu relacionamento à mudança de hábito;
- Aspectos da vida do entrevistado alterados após se tornar vegetariano;
- Participação em eventos e grupos ativistas vegetarianos;
- Preocupação com questões que envolvem exercício da cidadania após tornar-se vegetariano;
- Alteração (e questionamento) do padrão de consumo após tornar-se vegetariano;
- Opinião sobre as pessoas que são onívoras;
- Argumentação utilizada para defender o vegetarianismo (se utiliza e quando).

1.1.4 Observação etnográfica

Durante três meses eu realizei diversas experiências de interação com os sujeitos de investigação. Foram diversas idas a campo para, através do método da observação etnográfica, poder captar o cotidiano dos vegetarianos em termos *espaciais* – os lugares onde se desenvolvem as suas relações de sociabilidade e de discussão do vegetarianismo e de outros temas correlatos; *temporais* – representados pelos movimentos dos vegetarianos *no* e *pelo* vegetariano, suas conexões com um passado onívoro e um futuro (provavelmente) vegano; *cosmológico* – procurando compreender suas ideias a respeito de *um mundo sem sofrimento animal*; *social* – observando a organização interna dos coletivos veganos e suas relações com a sociedade; e *das práticas* – materializadas nas atividades que desenvolvem, em sua relação com pessoas que não são vegetarianas e em suas escolhas por produtos e serviços a serem consumidos.

A observação etnográfica, ao permitir o mergulho, no cotidiano dos sujeitos estudados, possibilita captar o significado e o sentido das práticas coletivas exercidas entre seus integrantes.

Estive presente em ações de panfletagem de grupos veganos, em manifestações contra a utilização de animais em circo, em feiras onde eram vendidos produtos vegetarianos, em debates sobre *libertação animal* e *diplomacia vegana* (sic). Fui a reuniões de grupos veganos, a apresentações de filmes sobre libertação animal promovidas por ativistas e a palestras de divulgação do vegetarianismo. Observei, por horas a fio, diálogos e comportamentos em uma padaria vegana na cidade de São Paulo, em uma sorveteria que é um ponto de encontro muito frequentado por vegetarianos e em diversos restaurantes vegetarianos e veganos.

Essas situações de interação, além de subsidiarem, posteriormente, a construção dos instrumentos de coleta de dados que utilizei no campo, permitiram – como diria Geertz –, uma *descrição densa* (Geertz, 1989) da complexidade envolvida na concepção de mundo e da prática cotidiana dos vegetarianos e, principalmente, da versão mais ativista do movimento, o veganismo.

1.1.5 Etnografia virtual

Concomitante ao mundo real, as pessoas vivem em mundo virtual: defendem opiniões em chats, escrevem em blogs, fazem comentários elogiosos (e outros nem tanto) em grupos de discussão, convidam para eventos, demonstram apoio ou recriminam atitudes nas redes sociais em que estão cadastrados. Eis algumas das situações que possibilitam grandes descobertas ao antropólogo e aos pesquisadores em geral. Mas, para que a observação participante ocorra sempre há a necessidade de estar fisicamente presente no local de observação?

Penso que os ambientes virtuais, e em particular, a Internet se configuram em espaços riquíssimos para a observação de campo. De acordo com Amaral, Natal e Viana (2008), dois termos têm sido comumente utilizados para denominar a prática de campo em ambiente virtuais, como a Internet. Um deles é o termo netnografia – neologismo formado a partir das palavras inglesas net + ethnography – e o outro é etnografia virtual, destacando que o primeiro

[...] tem sido mais amplamente utilizado pelos pesquisadores da área do marketing e da administração enquanto que o termo etnografia virtual é mais utilizado pelos pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais. (Amaral, Natal e Viana, 2008: 2).

Apesar dos dois termos fazerem referência a uma mesma abordagem metodológica de pesquisa do ciberespaço, como este trabalho está inserido no campo das ciências sociais, utilizarei aqui o termo etnografia virtual em vez de netnografia para denominar a metodologia que utilizei quando fui a campo.

Durante todo o período de realização da pesquisa – quase três anos – eu “observei” intensamente o que os vegetarianos “vivenciavam” na Internet. Objetivamente isto quer dizer: fazer inscrição em diversos grupos de discussão e comunidades sobre vegetarianismo, veganismo, defesa dos animais e afins.

Grupos de discussão e comunidades de interesses permitiram a este pesquisador acompanhar debates, convocações para ações (passeatas, panfletagens, palestras, mostras de filmes, etc.). Permitiram também a leitura, muitas vezes em primeira mão, de escritos recém-lançados e sua imediata repercussão entre os ativistas, além de observar diversos “bate bocas”

entre ativistas veganos e entre estes e aqueles que não compartilham sua visão de mundo, aqueles que eles denominam de “onívoros”.

Cabe mencionar ainda que foi a partir desta etnografia virtual que descobri locais e eventos veganos “reais” – que posteriormente visitei –, os quais, provavelmente, eu demoraria muito mais tempo para encontrar. Acompanhar conversas entre veganos nos chats e em grupos de discussão permitiu ainda compreender relações que não ficavam claras quando eu lançava mão da modalidade clássica de observação participante.

Enfim, em se tratando de um ativismo que utiliza intensamente a Internet para se organizar e para se difundir, sempre me pareceu “natural” a observação das manifestações veganas no ambiente virtual.

Capítulo 2 – “Mas peixe você come, não é?”: as origens vegetarianas do ativismo vegano

Se os matadouros tivessem paredes de vidro, todos seriam vegetarianos. Nós nos sentimos melhores com nós mesmos e melhores com os animais, sabendo que nós não estamos contribuindo para o sofrimento deles.²⁵

2.1 Eles estão na mídia: seis fatos relevantes

Junho de 2006. *Época*, umas das revistas semanais mais lidas do Brasil estampa, em sua capa, a atriz e modelo Fernanda Lima, mordendo uma folha de espinafre e a seguinte manchete: “Vegetarianismo chique” e, ao lado, a chamada: “Por razões de saúde? Por respeito aos animais? Por ambas as coisas? O fato: a dieta sem carne está virando uma mania”. Em matéria de nove páginas, a revista apresenta vários depoimentos de famosos e de pessoas comuns que adotaram o vegetarianismo, aponta uma lista com vegetarianos *ilustres* (Pitágoras, Kafka, Steve Jobs, entre outros), procura esclarecer as *verdades e mitos* sobre o que envolve ser vegetariano, menciona restaurantes brasileiros que seriam representantes de uma *alta gastronomia vegetariana* e traz uma entrevista com o filósofo Peter Singer, professor da cadeira de bioética da Universidade de Princeton, vegetariano e um conhecido defensor dos direitos dos animais. Singer chega a afirmar na revista que “escravizar e matar animais é uma variante do racismo. É submeter o mais fraco somente porque pertence à outra espécie”.²⁶

²⁵ Frase atribuída ao ex-Beatle Paul McCartney, reproduzida em vários *sites* vegetarianos.

²⁶ Entrevista concedida à revista *Época*, no 421, de 12 de junho de 2006.



FIGURA 1 - Capa de Revista Época, com a matéria sobre vegetarianismo

Fonte: Site da revista:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EGG0-15210-8.00.html>,
1/06/2009

Setembro de 2007. O jornal O Estado de São Paulo noticia que um estudante de Biologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) entrou com uma solicitação na justiça brasileira para que tivesse o direito legal de não participar de aulas práticas de dissecação de animais, argumentando que matar animais em aulas era contra sua consciência. Segundo o aluno, “os animais têm direito à liberdade, à vida, a não sentir dor. Nós, humanos, não estamos acima dos direitos dos animais”.²⁷

Julho de 2008. Na 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Unicamp, durante o I Fórum das Comissões de Ética em Experimentação Animal do Brasil, ativistas do grupo Vegan Staff e da Organização Protetora dos Animais (OPA) organizam uma manifestação contra os experimentos. Cartazes com as frases “Os experimentos em animais atrasam o progresso da ciência” e “Auschwitz ainda existe para milhões de animais” são expostos enquanto um debate entre cientistas ocorre. Dois ativistas ainda sobem ao palco, pintam com tinta vermelha o braço da pesquisadora Regina Pekelmann Markus e pronunciam para a plateia uma única frase: “Até quando o assassinato será visto como ciência?”.²⁸

²⁷ Matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo, p. A16, de 11 de setembro de 2007.

²⁸ Matéria publicada no site do Centro de Mídia Independente. Disponível em www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/07/425276.shtml> Acesso em 18 de junho de 2009.

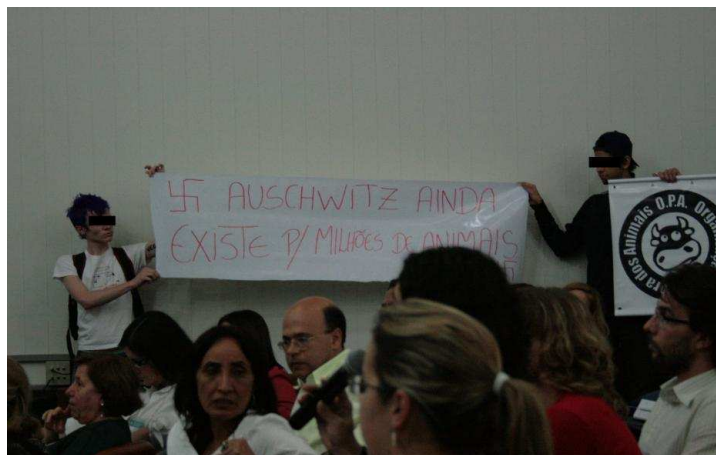


FIGURA 2 - Manifestação de militantes da Organização Protetora dos Animais (OPA) na 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)
Fonte: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/07/425276.shtml>, 2/06/2009.

Novembro de 2008. O tema da prova da primeira fase do vestibular da UNICAMP é sobre a relação entre homens e animais. O tema da redação aborda o uso de animais em pesquisas científicas. O vestibulando pode escolher entre fazer uma narração ou escrever uma carta. Caso o candidato opte por fazer a narração, terá de criar um personagem que altere seus hábitos para ser coerente com a sua militância em defesa da causa animal. Por outro lado, se optar pela carta, deverá fazer uma exposição a respeito da sua opinião sobre as pesquisas científicas com animais a um membro do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), de forma que a sua posição prevaleça na atuação do conselho.

Um dos textos que dá subsídios aos vestibulandos é um artigo publicado no *site* Sentiens/Pensata Animal, de Laerte Fernando Levai, promotor de justiça em São José dos Campos/SP:

[...] O fundamento jurídico para a proteção dos animais, no Brasil, está no artigo 225 da Constituição Federal, que incumbe o Poder Público de “proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou submetam os animais à crueldade”. Apoiada na Constituição, a Lei 9605, de 1998, conhecida como Lei de Crimes Ambientais, criminaliza a conduta de quem “praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”. Contudo, perguntas inevitáveis surgem: como o Brasil ainda compactua, em meio à vigência de leis ambientais avançadas, com tantas situações de

crudeldade com os animais, por vezes aceitas e legitimadas pelo próprio Estado? Rinhas, ferra do boi, carrocinha, rodeios, vaquejadas, circos, veículos de tração, gaiolas, vivisseção (operações feitas em animais vivos para fins de ensino e pesquisa), abate, etc. – por que se mostra tão difícil coibir a ação de pessoas que agridem, exploram e matam os animais? (Adaptado de Fernando Laerte Levai, Promotoria de Defesa Animal. www.sentiens.net, 04/2008.)²⁹

Além deste e de outros textos de apoio ao vestibulando, o material da prova da Unicamp apresenta uma foto, com membros da ONG Vegan Staff, portando uma faixa onde está escrito: “Os experimentos em animais atrasam o progresso da ciência”.



FIGURA 3 - Manifestação de militantes da ONG Vegan Staff na 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), reproduzida na prova do vestibular da Unicamp em 2009.

Fonte: www.veganstaff.org, 2/06/2009.

A esses quatro fatos, vamos acrescentar mais dois, um ocorrido nos EUA e outro na Inglaterra.

Abril de 2009. O *site* do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), órgão do governo norte-americano que tem como missão proteger e defender o país contra a ação de terroristas e *ameaças externas*³⁰ inclui em sua lista de terroristas mais procurados (*New Most Wanted Terrorist*) – a

²⁹ Matéria publicada no *site* do Pensata Animal. Disponível em <<http://www.pensataanimal.net/central/f12009redacao.pdf>> Acesso em 18 de junho de 2009.

³⁰ No original e completa, a missão do órgão é “to protect and defend the United States against terrorist and foreign intelligence threats, to uphold and enforce the criminal laws of the United States, and to provide leadership and criminal justice services to federal, state, municipal, and international agencies and partners”. Disponível em <<http://www.fbi.gov/quickfacts.htm>> Acesso em 17 de junho de 2009.

mesma que inclui Bin Laden – o norte-americano Daniel Andreas San Diego, de 31 anos, um ativista dos direitos dos animais, envolvido com a organização *Stop Huntingdon Animal Cruelty* (SHAC).

Segundo o *site* do FBI, ele deve ser considerado *armado e perigoso* (*armed and dangerous*) e é acusado de cometer atentados à bomba em laboratórios que realizam experimentações científicas em animais para o desenvolvimento de medicamentos, principalmente os da *Huntingdon Life Sciences*.

Segundo o FBI, ataques de ativistas como San Diego já causaram prejuízos de US\$ 110 milhões, em mais de 1.800 atos criminosos.³¹ Em seu *site*, o FBI oferece US\$ 250 mil de recompensa e descreve o terrorista: “Ele é vegano e evita consumir ou vestir qualquer tipo de produto de origem animal”³².



FIGURA 4 – Foto de Daniel Andreas San Diego, divulgada no site do FBI, entre os terroristas mais procurados pelo órgão do governo norte-americano.

Fonte: http://www.fbi.gov/wanted/terrorists/tersandiego_da.htm, 18/06/2009.

³¹ No original: “To date, extremists have been responsible for more than 1,800 criminal acts and more than \$110 million in damages. Currently, we are investigating approximately 170 such extremist incidents across the country”. Disponível em <<http://www.fbi.gov/quickfacts.htm>> Acesso em 18 de junho de 2009.

³² No original: “He is a vegan, and avoids consuming or wearing anything made with animal products.” Disponível em <<http://www.fbi.gov/quickfacts.htm>> Acesso em 18 de junho de 2009.

Novembro de 2009. O centenário jornal inglês *The Times* publica as declarações de lorde Nicholas Stern of Brentford, ex-economista do Banco Mundial, professor da *London School of Economics* e autor de um relatório sobre as mudanças climáticas, encomendado pelo governo do Reino Unido. Segundo o relatório, tanto a pecuária extensiva como a produção de ração para animais significa um desperdício de água e vem contribuindo para o efeito estufa.

Com base nessas constatações, lorde Stern recomenda que a próxima cúpula sobre mudança climática de Copenhague (que ocorreu em dezembro de 2009), sobretaxe o preço da carne e de outros alimentos que, durante seu processo de produção, foram responsáveis pela liberação de quantidade significativa de gases poluentes, causadores do efeito estufa.

Para Stern, o hábito das pessoas de comer carne e derivados terá que mudar até que se torne inaceitável. Além da taxação, ele propõe que as pessoas se tornem vegetarianas: “A carne é um desperdício de água e cria uma grande quantidade de gases de efeito estufa. Ela coloca uma enorme pressão sobre os recursos do mundo. Uma dieta vegetariana é melhor.”³³



FIGURA 5 – Reprodução da página online do jornal inglês Times destacando o alerta de Lord Stern sobre a relação entre o consumo de carne e o aquecimento global.

Fonte: <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/environment/article6891362.ece>, 3/11/2009.

³³ No original: Meat is a wasteful use of water and creates a lot of greenhouse gases. It puts enormous pressure on the world's resources. A vegetarian diet is better. Disponível em <<http://www.timesonline.co.uk/tol/news/environment/article6891362.ece>> Acesso em 3 de novembro de 2009.

Quatro fatos ocorridos no Brasil e dois fora do país que envolvem a discussão de um tema comum – o não consumo de carne – são o ponto de partida desta pesquisa.

Em princípio considerada apenas como uma escolha alimentar – a vegetariana – entre tantas outras disponíveis, escolha essa marcadamente da ordem do privado, observa-se, a partir de uma leitura atenta dos fatos apresentados acima, que os personagens mencionados fazem questão de explicitar essa escolha de diversas formas, seja através de manifestações públicas a favor de sua escolha – em um congresso científico, por exemplo –, seja invadindo laboratórios que fazem experimentos com animais.

Essa escolha explicitada em atos públicos em defesa do que acreditam tem motivado diversos meios de comunicação a publicar matérias que envolvem esses personagens que não ingerem carne e fazem questão de deixar claro para o mundo sua escolha.

A matéria publicada na revista *Época* que foi citada acima é apenas uma amostra das dezenas de reportagens publicadas em revistas, jornais, *sites* e das inúmeras entrevistas com ativistas que as emissoras de televisão – abertas ou fechadas – têm dedicado ao tema do vegetarianismo, marcadamente sua vertente mais ortodoxa ou radical, o veganismo.

O termo *radical* pode ser associado, em primeiro lugar, a uma opção extrema em relação ao consumo e utilização de qualquer produto animal, pois os veganos (ou *vegans*, termo em inglês, porém também adotado no Brasil, por eles, para se autodenominar) não comem carne, ovos e leite, não usam roupas ou objetos que tenham couro ou pele ou medicamentos e cosméticos testados em animais. Mas também pode estar relacionado à forma como os adeptos do veganismo experienciam e explicitam essa opção, de um modo quase sempre muito direto e sem concessões, como a resposta dada por um ativista ao ser questionado, em uma festa, se ele queria um pedaço de picanha: “Não quero, pois não como cadáveres!” (L.F; M; 21; Osasco; vegano) ou saindo às ruas para panfletarem em favor da sua causa.

Mas quem são e o que querem os veganos? Quais são suas formas de atuação e mobilização? Como estão organizados? Quais são suas propostas e como as difundem? Em que medida suas propostas se configuram em elementos de distinção – nos termos de Bourdieu –, para marcar diferenças sociais? Qual é o alcance político efetivo das suas propostas? Em que medida estão afetando/transformando a visão da sociedade a respeito do consumo de carne e da

relação que os homens têm (ou deveriam ter) com os animais? Eles são realmente uma ameaça à sociedade, merecendo a caracterização de terroristas, como quer o FBI?

Para dar conta de responder a essas e outras perguntas é necessário compreender um pouco o que são o vegetarianismo e as suas vertentes.

2.2 Eles não vivem somente de alface: vegetarianos e *vegetarianismos*

A prática do vegetarianismo ganha adeptos no Brasil em uma velocidade que supera a de países com tradição nesse tipo de prática alimentar, como EUA, Inglaterra e Canadá.³⁴ Somente na cidade de São Paulo existem 56 restaurantes, cobrindo todas as cinco regiões da cidade, que não servem nenhum tipo de carne (vermelha ou branca)³⁵. Três deles são exclusivamente veganos.

Embora esses restaurantes recebam um público variado (não somente de vegetarianos), verifica-se uma tendência no aumento de frequentadores que estão passando por um processo gradual de não mais se alimentarem de carne de nenhum tipo³⁶.

Alguns autores (Carneiro, 2003; Bontempo, 2003) afirmam que o vegetarianismo tem sua origem na tradição filosófica indiana, que chegou ao Ocidente através da doutrina pitagórica.

As raízes indianas e pitagóricas do vegetarianismo são ligadas às noções de pureza e contaminação. A visão de respeito aos animais, entretanto, está presente no jainismo, doutrina filosófica e religiosa indiana. O nascimento de uma sensibilidade em relação aos animais, que condena o consumo de animais por motivos morais ou solidários, é muito recente na história da humanidade e existe como tal a partir do século XIX em alguns países da Europa.

Mas quem são os vegetarianos e no que consiste o vegetarianismo?

³⁴ Segundo pesquisa de opinião pública realizada pelo Instituto Ipsos, citada pela Revista Época, nº 421, de 12 de junho de 2006.

³⁵ Levantamento de dados realizado pelo autor deste projeto de pesquisa em junho de 2009, mediante cruzamento de dados feito após consulta a 12 *sites* de gastronomia e culinária (não necessariamente vegetariana) e aos cadernos especializados em gastronomia dos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Jornal da Tarde, além de consultas a *sites* dedicados ao vegetarianismo.

³⁶ Levantamento de dados preliminares realizado pelo autor deste projeto de pesquisa em maio e junho de 2009, a partir de conversas informais com os proprietários/gerentes/funcionários de 7 restaurantes localizados na cidade de São Paulo (Apfel, Nutrisom, Bio Alternativa, Cachoeira Tropical, Gopala Prasada, Villa Vittá e Vegethus).

Os vegetarianos são pessoas que procuram chamar a atenção para as implicações ambientais, religiosas, éticas e sociais do ato de comer carne. Trata-se de um movimento formado por defensores de uma prática alimentar que, segundo seus protagonistas, acompanha os seres humanos desde tempos remotos, quando os primeiros hominídeos comiam frutas, nozes e leguminosas, alimentando-se de carne em períodos de crise extrema. Teria sido na última era glacial (há cerca de 20.000 anos), quando a dieta de alimentos de origem vegetal tornou-se inacessível, que os primeiros *homo sapiens* foram obrigados a comer carne para sobreviver. Esse costume teria permanecido por “necessidade, hábito ou condicionamento”. (Bontempo, 2003: 22).

É preciso apontar que o vegetarianismo pode ser caracterizado como um regime alimentar ou uma prática alimentar associada a uma filosofia de vida. A princípio tentaremos entender no que consiste esse regime alimentar e, em seguida, procuraremos dar conta de explicar os principais aspectos envolvidos na prática alimentar vegetariana.

2.3 “Eu não como cadáveres!”: o regime alimentar vegetariano

Enquanto regime alimentar, o vegetarianismo exclui o consumo de refeições que contenham qualquer tipo de carne animal: de mamíferos, aves, peixes ou frutos do mar. Mas ser vegetariano não significa alimentar-se exclusivamente de vegetais. A propósito do termo *vegetarianismo*, Winckler (1997) aponta que este tem sua raiz no latim *vegetus*, que significa *forte, vigoroso, saudável*³⁷ e não em uma suposta *alimentação à base de vegetais*.

Mas se o vegetarianismo não é baseado exclusivamente no consumo de vegetais e se, por outro lado, exclui o de carne animal, de que se alimentam os vegetarianos, aqueles que adotam esse regime alimentar?

A partir de consulta a diversos livros que são denominados, por seus autores, como sendo voltados à *culinária vegetariana*³⁸, podemos afirmar que o vegetarianismo é um regime baseado fundamentalmente no consumo de cereais (trigo, arroz, aveia, cevada, milho, centeio, entre

³⁷ Marly Winckler, *Vegetarianismo: elementos para uma conversa sobre*, Florianópolis, Rio Quinze, 1997.

³⁸ Para citar apenas dois deles, *O gourmet vegetariano*, de Rosângela de Castro e *Cozinha vegetariana: a soja no seu dia a dia*, de Caroline Bergerot.

outros), frutas (uma grande diversidade, variando de país para país), leguminosas (feijões, ervilhas, lentilhas), hortaliças (alface, brócolis, escarola, etc.), sementes (amêndoa, castanha de caju, avelã, castanha do Pará, semente de abóbora, gergelim, girassol, noz, etc.) algas e cogumelos. É possível encontrar em diversos desses livros a presença de receitas à base de derivados de leite, assim como ovos e mel.

Essa menção aos lactoderivados, aos ovos e ao mel é importante, porque está na raiz de uma distinção que é feita entre os próprios vegetarianos para diferenciá-los entre si: a utilização ou não de outros elementos de origem animal – além da carne – em sua alimentação.

Se observarmos como a *International Vegetarian Union* (IVU) – instituição fundada em 1908 que congrega sociedades vegetarianas nos cinco continentes – define o vegetarianismo, ou seja, como “a prática de não comer carne, aves ou peixes ou seus subprodutos, com ou sem o uso de produtos lácteos ou ovos”³⁹, poderemos compreender por que, nos livros, nos *sites* da Internet, nos folhetos de divulgação e nos discursos dos praticantes deste regime alimentar, aparecem os termos lactovegetarianismo, ovovegetarianismo, ovolactovegetarianismo e o vegetarianismo estrito (ou vegano).

Esses termos tentam dar conta da diversidade de formas da alimentação vegetariana, considerando a utilização (ou não) de derivados de leite, de ovos e da ausência completa de qualquer alimento de origem animal. Além destes, mas em menor proporção, aparecem os adeptos do frugivorismo, cerealismo e crudivorismo.

Os adeptos do lactovegetarianismo alimentam-se de produtos de origem vegetal (como cereais, verduras, leguminosas e frutas), aceitando o consumo de leite de mamíferos e de seus derivados (manteiga, queijo, iogurte, etc), além do mel.

Os ovovegetarianos não consomem derivados de leite, mas alimentam-se de ovos e mel.

Já os praticantes de uma alimentação ovolactovegetariana, além de ingerirem alimentos de origem vegetal e leite e seus derivados, admitem o consumo de ovos e mel.

O frugivorismo é uma modalidade alimentar vegetariana que aceita apenas o consumo de frutas, sejam elas cruas ou cozidas.

³⁹ No original: the practice of not eating meat, poultry or fish or their by-products, with or without the use of dairy products or eggs. Site da IVU <<http://www.ivu.org/faq/definitions.html>>, acessado em 15 de junho de 2009.

Por sua vez o cerealismo (modalidade mais rara de alimentação vegetariana) permite tão somente a ingestão de cereais integrais, cozidos ou crus.

Já os crudívoritas comem somente alimentos crus – frutas, verduras, raízes, tubérculos e cereais –, *conforme a natureza os fornece*, sem a necessidade de fogo e sal. O fogo, para os adeptos desta modalidade de alimentação vegetariana, destruiria a parte mais importante do alimento: sua *energia vital*.

Por último, no vegetarianismo estrito (ou veganismo) há a abstenção total do consumo de alimentos ou quaisquer produtos de origem animal. Veremos mais adiante que os adeptos do veganismo defendem que sua prática não é somente um regime alimentar, mas uma filosofia de vida motivada por convicções éticas, indo além do aspecto alimentar.

<u>Regime Alimentar</u>	<u>Consumo de carne</u>	<u>Consumo de laticínios</u>	<u>Consumo de ovos</u>	<u>Consumo de mel</u>
Lactovegetarianismo	Não	Sim	Não	Sim
Ovovegetarianismo	Não	Não	Sim	Sim
Ovolactovegetarianismo	Não	Sim	Sim	Sim
Frugivorismo	Não	Não	Não	Sim
Cerealismo	Não	Não	Não	Não
Crudivorismo	Não	Sim	Sim	Sim
Vegetarianismo estrito (ou veganismo)	Não	Não	Não	Não

Tabela 1 – Consumo de alimentos segundo as modalidades de vegetarianismo

Fonte: elaborado pelo autor.

2.4 A prática alimentar vegetariana

Se considerarmos que a prática alimentar é

a seleção, o consumo, a produção da refeição, o modo de preparação, de distribuição, de ingestão, isto é, o que se planta, o que se compra, o que se come, como se come, onde se come, com quem se come, em que frequência, em que horário, em que combinação, tudo isso conjugado como parte integrante das práticas sociais (Rotenberg e Vargas, 2004: 86)

poderemos entender o vegetarianismo como algo muito maior do que a simples ingestão regular de certos tipos de alimentos ou ausência de outros. Mais do que uma dieta, o vegetarianismo poderia, ser considerado uma filosofia de vida? Enquanto prática alimentar que tem algo a propor, de onde ela vem? Quando surge?

Antes da década de 60, a alimentação vegetariana praticada era baseada em crenças religiosas e por motivos de saúde. Atualmente, a adoção dessa prática alimentar leva em conta dois outros componentes: as formas de violência contra os animais que estão relacionadas ao consumo de carne (que estou denominando neste projeto de matriz ética do vegetarianismo) e a preocupação com o meio ambiente e com as futuras gerações (matriz ecológica). Todos estes aspectos que levam uma pessoa a se abster da carne – religião, saúde, ética, ecologia –, relacionam o ato de comer com suas implicações sociais e políticas.

Em seguida procuraremos desenvolver detalhadamente esses aspectos do vegetarianismo, ou, dito de outra forma, o que leva uma pessoa a adotar a prática vegetariana.

2.5 Motivações para se tornar vegetariano

2.5.1 Aspectos relacionados à saúde

Uma das motivações que levam alguém a se tornar vegetariano está relacionada à saúde. Ou seja, essas pessoas justificam a mudança para o vegetarianismo por ser essa, supostamente, uma forma mais saudável de alimentar-se.

A mudança de hábito pode ocorrer de diversas formas. Uma delas está relacionada a uma recomendação ou determinação de ordem médica. Após passarem por consulta médica relacionada a alguma enfermidade ou disfunção (doenças cardiovasculares, níveis altos de colesterol, etc) ou a uma indisposição frequente, tornam-se vegetarianos. É importante apontar que a mudança pode também ser fruto de iniciativa própria, como resultado de uma interpretação da prescrição médica a respeito dos malefícios do uso exagerado de carne animal, ou porque leram, em alguma revista, que a carne animal pode ser prejudicial à sua saúde por conter uma grande quantidade de agrotóxicos, que podem ser tão prejudiciais à saúde quanto os hormônios empregados na pecuária.

Muitos se afastaram do consumo de carne animal após a ampla divulgação de notícias a respeito de doenças que afetaram o rebanho bovino da Inglaterra e acabaram por se espalhar para outros países, como a Encefalopatia Espongiforme Bovina (mais conhecida como a *doença da vaca louca*), relatada a partir de 1985, ou a Influenza Aviária A (H5N1), também conhecida como *gripe aviária*, que infectou – a partir de 2005 – seres humanos no sudeste asiático, com grande repercussão dada pela mídia mundial, inclusive a brasileira.

2.5.2 Aspectos relacionados à religião

Muitas pessoas aderem ao vegetarianismo motivadas por razões de ordem religiosa, embora não haja uma imposição clara, por parte de muitas tradições religiosas.

Os budistas, por exemplo, adotam uma dieta vegetariana por acreditarem que o não consumo de carne animal está em consonância com o princípio da *ahimsa* (não violência, na língua portuguesa), que o budismo defende. Esse conceito engloba a rejeição à violência de qualquer tipo e o respeito a toda forma de vida, e foi difundido no Ocidente a partir da luta de Mohandas Gandhi pela libertação da Índia da dominação colonial britânica.

E ao mencionar Gandhi – que não era budista, mas hinduísta – devemos dizer que ocorre algo parecido com os adeptos do hinduísmo, que também tem na *ahimsa* um princípio norteador de suas vidas. E aqui é importante esclarecer que, no caso do Brasil, embora não haja expressiva presença de hinduístas, essa importante corrente religiosa – a terceira em número de adeptos no mundo, somente atrás do catolicismo e do islamismo – influencia os inúmeros praticantes do Ioga, tradicional, conjunto de disciplinas físicas e mentais hinduísta, presente em inúmeros locais de prática pelo país, onde possui milhares de adeptos. Os adeptos do Ioga, embora não se convertam em hinduístas propriamente ditos, adotam um estilo de vida influenciado por essa tradição religiosa indiana, como a alimentação vegetariana.

Os Adventistas do Sétimo Dia também costumam adotar a alimentação vegetariana⁴⁰. Para eles, *o corpo é o templo do Espírito Santo*⁴¹, que deve ser preservado de males que uma

⁴⁰ Vários restaurantes vegetarianos na cidade de São Paulo têm, como proprietários, adventistas, principalmente na região central da cidade.

⁴¹ Diversos sites de propagação das doutrinas adventistas consultados, como www.usb.org.br, www.gracamaior.com.br, <http://www.iapro.com.br>, www.portaladventista.org e

alimentação *incorreta* poderia proporcionar. Em uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), podemos ler que a dieta ordenada por Deus no Jardim do Éden – ou seja, a dieta vegetariana – é a melhor (Lessa e Scheffel, 1989).

E ainda que não obrigatória, podemos observar a defesa dessa prática alimentar em outro escrito adventista que afirma que “entre os que estão aguardando a vinda do Senhor, o comer carne será abandonado, a carne deixará de ser parte de sua alimentação” (White, 1946: 380), ou mesmo que “muitos que são agora só meio convertidos quanto à questão de comer a carne, sairão do povo de Deus para não mais andar com ele” (White, 1946: 383).

Tanto para budistas quanto para hinduístas e adventistas, o vegetarianismo não parece se configurar como um dogma, mas sim como uma recomendação não impositiva, mais atrelada a um estilo de vida que possa levar a certa – digamos assim – purificação do corpo para uma vida religiosa mais plena.

Embora outras tradições religiosas não façam interdição à carne de animais ou defendam ou mesmo mencionem o vegetarianismo como uma prática a ser adotada, cabe ressaltar que, em algumas datas e ocasiões em que elementos de purificação ou penitência são mencionados, a abstinência de carne animal se faz presente.

2.5.3 Aspectos relacionados à ecologia e à economia

A literatura vegetariana – revistas, *sites*, livros, panfletos e outros materiais de divulgação – dá grande ênfase à questão da necessidade de racionalizar a utilização dos recursos naturais para a obtenção de alimentos e ao papel que uma dieta sem carne tem para diminuir o aquecimento global.

É recorrente nessas publicações a menção de que a ampliação de áreas para pastagem do gado ocuparia um espaço importante do cultivo de alimentos para os seres humanos e que, além disso, a alimentação do gado utilizaria uma quantidade de recursos (água, energia, etc.) que

www.alcancandocoracoes.com.br, fazem referência ao corpo como *templo do Espírito Santo*, todas elas citando a seguinte passagem bíblica como justificação: “Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (I Coríntios 6:15,19 e 20).

poderia ser economizada, se o ser humano consumisse diretamente a produção agrícola cultivada e não em forma de *carne*.

De acordo com o órgão das Nações Unidas responsável pela agricultura e alimentação, FAO (*Food and Agriculture Organization*), para a produção de 1 kg de carne de origem bovina são necessários cerca de 15 mil litros de água – levando-se em conta o consumo do animal durante toda sua existência, dividido pelo rendimento bruto da carne do mesmo animal. Em contrapartida, para a produção de 1 kg de soja – grão consumido em larga escala pelos rebanhos mundiais – são gastos menos de 1.300 litros de água, cerca de 10%. Segundo esses dados da FAO, a economia de água chega a ser maior do que 90% (Singer, 2004).

A propósito da contribuição que o consumo de carne tem para o aquecimento global, um estudo de 2006, publicado em *Earth Interactions* e realizado por dois geofísicos da Universidade de Chicago, comparou os gases que geram o efeito estufa (CO₂, CH₄ e N₂O) gerados na cadeia produtiva de cinco regimes alimentares hipotéticos: um deles, sem carne – o ovolactovegetarianismo – e outros quatro que contêm carne em sua composição (o médio norte-americano, o baseado em carne vermelha, o baseado em peixes e o baseado em aves). Esse estudo apontou para uma diminuição na emissão de gases de efeito estufa advinda do primeiro deles (ovolactovegetarianismo). Segundo os autores do estudo, uma pessoa que adota esse regime alimentar, em um ano gera o equivalente a 1,48 toneladas de dióxido de carbono (CO₂) a menos do que uma que se alimenta de acordo com a dieta de um norte-americano médio, rica em proteínas de origem animal (Eshel e Martin, 2006)

Razões de ordem econômica também são apontadas para se evitar a carne na alimentação, pois legumes, cereais, frutas e grãos seriam mais baratos do que a carne.

Em suma, alguém que adote uma dieta vegetariana, ao reduzir um elo da cadeia alimentar (o boi, por exemplo), poderia minimizar o impacto financeiro e ambiental da sua alimentação na sua vida e na do planeta.

De acordo com as entrevistas realizadas nesta pesquisa sobre as motivações para se tornar vegetariano, posso afirmar, com grande margem de segurança, que razões econômicas e ecológicas, quando avaliadas isoladamente, não são os principais motivadores que levaram pessoas a se tornarem vegetarianas. São motivações auxiliares, que podem contribuir de forma secundária, ao lado da religiosa e de saúde para a mudança de hábito alimentar.

2.5.4 Aspectos éticos

Muitos dos que deixam de comer carne, fazem-no pelo que denominamos motivações de ordem ética.

Isso se traduz em não conceber o homem como superior ao animal, do ponto de vista do direito à vida. Ou seja, muitos dos que deixam de comer carne alegam não ser justo tirar a vida de um animal para alimentar uma pessoa, especialmente quando a vida dessa pessoa não depende da vida do animal. Argumenta-se que animais e seres humanos devem coexistir e não uns (animais) se subordinarem a outros (humanos).

Outro aspecto refere-se à forma como os animais são tratados. Os animais produzidos pela indústria agropecuária moderna são confinados em pequenos espaços, alimentados de forma artificial e tratados, por vezes, de forma brutal durante o transporte, ou antes do abate. Dois exemplos, muito citados pelos que adotaram o vegetarianismo por motivos de ordem ética, dizem respeito à forma como se obtém a carne de vitela (ou *baby-beef*) e o patê de fígado de ganso (o *foie gras*). Esses dois exemplos são amplamente divulgados em *sites* vegetarianos e em panfletos que são distribuídos em restaurantes vegetarianos e em eventos de divulgação do vegetarianismo, como forma de sensibilizar as pessoas sobre as origens de sua opção alimentar.

A carne de vitela é um alimento que é produzido a partir do bezerro macho, que desde o seu primeiro dia de vida é afastado da sua mãe e trancado em um local sem espaço para movimentação. *Baby-beef*, por sua vez, é um termo utilizado para designar a carne de filhotes que ainda não desmamaram. A alimentação fornecida aos bezerros é líquida e altamente calórica, para que a carne do animal se mantenha macia e para que ele engorde de forma rápida. Para evitar que os animais entrem em desespero motivado pelo stress que sofrem devido ao espaço reduzido, os produtores de vitela deixam os bezerros em completa escuridão durante 22 horas do dia, acendendo a luz apenas nos momentos em que estábulo é limpo. Os bezerros são abatidos com aproximadamente quatro meses de vida⁴².

⁴² Esta informação foi obtida em texto intitulado “Comer carne: uma forma de violência”, sem autor, publicado no site do Instituto Nina Rosa. Disponível em <http://www.institutoninarosa.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=157:alimentacao&catid=43:exploracao-animal&Itemid=101> Acesso em 2 de julho de 2009.

O *Foie gras* por sua vez é prato originário da culinária francesa. Servido na forma de mousse, *parfait* ou patê, tem como ingrediente principal o fígado de pato ou de ganso.

Foie gras significa fígado gordo e sua obtenção está relacionada ao confinamento de patos e gansos e a uma superalimentação a que esses pássaros são expostos. O objetivo é fazer com que o fígado dos animais inche ao máximo. Para tanto, são alimentados além do que podem suportar nos últimos 12 a 15 dias de vida – no caso dos patos – e 15 a 18 anos – no caso dos gansos. Os patos são alimentados em torno de seis vezes por dia, enquanto os gansos, oito vezes. Os alimentos são ingeridos por um tubo de metal, de aproximadamente 20 a 30 cm de comprimento, introduzido diretamente pelo esôfago dos animais. Esse procedimento é realizado, tendo em vista que o animal não comeria quando não estivesse com fome. Após seu fígado estar superinchado, o pássaro é abatido e seu fígado retirado.

O vegetarianismo estrito (ou veganismo) é um movimento que defende a abstenção total do consumo de alimentos ou quaisquer produtos que sejam decorrentes do sofrimento animal (carne, lã, couro, mel, etc.).

2.6 Os vegetarianos da Região Metropolitana de São Paulo

Os dados levantados a partir das 200 entrevistas feitas na pesquisa quantitativa *on line* e com as 10 entrevistas exploratórias por *e-mail* com questões abertas permitem traçar um panorama do vegetariano da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), tanto em termos de perfil quanto de atitudes e comportamentos.

Quando se navega atentamente por comunidades ou grupos dedicados ao vegetarianismo no *Orkut*, no *Ning* e no *Yahoo Groups*, algo interessante salta aos olhos: a quantidade muito maior de integrantes do sexo feminino cadastrados. Seriam as mulheres a maioria entre os vegetarianos da RMSP?

Nos eventos aos quais tenho comparecido para observá-los – passeatas, palestras, reuniões, encontros – contabilizei uma presença muito grande de jovens na faixa dos 20 anos de idade. Seriam os vegetarianos da RMSP majoritariamente jovens?

É comum encontrar, em uma série de *sites* na Internet que difundem o vegetarianismo, a relação entre este e os valores religiosos. Levando em conta que a maioria da população brasileira

se manifesta como tendo alguma religião (92,6%, segundo o Censo 2000)⁴³, seria possível afirmar que os vegetarianos residentes em São Paulo manteriam o padrão de religiosidade da maioria da população brasileira?

Também é muito comum escutar, nas conversas entre vegetarianos, o tema da compaixão pelos animais e do sofrimento imposto a eles pelos seres humanos, além de discussões acaloradas sobre a não-violência (*ahimsa*). Dentre os vários questionamentos éticos que são levantados pelos vegetarianos, o *sofrimento animal* ocupa alguma centralidade no debate vegetariano?

Os dados apresentados a seguir contribuem para esclarecer esses questionamentos.

2.6.1 O perfil do vegetariano

Quando observamos os dados agregados de perfil da pesquisa que realizamos, em relação ao perfil do vegetariano da RMSP, verificamos que:

- 70% dos vegetarianos são do sexo feminino, confirmando as impressões obtidas nas comunidades e grupos de vegetarianos na Internet e observando o número de mulheres presentes aos eventos dos quais participei.
- A média de idade dos respondentes é de 29 anos, acima do verificado nas observações etnográficas. Trata-se, ainda sim, de um público jovem.
- 38% dos vegetarianos declaram não ser uma pessoa religiosa, muito acima dos 7,4% de não religiosas na população brasileira. A religião que aparece com o maior número de menções é a Espírita (17%), vindo a seguir o Catolicismo (8%) e o Budismo (6%). Importante frisar que, excetuando o Budismo, no Espiritismo e no Catolicismo – apesar de diversas interpretações sobre os hábitos alimentares dos primeiros cristãos, incluindo Jesus – não existem interdições a respeito do hábito de comer carne, a não ser em algumas ocasiões específicas, como, por exemplo, na semana santa.
- Alto grau de escolaridade: 42% declaram ter ao menos o ensino superior completo. Somando a estes os que fizeram pós-graduação lato sensu (14%), mestrado (6%) e

⁴³ Site <www.ibge.gov.br>, acessado em 28 de julho de 2009.

doutorado (1%), atinge-se 63% de vegetarianos com alta escolarização. Portanto, muito acima da média de escolaridade brasileira.

- Os vegetarianos pesquisados estão assim distribuídos pela Região Metropolitana de São Paulo, de acordo com a pesquisa:
 - Zona Sul: 24%
 - Zona Norte: 18%
 - Zona Sul: 18%
 - Zona Leste: 11%
 - Zona Central: 9%
 - Outros municípios da RMSP: 20%

Quando solicitados a se definirem quanto à forma de vegetarianismo que adotam, a maioria (56%) afirma ser ovolactovegetariano. Os adeptos do vegetarianismo estrito (ou vegano) são 29% da amostra. Ainda 13% declaram-se lactovegetarianos e apenas 2,5% são ovovegetarianos.

Quando questionados sobre as motivações para terem se tornado vegetarianos, 62% afirmam que foi *pelos animais*, seja por compaixão, amor, respeito, por não concordar com os maus tratos que eles sofrem ou pelo direito que eles teriam à vida, como os seres humanos. Em segundo lugar aparece a motivação de saúde, com 14% das menções. Motivações de ordens ética (sem especificação) e ecológica aparecem em 3º e 4º lugares, com 7% e 4% das menções, respectivamente. Outras razões com índice de respostas inferior a 4% também são citadas.

No que se refere a quem (ou o que) influenciou a decisão de tornar-se vegetariano, a maior parte dos respondentes (40%) responde que foi mediante o contato com um material (livro, vídeo, *site*, etc.) sobre o sofrimento dos animais. Os benefícios do vegetarianismo divulgados por livros, vídeos, *sites*, entre outros materiais, aparecem em 2º lugar, com 17% das menções, vindo a seguir a influência de um(a) amigo(a) vegetariano(a), com 16%, de um parente vegetariano, com 7%, de um(a) colega de escola/faculdade, com 4% e de um colega de trabalho também vegetariano(a), com 2% das citações.

Apesar de ser uma resposta questionável, uma pequena parcela (5%) afirma que não sofreu influência externa, tomando a decisão por si própria a partir de sua *própria conscientização sobre o tema*.

Os dados sobre influência na decisão de mudança estão correlacionados com os de motivação para tornar-se vegetariano. Ou seja, ambos estão relacionados, principalmente, ao interesse pela situação dos animais.

É importante salientar que foi o contato direto com materiais informativos sobre as condições dos animais que fez com que os entrevistados deixassem de comer carne. Somando-se a esses materiais aqueles que fornecem informações sobre os benefícios do vegetarianismo – somando 57% das menções – e contrapondo os que aderiram ao vegetarianismo influenciados por esse material àqueles que sofreram influências de pessoas próximas (parentes, amigos, colegas de trabalho ou de estudo) – com 29% no total desses influenciadores – constata-se a força de materiais escritos de divulgação do vegetarianismo e das condições de vida animal em contraposição ao papel que indivíduos próximos exercem na modificação do comportamento das pessoas a se tornarem vegetarianas.

Portanto, a título de síntese sobre quem é o vegetariano típico da Região Metropolitana de São Paulo, pode-se afirmar que se trata de uma mulher, jovem – na casa dos 30 anos - menos religiosa que a média da população brasileira e que foi motivada a mudar de hábito alimentar pelo sofrimento que o ser humano causa aos animais.

Se, por um lado, o vegetariano típico é o descrito acima, veremos adiante – no capítulo 3 – que o perfil do vegano e, mais especificamente, do ativista vegano típico, por outro lado, é majoritariamente masculino. Esse aspecto será discutido mais a frente.

2.6.2 O estilo de vida vegetariano

Bourdieu é retomado aqui para a análise das questões que dizem respeito às escolhas que os vegetarianos fazem em relação a produtos e serviços que envolvem animais e que estão relacionadas ao que constitui seu estilo de vida.

Bourdieu procura examinar as relações entre a classe social à qual o indivíduo pertence e suas práticas de consumo. Para explicitar essas relações, ele utiliza alguns conceitos. São eles: gosto, *habitus* e estilos de vida. Esses conceitos podem lançar uma luz sobre os dados coletados nesta pesquisa.

Um primeiro conceito a ser utilizado é o de *gosto*. Mas, o que é o gosto, sob o ponto de vista de Bourdieu?

Segundo ele, o gosto é uma “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras” (Bourdieu, 1983: 83). O gosto se traduz em formas culturais de escolha e preferência. Ele é um recurso que é organizado por grupos no interior do sistema de estratificação social, a fim de estabelecer ou consolidar sua inserção na ordem social. O que ele quer dizer é que, ao consumir, estamos exercendo tanto quanto exibindo nosso gosto e nosso estilo de vida (sobre esse conceito falaremos mais à frente).

Todavia o gosto não é, como se pode supor superficialmente, uma questão de capricho pessoal, mas, sim, estruturado socialmente. Na verdade, além de ser estratificado socialmente, ele pode ser classificado em vários níveis como, por exemplo, gosto refinado, gosto médio e gosto vulgar em relação a diferentes tipos de culturas, nas quais o sujeito que gosta de algo e aquilo do que ele gosta estão inseridos. (Bourdieu, 1983). É importante frisar que essa classificação não está relacionada só à diferença cultural, mas também às hierarquias estéticas, como entre os que gostam de música de câmara, filmes *blockbusters* hollywoodianos ou rodeios.

Bourdieu afirmará que essa classificação não é ancorada nos objetos em si – música de câmara, filmes *blockbusters hollywoodianos* ou rodeios – ou no seu valor intrínseco. Ela está relacionada às diferentes estruturas de gosto e às expectativas em relação às preferências das diversas classes de pessoas. E essas preferências relacionam-se com outro conceito seu: o *habitus*, que se traduz em um princípio mediador de correspondência entre as práticas individuais e as condições de existência. *Habitus* é um conceito que propõe conciliação e troca em relação à oposição aparente entre o mundo subjetivo do indivíduo e a sua realidade externa. Conforme Bourdieu, *habitus* é:

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (Bourdieu, 1983: 65).

O *habitus*, entendido como uma subjetividade socializada, é um conceito que pode ser utilizado para entender a homogeneidade nas disposições (haveria homogeneidade de disposições entre os vegetarianos?), nas preferências e nos gostos de indivíduos e grupos sociais que têm uma mesma trajetória social.

Entretanto, frisa Bourdieu, “o *habitus* não é destino”. Ele é um produto histórico, um “sistema de disposição aberto, que é incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente afetado por elas” (Bourdieu, 1992: 108).

Retomando o conceito de gosto, Bourdieu (1983) afirmará que, ao expressarmos ou exibirmos nossos gostos (jogar golfe, viajar para esta ou aquela praia nos finais de semana, vestir camisas *Lacoste* ou ser assíduo frequentador de restaurantes vegetarianos), estamos dando aos outros demonstrações de nossa posição social, muitas vezes de forma involuntária.

Segundo Bourdieu, o gosto vai além de *classificar*, pois classifica o classificador, ou seja, as preferências de consumo envolvem julgamentos discriminadores que têm a capacidade de identificar nosso próprio julgamento de gosto e de, simultaneamente, torná-lo passível de ser classificado pelos outros. Em outras palavras, mediante o gosto expresso por um cidadão (e/ou consumidor) podemos classificá-lo socialmente.

O *valor* do gosto, segundo a visão de Bourdieu, é a expressão de uma classificação feita por agentes sociais e não fruto do valor intrínseco daquilo que se gosta. Essa classificação advém das diferenças que se apresentam na sociedade, principalmente da divisão entre as classes sociais. Assim, gostos diferentes têm diferentes níveis de legitimidade social, conforme a posição social daqueles que os expressam.

Ou seja, ao indicar, em uma conversa entre amigos, que aprecia escutar em seus momentos de lazer as sonatas para piano de Franz Haydn e de outros virtuosos do classicismo vienense em vez da *gritaria* das bandas de *Heavy Metal*, um indivíduo permite que se infira uma série de características pessoais suas, como a sua formação educacional, a sua classe de origem, seus atuais rendimentos financeiros, suas aspirações sociais e, principalmente, sua visão de mundo (quando não seu nível de chatice, diriam alguns). Isso aconteceria também quando um vegetariano responde, em um churrasco, ao ser questionado se deseja um pedaço de picanha: *não, obrigado, pois não costumo ingerir cadáveres* ou, então, *não, por favor, pois não como algo que tenha rosto*.

Da mesma forma, do ponto de vista do apreciador das sonatas de Haydn, o seu interlocutor que esteja utilizando uma camisa preta com uma capa do *Metallica* nela estampada está também sendo por ele classificado, por exemplo, como um *bruto*, não só em termos musicais, mas em relação a outros aspectos de sua vida. O vegetariano presente ao churrasco, por sua vez, pode ser visto como um petulante que se considera *um ser superior*, só porque não come carne (sua visão de mundo), ou ainda alguém que não tem dinheiro para comer *o que é bom, embora custe caro* e que tem que se contentar em *comer capim porque não tem dinheiro* (sua posição sócio-econômica).

Se considerarmos que estilo de vida é “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hexis* corporal” (Bourdieu, 1983: 83), ou seja, que ele pode ser entendido como a forma pela qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, vivencia o mundo e, conseqüentemente, se comporta e faz escolhas, poderemos identificar alguns aspectos do estilo de vida vegetariano a partir das respostas dadas a perguntas específicas de estilo de vida que utilizamos no questionário aplicado.

O vegetariano da Região Metropolitana de São Paulo costuma expressar suas escolhas: exatamente um terço (33%) da amostra dos entrevistados afirma que utiliza roupas (camisetas, bonés, etc.) ou outros materiais (*bottoms*, colantes de carro e para bolsas, caderno, etc.) com motivos ou frases para divulgar sua opção vegetariana.

Eles também gostam de se manter constantemente informados sobre o vegetarianismo, através de livros, de filmes, e da Internet (acessando *site*, *blogs* e comunidades sobre o tema). Para 51% dos respondentes da pesquisa, eles sempre se mantêm informados, enquanto que 28% buscam informação sobre o tema na maior parte das vezes.

Vegetarianos têm o costume, antes de comprar algum produto alimentício, de ler a embalagem para saber se ela contém ingredientes de origem animal. Dentre aqueles que responderam à pesquisa, 76% afirmaram que sempre leem as embalagens e 17% na maioria das vezes. De forma similar, 80% afirmam que – sempre ou na maioria das vezes – antes de consumir algum produto procuram saber se ele foi testado em animais ou se algum animal foi explorado no processo de desenvolvimento do produto.

Além de observarem atentamente embalagens à procura de *traços* animais nos produtos, de comunicarem-se através das roupas que vestem e de objetos que utilizam no seu dia e de se manterem constantemente informados sobre o tema, vegetarianos têm o costume de falar às pessoas que não são vegetarianas sobre a sua opção. Para 73% deles, sempre ou na maioria das vezes em que têm uma oportunidade para divulgar os benefícios do vegetarianismo, fazem-no. E 56% deixam clara a sua opção pelo vegetarianismo (sempre ou na maioria das vezes) quando alguém está comendo carne ou utilizando algum produto de origem animal na sua presença.

Mas, além de explicitarem sua opção, vegetarianos também têm uma atuação mais ativa em defesa daquilo no qual acreditam. Quando questionados sobre participação em ações concretas de divulgação do vegetarianismo, 83% deles afirmam já ter participado de alguma, sendo que 19% dizem participar sempre.

Entre aqueles que disseram já ter participado de alguma ação de divulgação do vegetarianismo, a mais citada foi subscrever um abaixo-assinado em uma campanha de defesa dos animais (92% já fizeram isso), vindo a seguir assistir a palestra(s) sobre o tema do vegetarianismo/defesa dos animais (67%), participação em passeatas (38%), ter feito panfletagens (37%), ter utilizado a Internet (montando um *site/blog/comunidade on line* ou participando ativamente de grupos de discussão) para divulgar o vegetarianismo e defender os animais (27%) e ter feito palestras ou ter escrito artigos e poemas a respeito do tema (24%). Entretanto, apenas 6% afirmaram participar de alguma organização ativista.

Os vegetarianos também não parecem estar dispostos a alterarem novamente sua prática alimentar, voltando a consumir carne. Quando questionados sobre a possibilidade de que os avanços científicos constatem que o vegetarianismo não traz benefícios (ou contribui muito pouco) para a saúde, 98% afirmam que continuariam sendo vegetarianos. E a principal justificativa para isso é, mais uma vez, a importância que a vida dos animais representa para eles, rejeitando uma opção baseada em questões de saúde ou nutricionais.

Algumas frases ilustram bem essa posição:

Porque a minha opção pelo vegetarianismo não é para o benefício da minha saúde. É porque não concordo que os animais existam para nos servir, e por esse motivo não me alimento deles. (M.T.; F; 27; São Bernardo do Campo; lactovegetariana).

Porque não o faço por minha saúde nem por minha elevação espiritual. Sou [vegetariano] porque conheço o sofrimento por trás do bife, sou porque acho certo. Se não achasse, poderia comer meu vizinho, pois não vejo diferença significativa entre humanos e animais (F.C.; M; 44; São Paulo; lactovegetariano).

Porque ainda que possa afetar em algum aspecto de minha saúde, o vegetarianismo traduz uma consciência com respeito à vida” (B.A.; F; 22; Santo André; ovolactovegetariana).

Porque eu não gostaria de comer algo que sentiu dor para o meu prazer. Assim como eu não iria querer sofrer para que algum animal me comesse. Acredito em um mundo em que o Homem e os animais possam viver em harmonia (J.C.Y; M; 17; São Paulo; vegano).

Esta é uma decisão sólida e imutável na minha concepção. Para mim, valores éticos e filosóficos têm maior peso na escolha de estilo de vida. (T.P.; F; 27; São Paulo, ovovegetariana).

Porque a minha opção é política e não por saúde... aliás, não acredito nos vegetarianos que visam à saúde (C.V.; F; 48 anos; São Paulo; lactovegetariana).

2.6.3 Violências sofridas e violências vividas

Bourdieu procurou, através do conceito de violência simbólica, compreender como as instituições e indivíduos desenvolvem essa violência, sobre a qual se apoia o exercício da autoridade. De acordo com Bourdieu, a violência simbólica é a:

[...] Violência insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 1975: 7-8).

Para o sociólogo francês, as classes sociais e as frações de classes sempre estão disputando uma luta simbólica com o objetivo de imporem uma definição do mundo social mais próxima dos seus interesses, “e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais” (Bourdieu, 1998: 11).

É através do exercício da violência simbólica que a cultura passa a ser entendida como se fosse um campo de batalha entre as classes sociais, diz ele.

Mediante a utilização desse conceito, Bourdieu procura desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como *naturais* as representações ou as ideias sociais dominantes. A

violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos indivíduos que as animam e sobre a qual se apoia o exercício da autoridade. Para Bourdieu:

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (Bourdieu, 1998: 11).

No caso específico dos vegetarianos, é recorrente o discurso de que, apesar de ser uma *luta que vale a pena*, é muito difícil eliminar o sofrimento animal, porque o *inimigo* – os frigoríficos, matadouros e toda a indústria da pecuária – utiliza muitos recursos financeiros para manter o *status quo*, exercendo seu poder tanto diretamente (mediante o uso da força física ou econômica) quanto por meio de *especialistas da produção simbólica*, que ele caracteriza como sendo os profissionais de marketing, os publicitários, os produtores de moda, os *designers* e os que atuam na mídia.

Os *novos intermediários culturais* (outro termo utilizado por Bourdieu para denominar esses especialistas do simbólico) têm a capacidade “[...] de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos do conhecimento e de expressão [...] arbitrários – embora ignorados como tais – da realidade social” (Bourdieu, 1998: 12).

Segundo os vegetarianos, a força da *indústria da morte e do sofrimento* (como muitas vezes eles a denominam) inculca nas pessoas comuns valores e crenças que impedem um *diálogo racional* sobre os benefícios do vegetarianismo e do sofrimento dos animais. E isso se reflete também na discriminação ou violência (física ou de outro tipo, como xingamentos ou alvo de piadas, por exemplo) que sofrem por serem vegetarianos.

A respeito disso, 80% dos entrevistados afirmam que já sofreram algum tipo de violência, sendo que 11% dizem que sofrem sempre. E as principais violências citadas são os xingamentos (*maluco, pessoa fraca, frescura*, etc.) e as piadas, das mais *bobas* às mais *maldosas* e de *gosto duvidoso*, remetendo a conteúdos sexuais (vinculando vegetarianismo à homossexualidade) e depreciativos quanto à saúde (fraqueza física e mental) e à falta de inteligência do vegetariano.

O que no começo é levado na brincadeira, com o tempo se torna *pesado* para muitos, *um verdadeiro teste de paciência*. Em relação a uma das violências relatadas, *convidar para um*

churrasco pode ser classificado como algo leve e até *bobo* por uns e altamente ofensivo por outros vegetarianos, provocando discussões acaloradas após o referido *convite*.

Vale à pena reproduzir trechos de alguns relatos para ilustrar como a violência simbólica (e a física em alguns casos) ocorre. Como estes, por exemplo:

[...] Já fui ameaçada fisicamente para me calar/ir embora (G.R.; F; 28; São Paulo; vegana).

Basicamente, já fui ridicularizada em muitas ocasiões. Mas houve um caso mais grave, que afetou minha vida profissional: depois que eu me neguei a ir num jantar da empresa, que ocorreria numa churrascaria, os dirigentes deram início a uma intensa perseguição pessoal. Fiquei farta das retaliações e pedi demissão (M.F.P; F; 38; São Paulo; vegana).

Num casamento onde os salgadinhos eram todos de carne me mandaram comer o arranjo de flores (E.A.G; F; 26; São Paulo; ovolactovegetariana).

As pessoas onívoras geralmente acham que um defensor dos direitos dos animais e vegetariano é mais fraco fisicamente que um onívoro com a dieta padrão (M.P.; M; 23; São Paulo; vegano)

A discriminação contra os vegetarianos ocorre em diversas situações, seja direta ou indiretamente. Vejo anúncios comerciais, vídeos, filmes onde o vegetariano é sempre estereotipado como alguém deficiente. Em restaurantes ou até mesmo com conhecidos sou alvo de piadas maldosas sobre minha alimentação e estilo de vida, sempre há uma 'plateia' na expectativa que eu cometa algum deslize em relação aos meus princípios (M.J.F; F; 24; São Paulo; vegana).

[Disseram que] vou morrer por não comer carne, perder os dentes, ficar doente (A.H.C.; M; 28; São Paulo; vegano).

[...] Mas o pior preconceito é aquele silencioso que vem pelo olhar (R.C.M; F; 46; São Paulo; vegana).

A suposta alusão à relação entre a não ingestão de carne e a sexualidade é um capítulo à parte da violência simbólica que sofrem os vegetarianos. Vejamos alguns relatos que a ilustram:

Vejo mais em revistas e jornais; não são dirigidas diretamente a mim. Por exemplo, uma matéria na revista *Men's Health*, sugerindo que homens vegetarianos não teriam desempenho sexual adequado (G.M.F.; M; 26; São Paulo; vegano).

Muitas críticas irônicas no ambiente de trabalho, como: 'Ah, você não come carne! Nenhum tipo de carne?', em uma alusão a uma suposta abstinência sexual (T.F.A.; M; 37; São Paulo; ovolactovegetariano).

Sempre acham que se eu for com uma menina na moita, vou comer (sic) a moita (F.F; M; 32; São Paulo; vegano).

Associar homossexualismo ao VEGETARIANISMO. 'Homem que é homem come carne' (P.C.; M; 19; São Paulo; vegano).

É interessante verificar que além da violência externa sofrida provocada por onívoros, existe também uma violência simbólica sendo exercida entre os próprios vegetarianos; de veganos que se sentem discriminados por outros vegetarianos, sendo tratados como radicais, e de vegetarianos que se alimentam de ovos e de leite e de seus derivados e que afirmam também sofrer críticas e violências de veganos, sob a alegação de *serem coniventes* com o sofrimento animal ao continuar consumindo leite e ovos.

Nunca sofri discriminação por pessoas que comem carne, mas já por ovolactovegetarianos, que se sentem agredidos com a existência de veganos, os acusam de radicais, etc. Quem come carne quanto muito faz piadas, mas isso não me ofende, nem me sinto discriminado. Me ofende mais ir a restaurantes ovolacto que não tem opções para veganos, quando qualquer churrascaria tem (F.C.M; M; 34; São Paulo; vegano).

Tem vegetariano que deveria ter vergonha na cara de dizer que tem vontade de comer ovinho e leitinho. Isso é hipocrisia! Não sabe que o leite e o ovo fazem parte da mesma indústria do sofrimento animal? (W.M.C.; M; 31 anos, Carapicuíba; vegano).

O cara, só porque é vegano, vem posar de mais ético só porque não consome nada de origem animal. Se acham melhores que eu, só porque ainda como derivados de leite. (E.M.S; M; 19; Suzano; lactovegetariano).

Ainda quanto à questão da violência simbólica, gostaria de reproduzir alguns relatos que ilustram algo que aparece com muita frequência nas falas de vários entrevistados e em diversos eventos aos quais compareci para fazer a observação etnográfica. Trata-se da afirmação (ou será somente uma percepção?) de que muitos onívoros parece sentirem-se incomodados, ou até ofendidos na presença de alguém que não come carne.

Pessoas que se sentem ofendidas por você se recusar a comer carne que lhe oferecem, e passam a te ignorar (C.B.; M; 40; São Caetano do Sul; lactovegetariano).

A minha presença incomoda... só isso já basta. E de pessoas falando do alface, da abobrinha, o que você come, nem peixe...tudo é ouvido como absurdo. E isso para mim é um absurdo! Todo vegetariano incomoda, as pessoas não querem pensar e de alguma forma agridem ou fazem chacota... [...] O prazer que o ser humano tem de comer e mastigar o que teve vida é incontrolável [...]...é vício...como drogas (R.F.; F; 53; São Paulo; ovovegetariana).

As pessoas ficam muito espantadas quando afirmo que sou vegetariana. É engraçado! Porque hoje eu que ficou espantada como alguém consegue comer outro bicho (M.F.H; F; 22; Barueri; ovolactovegetariana).

Capítulo 3 – Vegetarianismo além da dieta: direitos dos animais no centro da discussão

A preocupação a respeito da justiça para com os animais só faz sentido como parte de uma visão social e política progressista que valoriza os direitos humanos e se opõe à exploração de homens e mulheres.⁴⁴ (Gary L. Francione, jurista norte-americano).

No capítulo anterior afirmei que um vegano, do ponto de vista de um regime alimentar, é aquele que restringe não só a carne, mas qualquer produto de origem animal. O que o motiva é a intenção de não tirar a vida ou prejudicar um *animal não humano*, nas palavras dos próprios veganos, diferenciando-se dos demais vegetarianos.

Aqui se dá uma grande inflexão no que até agora venho apresentando. A questão alimentação, tão citada até este momento, dá espaço para algo que tangenciei durante o primeiro capítulo. Explico: a questão de fundo do ativismo do vegano não é a comida. Não que ela não seja importante. Sim, ela é. Entretanto, a ausência de carne e seus derivados na alimentação é apenas parte – muito importante, mas apenas parte – de uma discussão muito mais densa e, diria, muito difícil de tratar, e que os veganos propõem para a sociedade debater: os direitos dos animais.

O debate se desloca dos hábitos alimentares, das dietas, do bife e da alface, das vantagens ou não para a saúde e o bem-estar pessoal em alimentar-se de vegetais ou de carne, para a seguinte questão: os seres humanos teriam o direito moral de discriminar outras espécies, aprisionando-as e utilizando-se delas para seu benefício próprio? Podemos continuar tratando-as como nossa propriedade?

Isso, que os veganos denominam especismo, é a discriminação praticada contra os animais, fundamentada na superioridade dos seres humanos em relação às demais espécies. Do ponto de vista vegano, a dominação de uma espécie sobre outras inclui não só a *indústria da carne*, mas a experimentação laboratorial em animais; a exploração de animais para fins de diversão, em circos, em parques aquáticos, rodeios, rinhas ou touradas; a retirada de espécies de

⁴⁴ Tradução livre de excerto do livro *Animals as Persons: Essays on the abolition of animal exploitation*, p. 17, de Gary Francione. No original: *The concern about justice for nohumans makes sense only as part of a progressive social and political view that values human rights and opposes human exploitation.*

seus *habitats* e a confinaco em zoológicos; a vivissecco (qualquer operacão feita em animal vivo com o objetivo de realizar estudo ou experimentaco); a extracco de peles; o trfico de animais silvestres e os sacrificios em rituais religiosos.

Especismo  uma palavra forte. Mais forte ainda  a comparaco que os veganos, como veremos adiante, sustentam entre o especismo e o racismo, o sexismo e as relaces que opõem um sujeito dominador e um sujeito dominado com base em diferencas altamente questionáveis.

E, em se tratando de domínio de uma espécie sobre outras, as vantagens de uma alimentaco baseada em legumes e verduras cedem espaco para discussões que envolvem o abolicionismo animal em oposico ao bem-estatismo animal, a sencicncia (a capacidade que os mamíferos e outras espécies – assim como os seres humanos – têm de perceber pelos sentidos, dor, medo, sofrimento) e o *status* jurídico dos animais não-humanos enquanto *itens de propriedade* dos humanos.

Vamos, a seguir, apresentar a base teórica que fundamenta a defesa vegana dos direitos dos animais e do que eles denominam de *consumo de produtos livres de crueldade*– a partir das obras de Peter Singer, Tom Regan e Gary Francione – e, na sequência, tentar compreender quem são os veganos da Região Metropolitana de São Paulo, como estão organizados e como difundem suas idéias.

3.1 As bases teóricas do veganismo

3.1.1 Peter Singer e a libertaco animal

Um dos autores mais lidos e também mais criticados pelos veganos (a seguir veremos os motivos)  o filósofo australiano e professor de bioética da Universidade de Princeton, Peter Singer.

Sua obra *Libertaco animal*, publicada em 1975, discute a evolucco do movimento de Libertaco Animal e expõe o tratamento dispensado aos animais de laboratório e de criacco intensiva.

Em *Libertaco animal*, Singer faz uma crítica ao que ele denomina de especismo, a discriminaco contra *seres não humanos*, pelo fato de não pertencerem  nossa espécie.

No prefácio à primeira edição de *Libertação animal*, Singer afirma que sua obra:

[...] É sobre a tirania dos animais humanos sobre os animais não-humanos. Esta tirania provocou e provoca ainda hoje dor e sofrimento só comparáveis àqueles resultantes de séculos de tirania dos humanos brancos sobre os humanos negros. A luta contra esta tirania é uma luta tão importante como qualquer das causas morais e sociais que foram defendidas em anos recentes. (Singer, 2008: I).

Singer considera que essa afirmação será considerada um *exagero completo* pela maioria das pessoas que se dispuseram a ler o seu livro, mas pede um crédito aos seus leitores, pedindo que o julgamento sobre o suposto exagero de suas palavras seja feito após a leitura completa de *Libertação animal*, onde ele exporá, em detalhes, a opressão que os seres humanos infligem aos animais. O autor adverte que a leitura é nada confortável para “aqueles que consideram que o amor pelos animais só se exprime fazendo uma festa ao gato ou dando comida aos pássaros no jardim” (Singer: 2008, p.II).

O ponto de partida da argumentação de Singer é a de que devemos considerar as nossas atitudes em relação aos animais do ponto de vista daqueles que sofrem (dos animais) por causa dessas atitudes e em função das práticas que a elas estão associadas, como, por exemplo, laçar um bezerro em rodeio para fins de divertimento humano.

De acordo com Singer, a relação dos seres humanos com as demais espécies é baseada em preconceito e desejo de exploração dos animais em benefício próprio (da nossa espécie), comparando esta exploração à racial e à de gênero entre humanos:

[...] As nossas atitudes [dos seres humanos] atuais para com estes seres [os animais não-humanos, como ele os denomina] se baseiam numa longa história de preconceitos e discriminação arbitrária. Defendo que não pode haver qualquer razão – com exceção do desejo egoísta de preservar os desejos do grupo explorador – para a recusa de inclusão de membros de outras espécies no princípio básico da igualdade. Peço ao leitor que reconheça que as suas atitudes relativas a membros de outras espécies constituem uma forma de preconceito não menos condenável do que o preconceito aplicado ao gênero ou raça de uma pessoa. (Singer, 2008: IV).

A despeito da importância de defender a liberdade dos animais em relação à dominação humana, Singer aponta grandes dificuldades para os ativistas, em comparação com outros movimentos de libertação.

A primeira delas é o fato de que os membros do grupo explorado, os animais, não podem por si próprios *protestar de forma organizada contra o tratamento que recebem*. Serão os próprios seres humanos, seus algozes, aqueles que deverão lutar em nome dos animais. Como afirma Singer, “temos de ser nós a falar em nome dos que o não podem fazer por si próprios”. Quanto a essa dificuldade, aponta o autor que:

[...] É possível constatar a gravidade de uma tal dificuldade se perguntarmos a nós próprios quanto tempo teriam de ter esperado os negros pela igualdade de direitos se não tivessem sido capazes de falar por si e a de a exigir. Quanto menos um grupo for capaz de se tornar visível e de se organizar contra a opressão, mais facilmente será oprimido. (Singer, 2008: IV – V).

A segunda dificuldade para o futuro do movimento de libertação animal reside no fato de que quase todos os elementos do grupo opressor estão diretamente ligados à opressão, beneficiando-se desta. Diz Singer a respeito desta dificuldade que:

[...] As pessoas que comem diariamente pedaços de seres não-humanos abatidos consideram difícil crer que estão a agir incorretamente; e também consideram difícil imaginar que outra coisa poderiam comer. Nesta questão, todos os que comem carne são parte interessada. Beneficiam – ou, pelo menos, julgam beneficiar – da desconsideração atual dos interesses dos animais não-humanos. Isto torna a sua persuasão mais difícil. (Singer: 2008: V).

A terceira e última dificuldade é o hábito. Os muitos anos de consumo de carne e de utilização dos animais para benefício da espécie humana levar-nos-iam a rejeitar as descrições de crueldade para com os animais não-humanos, ou considerá-las de menor importância, dados os problemas mais importantes que a humanidade tem para enfrentar, como as catástrofes naturais, a pobreza e fome no mundo, entre outros.

Singer rebate a questão do hábito, argumentando que se trata de assuntos interligados. Em relação à libertação animal e à fome, por exemplo, ele afirma que:

[...] A acentuada ênfase na criação de gado por parte das nações ricas leva ao desperdício de várias vezes a comida produzida. Se cessarmos de criar e matar animais para o consumo, poderemos disponibilizar tanta comida para os humanos que esta, distribuída de forma correta, erradicaria a fome e a subnutrição do nosso planeta. A Libertação Animal é também a Libertação Humana. (Singer, 2008: VI – VII).

Voltando à questão central de *Libertação Animal*, Singer defende que todos os animais são iguais. O princípio de igualdade que ele defende foi aquele que deu o norte às primeiras lutas pelos direitos das mulheres. Singer justifica que as mesmas objeções feitas à defesa de igualdade de direitos para as mulheres são utilizadas para impedir o direito de igualdade entre seres humanos e seres não-humanos. Segundo o autor, o princípio básico da igualdade não requer um tratamento igual ou idêntico; *requer consideração igual*.

Singer recorre ao filósofo utilitarista inglês Jeremy Bentham para identificar a base fundamental da igualdade moral em seu sistema ético. Para Bentham, cada uma deve contar como um e nenhum por mais do que um. Esta era a fórmula benthaminiana para a igualdade moral, mas é certo que ele se referia à igualdade entre seres humanos. E cada ação de um ser humano deve levar em consideração os interesses dos demais envolvidos de forma igual.

Uma decorrência da fórmula de igualdade do utilitarista inglês, afirma Singer, é que “a nossa preocupação pelos outros e nossa prontidão em considerar os seus interesses não devem depender do seu aspecto ou das capacidades que possuam” (Singer, 1990: 5). Este elemento básico – o interesse pelo outro ser – que defende, deve ser estendido como princípio de igualdade a todos, homens e mulheres, brancos e negros, humanos e não-humanos.

Apesar das diferenças entre seres humanos e demais seres, Singer defende a igualdade entre ambos – o princípio da igual consideração de interesses como princípio moral básico – baseado na capacidade que animais não-humanos têm em sofrer. E faz isso citando Bentham, em uma passagem em que este aponta a capacidade de sofrimento como a característica fundante que concede a um ser o direito a uma consideração igual:

[...] Poderá existir um dia em que o resto da criação animal adquirirá aqueles direitos que nunca lhe poderiam ter sido retirados senão pela mão da tirania. Os franceses descobriram que a negrura da pele não é razão para um ser humano ser abandonado sem mercê ao capricho de um algoz. Poderá ser que um dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a forma da extremidade do *sacrum* são razões igualmente insuficientes para abandonar um ser sensível ao mesmo destino. Que outra coisa poderá determinar a fronteira do insuperável? Será a faculdade da razão, ou talvez a faculdade do discurso? Mas um cavalo ou cão adultos são incomparavelmente mais racionais comunicativos do que uma criança com um dia ou uma semana ou mesmo um mês de idade. Suponhamos que eram de outra forma – que diferença faria? A questão não é: Podem eles raciocinar? nem: Podem eles falar? mas: Podem eles sofrer? (Singer, 1990: 6 – 7).

Se um ser sofre, como é o caso de diversas espécies animais, não pode haver justificação moral – argumenta Singer, com base em Bentham – para que esse sofrimento não seja levado em consideração. “Independente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que ao seu sofrimento seja dada tanta consideração como ao sofrimento semelhante – na medida em que é possível estabelecer uma comparação aproximada – de um outro ser qualquer” (Singer, 1990: 9).

Para Singer, se um ser não sente dor ou expressa seu sofrimento, não há nada que se possa levar em conta. Mas como saber se um ser sente dor ou não?

Singer traz para o debate o conceito de *senciência*, que designa a capacidade de sofrer e/ou experimentar alegria. Destacando especificamente a dor, Singer questiona se existe alguma dúvida quanto a outros seres não-humanos, como os mamíferos e as aves, por exemplo, sentirem dor, pois estes apresentam sinais exteriores semelhantes aos dos humanos, quando a dor está presente, seja através de gemidos ou contorções, além de tentativas de afastar aquilo que está causando dor e da demonstração de medo (pupilas dilatadas e aumento da pressão sanguínea, por exemplo) diante da possibilidade de repetição do sofrimento. Não há a necessidade do ser que sente dor, afirmar que a sente.

Mas a ausência desta possibilidade – expressar a sua dor através da fala – não altera o fato: animais sentem dor como nós sentimos e não poderia haver qualquer consideração moral, a não ser o especismo, para considerar a dor (ou o prazer) de seres humanos como mais importante do que a dor (ou o prazer) sentido por animais não-humanos. Em suas próprias palavras:

Para evitarmos o especismo devemos admitir que os seres que são semelhantes em todos os aspectos relevantes têm um direito semelhante à vida – e a mera pertença à nossa própria espécie biológica não pode constituir um critério moral válido para a concessão deste direito. (Singer, 2008: 17).

Neste ponto, Singer pergunta: quais são as consequências práticas da constatação de que animais não-humanos sentem dor e de que a sua dor deveria ser levada em conta assim como a dor sentida por nós, *Homo sapiens*?

Ele defende, então, que devemos trazer os animais não-humanos para a esfera da *preocupação moral* e deixar de tratar a suas vidas como banais, utilizando-as com qualquer fim que o ser humano tenha em mente. Isso inclui comê-los, explorá-los para a nossa diversão,

utilizá-los em experiências, *roubar a sua pele* para nos aquecer, enfim, tratá-los como coisas, como nossas propriedades. E isso inclui, defende Singer, tornar-se vegetariano.

A propósito da utilização dos animais para a alimentação, o autor dedica uma grande parte de *Libertação Animal* para demonstrar como essa indústria representa uma das formas mais cruéis de especismo, pois causam diariamente um sofrimento em quantidade muito maior do que outras formas de exploração de animais. Como diz Singer,

[...] Geralmente, ignoramos o abuso das criaturas vivas que subjaz a comida que consumimos. A compra de comida numa loja ou restaurante é o culminar de um longo processo, do qual tudo, com exceção do produto final, é delicadamente afastado da nossa vista. Compramos a nossa carne em embalagens de plástico limpas. Quase não sangra. Não há razão para associar esta embalagem a um animal vivo, que respira, caminha e sofre. (Singer, 2008: 89).

Não ser especista para Singer é ser vegetariano. E o vegetarianismo é uma forma de boicote, afirma. Uma forma de boicote definitivo, pois, tendo deixado o hábito de comer animais, não se consegue mais “aprovar a morte de animais por forma a satisfazer os desejos triviais de seus palatos” (Singer, 2008: 152).

Após descrever com uma riqueza de detalhes o sofrimento das aves confinadas em granjas ou a forma como um bezerro se torna um bife de vitelo, sobre a coerência do boicote, Singer afirma:

Protestar em relação às touradas realizadas na Espanha, ao consumo de cães na Coreia do Sul ou ao abate de focas bebês no Canadá enquanto se continua a comer ovos de galinhas que passam suas vidas amontoadas em gaiolas, ou carne de vitelas que foram privadas das mães, do seu alimento natural e da liberdade de se deitarem com os membros estendidos, é como denunciar o apartheid existente na África do Sul enquanto se pede aos vizinhos para não venderem a casa a negros. (Singer, 1990: 152).

Essa incoerência citada acima está presente na crítica contumaz que os veganos costumam fazer a vegetarianos. Com a palavra, uma vegana que entrevistei:

Quem não come carne, mas toma leite ou come ovo, é incoerente. [...] Por acaso ele não sabe que o queijo que ele põe no sanduíche é parte da mesma indústria do sofrimento e da matança de bois e vacas? Enquanto ele continuar comendo aquele queijo amarelinho tranquilamente ele vai continuar contribuindo para a exploração dos bois e vacas que ela diz estar salvando. [...] Ele vai continuar gerando demanda, sabia? Quem ele pensa que está

enganando com essa hipocrisia? Ele não sabe de onde o bife, o queijo e omelete que ele come vêm? [...] Não sabe que eles estão ligados ao mesmo sofrimento? Que eles vêm das mesmas granjas? Dos mesmos abatedouros? (M.J.F; F; 29; Santo André; vegana).

Não vou me deter nas considerações que Singer faz em *Libertação Animal* sobre as relações entre uma alimentação vegana e a oferta de alimentos em decorrência da maior disponibilidade de área de cultivo de proteína vegetal para a humanidade nem em outras considerações de caráter prático para a ecologia e a economia mundial.

O que eu pretendia era fundamentar a contribuição de Singer para a causa dos direitos animais, explicitando o princípio da senciência, presente nos animais não-humanos, como base para a consideração igual para com eles por parte de nós, seres humanos.

A seguir veremos a posição de outro influente pensador da causa animal, mas que defende uma perspectiva diferente.

3.1.2 Tom Regan: “Em vez de jaulas maiores, jaulas vazias”

Em *Jaulas Vazias – encarando o desafio dos direitos animais* (2006), Tom Regan, filósofo norte-americano e professor emérito de Filosofia da Universidade da Carolina do Norte, reflete sobre a defesa dos animais e o que ele denomina de “barbárie em nome de duvidosas tradições culturais”, como a farra do boi e as touradas, entre outras.

Assim como Peter Singer, Regan parte da discussão levantada por Jeremy Bentham – “A questão não é: ‘Eles podem raciocinar?’ nem ‘Eles podem falar?’, mas ‘Eles podem sofrer?’” –, para acrescentar uma outra pergunta, até então não feita: “Eles são sujeitos-de-uma-vida?”

Regan argumenta, para dar crédito ao seu questionamento, que animais têm passado, presente e futuro; eles têm família; costumam ter irmãos. Animais têm uma biografia, assim como os seres humanos, ele afirma. Enfim, animais querem viver e se importam com suas vidas, ainda que nenhum outro ser (humano ou outro) se importe com eles. Eles não desejam a morte antes da hora. E o pior que poderia acontecer a eles é morrerem prematuramente, virando presunto, no caso de um leitão, ou *McFish*, no caso de um... Bem, ninguém sabe qual peixe faz parte da composição de um *McFish*.

O corolário da defesa de Regan de que os animais são sujeitos de uma vida é que devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para garantir que nenhum animal morra fruto da ação humana, a não ser em casos extremos. Vamos detalhar a seguir o que isso significa.

Regan afirma que as pessoas defensoras dos direitos animais (os DDAs) ou as que, ao menos, acreditam que animais têm direitos, ou as que têm um sentimento parecido tanto em relação a porcos, águias e elefantes quanto em relação a cachorros e gatos. Ele alerta que desse sentimento amistoso em relação a animais não decorre que haja um desejo de um DDA em ter um porco dormindo em nossas camas nem elefantes dirigindo nossos carros. Não se trata disso, pois:

Direitos animais é uma idéia simples porque, no nível mais básico, significa apenas que os animais têm o direito de serem tratados com respeito. E é uma idéia profunda porque suas implicações têm amplas conseqüências [...] vamos ter de parar de criá-los por causa de sua carne. Vamos ter de parar de matá-los por causa de sua pele. Vamos ter de parar de treiná-los para que nos divirtam. Vamos ter de parar de usá-los em pesquisas científicas. (Regan, 2006: 12).

Todas as conseqüências citadas pelo autor acima implicam em uma lógica moral. Segundo ele, quando se fala de como os humanos tratam (Regan diz *exploram*) os outros animais, percebe-se que o reconhecimento de seus direitos exige *abolição, não reforma*. Todas as nossas escolhas diárias afetam, de uma forma ou de outra (de forma dramática, diz Regan), a vida dos animais. Ou seja, afirma ele, não basta ser bondoso com os animais, pois, apenas impedir a crueldade contra eles não é o suficiente. Ele afirma que “independentemente de os explorarmos para nossa alimentação, abrigo, diversão ou aprendizado, a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas. (Regan, 2006: 12).

Jaulas vazias – como anuncia o título do livro de Regan –, em vez de jaulas mais espaçosas, significa que o trabalho a ser feito pelos DDAs é procurar abolir totalmente as jaulas que aprisionam os animais – sejam elas as que estão nos circos, nos laboratórios, nos matadouros ou nos *pet shops*. Para Regan, todos os animais que estão aprisionados para a exploração do ser humano não devem ter jaulas maiores, como sustentam os bem-estaristas – os quais defendem não haver nada de errado em explorá-los e escravizá-los, desde que isso seja feito de maneira humanitária e sem dor desnecessária aos animais – e a dos neobem-estaristas – que também defendem, a longo prazo, a abolição total da exploração animal, ainda que, a curto prazo, apoiem

medidas que defendam a diminuição do sofrimento *desnecessário* aos animais ou a promulgação de leis que promovam um tratamento mais *humanitário* aos mesmos.

A posição de Regan, com a proposta das jaulas vazias, ficou conhecida no movimento de direitos animais como postura abolicionista animal, pois defende o término de todas as formas de exploração institucionalizada dos animais, sem concessões *humanitárias* ou *bem-estaristas*.

A dificuldade que os DDAs enfrentam para tornar todas as jaulas vazias está na constatação de que a maioria das pessoas é relutante em mudar seus hábitos. Assim como Singer, que já havia mencionado essa característica humana como uma barreira muito pesada aos defensores dos direitos animais, Regan alerta que:

[...] Para a maioria de nós, nossa compreensão inicial sobre os animais é herdada. Devidamente aculturados, nós internalizamos, sem críticas, o paradigma cultural. Vemos os animais como nossa cultura os vê. Como o paradigma na cultura americana em particular – e na cultura ocidental em geral – vê os outros animais como seres que existem para nós, não tendo outro propósito para estar no mundo senão às necessidades e aos desejos dos humanos, nós também os vemos dessa maneira. Assim, os porcos, por exemplo, mostram sua razão de ser ao se transformar em fatias de presunto entre duas fatias de pão (Regan, 2006: 28).

Mas seriam os porcos tão diferentes de cães e gatos, justificando dois padrões morais diferentes, um se aplicando a porcos e o outro aos animais domésticos? E haveria tanta diferença entre os animais e os seres humanos para justificar moralidades diferentes. Para Regan, não há justificativa, em ambos os casos.

Ele afirma que, da mesma forma que, em relação às pessoas, o nosso direito mais fundamental é o direito de sermos tratados com respeito, e, quando algum de nós for incapaz defender seus direitos, maior é o nosso compromisso em defendê-los, também aos animais devemos estender esse direito, o de ser tratado com respeito, e o dever de defendê-lo da melhor forma que pudermos. Mas, por que deveria ser assim?

Porque tanto pessoas quanto animais, que são conscientes do mundo em que vivem, não existem para servir aos interesses de outros, nem são coisas para serem usadas como meios para os fins de outrem. Do ponto de vista moral, defende Regan, cada um de nós e cada animal consciente é igualmente *um alguém*, não um objeto, não uma coisa. Todos estes, afirma ele, são *sujeitos-de-uma-vida*, não uma *vida sem sujeito*.

Mas como provar essa consciência? Regan aponta que toda pessoa de bom senso que tenha contato com animais (aqui valem os domésticos e os selvagens) concorda que eles têm a capacidade de mostrar alegria, ansiedade, surpresa, ternura, desespero e medo. E que, portanto, são conscientes com o que acontece com eles. E se são conscientes, quer alguém se importe com eles ou não, “o que acontece a esses animais certamente importa para eles” (Regan, 2006: 71).

Neste ponto da sua argumentação, Regan defende-se da objeção que críticos aos direitos animais fazem em relação a outros seres que também – segundo estes – deveriam ter os mesmo direitos decentes advogados aos animais e questiona:

[...] Os tomates têm a nossa estrutura anatômica e fisiológica? As jabuticabas têm um sistema nervoso central como o nosso, e um cérebro? Se alguém disser: ‘O alecrim quer passear um pouco’, será que temos a mais nebulosa idéia do que essa pessoa esteja falando? Não; acho que não. O modo como nós argumentamos em favor dos direitos animais não nos compromete, pela lógica, a advogar direitos para alcachofras. (Regan, 2006: 77).

Regan lembra que a noção de que os animais não têm consciência do que acontece com eles remonta à obra de Descartes, que argumentava que humanos são seres que têm mentes imateriais e corpos materiais, em contraste aos animais que somente têm corpos materiais, sendo desprovidos de mentes. Sem mentes, para Descartes, os animais não poderiam ser conscientes de nada. Quanto a esse raciocínio cartesiano, o autor afirma:

[...] Coloque um cachorrinho no fogo. Arranque a pele de um foca viva. Nenhum deles sente nada. Os animais do mundo [seguindo a linha de raciocínio de Descartes] são desprovidos de mentes da mesma forma que o coelho da pilha *Energizer* (Regan, 2006: 82).

Regan, em *Jaulas Vazias – encarando o desafio dos direitos animais*, argumenta ainda a respeito de várias objeções que são feitas aos DDAs sobre a necessidade (e utilidade) de defender os direitos dos animais. Suas respostas às diversas objeções, ainda que interessantes para reforçar o que ele acredita ser importante para a causa que ele defende, não são importantes para o que propus expor aqui. O que foi dito acima é suficiente, acredito eu, para entender o que ele representa, em termos teóricos e práticos, para o ativismo vegano.

3.1.3 Os animais não são propriedade humana: a perspectiva abolicionista de Gary Francione

Introduction to animal rights. Your child or the dog? (2000), *Rain Without Thunder: The Ideology of the Animal Rights Movement* (1996) e *Animals, Property, and the Law* (1995) de Gary Francione, jurista norte-americano conhecido por seu trabalho sobre a teoria dos direitos animais, são as principais obras que ele escreveu para difundi-las.

Entretanto, em uma obra mais recente, *Animals as Persons: Essays on the Abolition of Animal Exploitation* (2009), Francione procura sumarizar o que ele tem defendido nas obras anteriores e agregar novas ideias ao debate. É baseado neste último livro que pretendo expor as concepções que ele advoga e o porquê de ele ser considerado pelos veganos o que melhor sustenta a defesa dos direitos dos animais.

Basicamente, as discussões de Francione concentram-se na condição de propriedade dos animais, nas diferenças entre os direitos dos animais e o bem-estar animal e em uma teoria que ele desenvolveu sobre os direitos animais baseada somente na sentiência – capacidade de sofrer ou sentir prazer ou felicidade, embora possa excluir a autoconsciência.

Essa teoria que Francione formulou leva ao que, no discurso vegano, caracteriza-se como defesa do *abolicionismo animal* em contraposição ao *bem-estarismo animal*.

Enquanto a proposta abolicionista propõe a completa libertação dos animais do jugo humano, a bem-estarista defende regulamentações para o bem-estar animal – condições melhores de confinamento e de abate, por exemplo. Para Francione, estas propostas serviriam apenas para prolongar a condição de propriedade humana dos animais.

Neste sentido, os animais não-humanos necessitam de apenas um único direito: o direito a não serem considerados propriedade pelos humanos. Conforme argumenta Francione, o comportamento da maioria das pessoas em relação aos animais é de esquizofrenia moral: defendemos que os animais devem ser tratados com respeito, mas, na prática, agimos de outra forma, comendo-os, utilizando-os para nossa diversão ou em outras práticas exploratórias, que envolvem sofrimento e morte.

O autor vai além, na questão da esquizofrenia moral, lembrando ser comum termos animais de estimação, como gatos e cães, tratando-os como verdadeiros membros da família.

Entretanto, argumenta ele, dilaceramos, em churrascos, outros animais, que não são diferentes dos que tratamos como *nossos familiares*. Qual seria a distância entre um cão e um leitão? Nenhuma, afirma Francione, pois ambos são sencientes.

Essas *práticas exploratórias diárias* não podem ser consideradas necessárias sob nenhum aspecto, a não ser por prazer, diversão ou conveniência. Ou seja, sob o ponto de vista dele, não há necessidade de vestirmos casacos de pele ou couro, assim como não é necessária, para a nossa sobrevivência, a ingestão de proteína de origem animal.

O fundamento que sustenta essa esquizofrenia moral é o *status* dos animais como itens de propriedade dos humanos – meros meios para os fins de seus proprietários –, igualando-os na mesma categoria que outros objetos de propriedade, como roupas, celulares ou residências, sem levar em conta que existe uma grande diferença entre objetos e animais.

De acordo com Francione, a razão que justifica o status dos animais como coisas é antiga e está presente em filósofos que são base do pensamento ocidental moderno, como Descartes, que os considerava similares a máquinas:

[...] Algumas pessoas, como René Descartes [...] aparentemente acreditavam que os animais eram, por uma questão factual, indistinguíveis de objetos inanimados, que os animais não fossem sencientes – eles simplesmente não eram considerados seres que tinham consciência, ou que tinham consciência subjetiva, ou que eram capazes de sentir dor e sofrimento. Como resultado, eles não eram seres que tinham interesses, ou seja, eles não tinham preferências, vontades ou desejos. Segundo Descartes, os animais são ‘máquinas’ que Deus criou e, portanto, não são mais conscientes do que as máquinas que os próprios seres humanos criam. (Francione, 2008: 3).⁴⁵

Mas, diferente do que Descartes defendia, argumenta Francione, animais têm uma consciência, uma vida, e esta tem valor para eles, independentemente de quanto o ser humano possa considerá-la importante ou não.

⁴⁵ Tradução livre de excerto do livro *Animals as Persons: Essays on the abolition of animal exploitation*, p. 3, de Gary Francione. No original: *Some people, such as René Descartes [...] apparently believed that animals were, as a factual matter, indistinguishable from inanimate objects in that animals were not sentient – they were simply not beings who were conscious, had subjective and perceptual awareness, or were able to experience pain and suffering. As a result, they were not beings who had interests; that is, they did not have preferences, wants, or desires. According to Descartes, animals were ‘machines’ that God created and therefore were no more conscious than the machines that humans created.*

Coisas, objetos, têm valor condicional, enquanto animais – como os seres humanos – têm valor inerente. Portanto não deveriam ser considerados como propriedade, pois propriedades têm valor condicional, não inerente a elas mesmas.

O corolário do raciocínio é que o reconhecimento do valor inerente do valor dos animais requer, necessariamente, a *abolição* da exploração que sofrem imposta pelos seres humanos.

Francione defende a abolição completa da utilização dos animais como propriedade dos seres humanos e não a melhoria das condições de confinamento destes. Segundo ele, o *status* dos animais, enquanto itens de propriedade definido de antemão, garantirá sempre que a balança dos interesses sempre penda para os humanos, em detrimento dos animais. Em suas palavras:

[...] Não há realmente nenhuma escolha a ser feita entre o interesse humano e o interesse animal porque a escolha já foi predeterminada pelo estatuto de propriedade do animal; o 'sofrimento' dos proprietários que não podem usar sua propriedade como quiserem conta mais do que o sofrimento dos animais. Estamos autorizados a impor qualquer tipo de sofrimento a nossa propriedade animal para um propósito específico, mesmo que esse propósito seja o nosso prazer. (Francione: 2008, p. 38).⁴⁶

Assim como Peter Singer, Francione propõe a aplicação do *princípio da igual consideração de interesses semelhantes* – os interesses, tanto de humanos como de animais não-humanos (como o direito à vida), precisam ser tratados com igual *consideração* – mas, diferente de Singer, este princípio só é possível de ser plenamente aplicado caso os animais deixem de ter o estatuto jurídico de propriedade dos seres humanos. A aplicação deste acabaria, segundo ele, com a nossa esquizofrenia moral.

3.2 Os animais no centro da discussão

Tanto Singer, quanto Regan e Francione subsidiam o discurso dos veganos. Os três consideram os animais não-humanos seres sencientes, ou seja, dotados da capacidade de sofrer ou

⁴⁶ Tradução livre de excerto do livro *Animals as Persons: Essays on the abolition of animal exploitation*, p. 38, de Gary Francione. No original: There is really no choice to be made between the human and the animal interest because the choice has already been predetermined by the property status of the animal; the 'suffering' of property owners who cannot use their property as they wish counts more than animal suffering. We are allowed to impose any suffering required to use our animal property for a particular purpose even if that purpose is our mere amusement pleasure.

sentir prazer ou felicidade. Todos refletem, cada qual a sua maneira, sobre o problema do especismo, a discriminação contra *seres não humanos*, pelo fato de não pertencerem à nossa espécie.

Entretanto, as abordagens dos dois primeiros são consideradas neobem-estaristas, pois, apesar da crítica que fazem à exploração animal – como os bem-estaristas tradicionais, que não eram contra a exploração, desde que fosse realizada de maneira *humanitária* e sem sofrimento desnecessário, refletindo a preocupação com o bem-estar dos animais –, defendem, como meta a longo prazo, a abolição da utilização de animais, apoiando medidas ou legislações – no curto ou no médio prazo – que promovam tratamento *humanitário* ou que diminuam o sofrimento *desnecessário* aos seres não-humanos.

A posição de Francione, por outro lado, é denominada de *abolicionista*, pois ele defende o fim de todas as formas de exploração institucionalizada (ou não) dos animais, baseando-se no respeito ao direito básico dos animais em não serem considerados propriedade.

Penso que, a seguir, quando veremos o ativismo vegano em ação, poderemos compreender aquilo que mencionei no início deste capítulo: a questão de fundo do ativismo vegano não é somente a alimentação. A ausência de carne e derivados na alimentação é apenas parte de um questionamento maior e muito difícil de tratar e discutir que os veganos propõem para a sociedade debater: os direitos dos animais.

A discussão sobre o direito moral de discriminar outras espécies, aprisionando-as e utilizando-se delas para seu benefício próprio, ou mesmo tratando-as como nossa propriedade aparecerá nas diversas ações que os veganos empreendem.

Capítulo 4 – Ativismo vegano em ação

Sim, uma revolução! Não é isso o que todos queremos? Queremos mudar os hábitos de consumo de toda a sociedade, desde a alimentação e vestuário até o entretenimento e a base do desenvolvimento científico vigente (George Guimarães).⁴⁷

A respeito da diferença entre um vegano e um vegetariano, um panfleto distribuído pelo grupo ativista Vegan Staff – grupo este responsável pela manifestação na 60ª Reunião da SBPC (confira capítulo 1) –, intitulado *Vegetarianismo: o que é e por que pensar sobre*, afirma:

A pessoa que opta pelo vegetarianismo geralmente o faz por estar mais ligada à própria saúde, pois a intenção é se ver distante dos males que a dieta com carne (onívora) traz aos seres humanos. Já o Vegan é o indivíduo que decide seguir tal conduta para expor a crueldade exercida contra os animais, dedicando sua vida à luta pela Libertação Animal. (Vegan Staff, s/d: p. 2).

Segundo esse mesmo panfleto, o vegetariano é aquele que se preocupa com seu corpo e com a sua própria saúde, enquanto que o vegano, “antes de qualquer outro questionamento, está preocupado com danos causados aos animais e ao meio ambiente” (Vegan Staff, s/d: 2), adotando uma visão de mundo menos individualista do que a vegetariana.

Ainda segundo esse panfleto da Vegan Staff, o vegano:

[...] tem a preocupação com as atrocidades praticadas contra os animais e o meio-ambiente, onde em pleno século XXI, nós seres humanos ditos ‘evoluídos’ ainda permitimos que um ‘holocausto’ aconteça dentro de um abatedouro ou em cima de um prato. Porém, desta vez, não são judeus, negros ou ciganos que estão no ‘paredão’ esperando por terem suas vidas ROUBADAS, mas sim outros seres que não possuem meios de se defenderem da ganância e tirania AINDA existente na maioria dos corações de uma raça (sic) que aceita tais fatos sem ao menos se questionar. (Vegan Staff, s/d: 2).

Converse com veganos a respeito das diferenças entre eles e os vegetarianos e você escutará que *o vegetarianismo é um regime alimentar enquanto o veganismo é uma postura ética*.

⁴⁷ A frase foi retirada de um artigo intitulado “Movimento focado, oponente irado” (Revista dos Vegetarianos n. 25, p.51). George Guimarães é presidente do Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade (VEDDAS), nutricionista especializado em dietas vegetarianas, diretor de uma consultoria em nutrição vegetariana e proprietário de dois restaurantes veganos na cidade de São Paulo e um na região do ABC.

Em um artigo escrito pela filósofa Sônia Felipe⁴⁸, intitulado *Ética, dietas e conceitos abolicionistas*, publicado no site da Agência de Notícias dos Direitos Animais (ANDA) e reproduzido por diversos *sites* e *blogs*, encontramos um trecho que descreve a diferença entre ambos e a dificuldade de ser vegano em um *mundo onívoro*:

[...] Para além da alimentação, veganos têm uma *díaita*, do grego, “modo de vida”, que escolhe a abstenção de todo e qualquer produto de origem animal, não apenas na hora de comer, mas também na hora da higiene pessoal, da limpeza da casa, dos acessórios de moda, dos cosméticos, dos medicamentos. Obviamente, viver um projeto de vida vegana em meio à ditadura da propriedade, exploração e extermínio de animais não é algo que possa ser concretizado de forma pura. Por isso, para ser vegano é preciso, além da honestidade com o uso do termo quando explica a outras pessoas o que a distingue das demais em seu modo de vida, muita determinação e lucidez, para desfazer, uma a uma, as pregas, dobras, rugas e os vincos da moralidade tradicional traiçoeira, artilosa, que nos enredou nessa forma de vida que representa puro tormento para os animais (Felipe, 2009).⁴⁹

Mas quem são e o que querem os veganos da Região Metropolitana de São Paulo? Somente eles estão preocupados com o sofrimento animal, enquanto os vegetarianos se importariam mais com a saúde deles próprios? Quais são suas formas de atuação e mobilização? Como estão organizados? Quais são suas propostas e como as difundem? Em que medida suas propostas também se configuram em elementos de distinção para marcar diferenças sociais? Qual é o alcance político efetivo das suas propostas? Em que medida elas estão afetando/transformando a visão da sociedade a respeito do consumo de carne e da relação que os homens têm (ou deveriam ter) com os animais? Eles são realmente uma ameaça à sociedade, merecendo a caracterização de terroristas, como quer o FBI?

⁴⁸ Sônia Terezinha Felipe, que é Doutora em Teoria Política e Filosofia Moral, pela Universidade de Konstanz, Alemanha, e co-fundadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Violência (UFSC, 1993), publicou vários livros, capítulos de livros em obras coletivas e diversos artigos sobre direitos animais. Seus textos são reproduzidos por vários *sites* e *blogs* veganos.

⁴⁹ Site <<http://www.anda.jor.br/?p=25016>>, acessado em 10 de janeiro de 2010.

4.1 Veganos na metrópole

4.1.1 Espaços de sociabilidade

Sair à rua para procurar um vegano não é uma tarefa fácil, se o que se busca é uma característica física marcante, um traje específico que os diferencie das demais pessoas que habitam a metrópole ou locais que sejam um ponto de encontro exclusivo de sociabilidade vegana.

Excetuando as tatuagens, que vários deles têm pelo corpo, principalmente os *straight edges*⁵⁰ (mas não exclusivamente seus adeptos), que nem sempre estão à vista; as camisas; os *bottoms* com motivos ou dizeres veganos, que vários deles vestem; os adesivos, que colam em seus carros, veganos costumam passar despercebidos, mesmo em restaurantes tipicamente vegetarianos, no qual, somando-se aos demais vegetarianos (lacto, ovolacto, etc.) nem maioria são entre seus frequentadores.



FIGURA 6 – A tatuagem de uma ativista vegana, mencionando o título de um livro de Peter Singer

Fonte: Foto do autor, autorizada pela ativista.

⁵⁰ Punks que se abstém de tabaco, álcool e as drogas ilícitas. Também não comem carne.

A diferença se faz notar, invariavelmente, quando fazem alguma pergunta em um bar ou restaurante, não necessariamente vegetariano.

Esse prato leva algum derivado de leite? Esse bolo contém ovo? Você faz cachorro- quente com salsicha de soja? Será que você pode fazer uma pizza para mim sem queijo? são perguntas comuns que eu ouvi diversas vezes em minhas observações de campo e que permitiam começar a identificar um possível vegano.

Outra característica marcante do vegano, pouco notada por *olhares destreinados*, é o costume que eles têm de ler embalagens de produtos à procura de ingredientes de origem animal. Em uma ocasião, na qual abordei uma vegana em um mercado e a questioneei sobre a razão de ler todas as embalagens dos produtos antes de escolher qual colocar na cesta de compras, fui informado de que:

Existem muitos animais escondidos nos produtos que a gente compra, como insetos. [...] Sim, insetos! [...] Este biscoito de morango, por exemplo, tem cochonilha! [...] Eles esmagam a fêmea do inseto, a tal da cochonilha. Um montão delas amassadas viram o tal pigmento que eles utilizam para dar cor no alimento. [...] Tá achando que esse biscoito é de morango? [...] É biscoito de cochonilha, cara! (L.A.; F; 29 anos; Guarulhos; vegana).

Outras características, como não utilizar roupas de couro, de lã ou peles, não ajudam muito na identificação, pois não-veganos podem evitar essas roupas por outros motivos.

A verdade é que veganos não andam por aí com uma placa na mão com a informação: *Sou vegano* ou com *bottoms* com os dizeres: *Quer se tornar vegano? Pergunte-me como?*

Quando afirmo que é difícil encontrá-los pela cidade, quero dizer com isso que existe uma escassez de espaços exclusivamente veganos na Região Metropolitana de São Paulo, espaços esses que possam propiciar certa sociabilidade e troca de informações sobre os veganos e o veganismo.

Apesar dessa dificuldade, podemos listar alguns deles – que se autodenominam veganos, pois não utilizam produtos de origem animal nos pratos, todos eles voltados à alimentação – e que servem de ponto de encontro e espaço de sociabilidade. São eles:

- Três restaurantes da rede Vegethus, de propriedade de um conhecido ativista da cidade de São Paulo e onde, além de comer, pode-se assistir a palestras sobre veganismo;
- O restaurante Vegacy, localizado à Rua Augusta, em São Paulo;
- Uma padaria vegana, que encerrou as atividades durante a realização desta pesquisa;
- O Lar Vegetariano Vegano, que funcionou durante alguns anos como uma pizzaria, mas que, neste momento, faz somente entregas sob encomenda.

Além dos locais acima, há um estabelecimento comercial – a Vegan Pride, localizada na Galeria do Rock –, que se autointitula uma loja que comercializa *acessórios livres de crueldade*. A Vegan Pride é frequentada principalmente, mas não exclusivamente, por *straight edges*.

Outro ponto de encontro é a Sorveteria Soroko, localizada na Avenida Augusta, que comercializa sorvetes feitos à base de soja e que é um conhecido ponto de encontro de *straight edges* e de veganos, apesar de vender os tradicionais sorvetes à base de leite de vaca.

São poucos os espaços exclusivamente veganos na metrópole. Também são poucas as organizações que defendem o ideário vegano. A seguir, vou descrever algumas delas, entre as quais, aquelas que acompanhei mais de perto, observando suas atividades e entrevistando seus líderes.

4.1.2 Poucos, mas barulhentos: veganos em ação.

A difusão do veganismo na Região Metropolitana de São Paulo é realizada por poucos grupos e coletivos. Estes grupos, embora pequenos e carentes de recursos financeiros, são muito atuantes, tendo em vista o número de ações que realizam para dar visibilidade aos direitos dos animais e ao veganismo.

A maioria deles atua organizando manifestações públicas (como veremos a seguir). Entre eles destacam-se: Veddas (Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade), Ativeg, Ativismo.com, VeganStaff, Holocausto Animal e Odeio Rodeio.

Eles constituem-se nos maiores articuladores das ações públicas (passeatas, panfletagens, eventos de rua, etc.) realizadas na Região Metropolitana de São Paulo nos últimos cinco anos,

conforme levantamento realizado, consultando notícias publicadas no período pelos principais jornais paulistanos, agências de notícias e *sites* sobre veganismo.

Como a maior parte das manifestações realizadas por estes grupos não é divulgada pela mídia tradicional – ou porque não é do interesse desta noticiá-las ou porque muitas das ações não contam com divulgação prévia das organizações veganas – foi necessário complementar a pesquisa consultando *sites*, *blogs* e comunidades relacionados ao veganismo e direitos dos animais, para ter uma compilação de dados mais completa.

As seis organizações veganas citadas acima têm características próprias no que se refere a como divulgar o veganismo.

A ONG Veddas, por exemplo, tem uma forma peculiar de divulgação: o “Veddas Móvel”, um carro adaptado com uma televisão que reproduz vídeos sobre como se dá a produção de carne e como os animais são utilizados no processo. A ideia, apesar de nova entre os veganos brasileiros, é utilizada por organizações veganas de outros países, como a SHARK (*SH*owing *A*nimals *R*espect and *K*indness), grupo norte-americano de defesa dos animais que utiliza um caminhão-baú com quatro grandes telas de projeção para divulgar os vídeos que ela mesma produz.

Assim como a SHARK, o Veddas utiliza o recurso da mobilidade propiciado pelo veículo para estar presente em feiras, congresso e outros eventos, assim como em ruas e avenidas com grande concentração de pessoas, como a Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, onde observei ativistas do grupo aproveitando o momento em que curiosos paravam para observar as imagens expostas pelo Veddas Móvel para conversar sobre veganismo e *exploração animal*.



FIGURA 7 – Ação na Avenida Paulista com o Veddas Móvel (janeiro de 2010)
Fonte: Foto do autor.

O coletivo Vegan Staff costuma realizar uma atividade denominada *Picnic Intervenção*. Trata-se de um encontro periódico, divulgado como sendo mensal, mas que nem sempre acontece todo mês, no qual são discutidos os direitos dos animais e temas políticos correlatos, como veganismo, exploração de seres humanos, etc., em local público, normalmente uma praça, durante um convescote. Os eventos de abril e maio de 2009, que eu acompanhei, foram realizados em uma praça de São Paulo, no final da Avenida Paulista. O local do evento, a Marechal Cordeiro de Farias, foi *rebatizada* pelos ativistas como *Praça Vegan*. Esta tem, em suas paredes, vários grafites com os dizeres *libertação animal*, *pare de comer animais*, *vegan* e *go vegan*. Talvez essa seja a intervenção a que se refere o título do evento.

Várias ações são realizadas conjuntamente por mais de uma organização. Essa junção de forças se dá, porque vários ativistas fazem parte de mais de um grupo ou porque se consideram fazendo parte de *uma luta que tem um inimigo só* – como fazem questão de repetir sempre que têm oportunidade – e que necessita da união de forças de todos que desejam abolir a exploração dos animais. Um exemplo de ação conjunta foi a que ocorreu em junho de 2009, na Escola Estadual Marina Cintra, localizada na Rua da Consolação, na capital paulista.

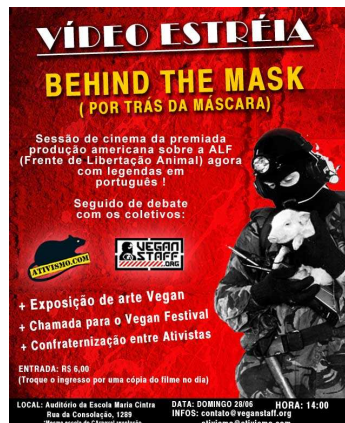


FIGURA 8 – Cartaz de divulgação do evento Behind the Mask (junho de 2009)
Fonte: www.veganstaff.org, 10/11/2009.

Nessa ocasião, os coletivos Ativismo.com e Vegan Staff promoveram uma exposição de cartazes sobre utilização de animais pela indústria – denominada *exposição de arte Vegan*, no material de divulgação do evento – e uma *sessão de cinema*, com a apresentação de uma cópia do documentário norte-americano *Behind the Mask* – legendado pelos próprios ativistas do Ativismo.com –, sobre os bastidores da organização ativista norte-americana *Animal Liberation Front* (ALF), que é conhecida por invasões, com o objetivo de soltar os animais presos, a laboratórios e instituições que fazem experimentação científica em animais.

Após a sessão do referido vídeo, na qual estavam presentes muitos jovens – estimei que ao menos 25 das 33 pessoas presentes tinham menos de 30 anos –, seguiu-se uma discussão interessante sobre os métodos utilizados pela ALF com vistas a atingir seus objetivos e que, principalmente, discutia se as ações de invasões de propriedade privada e de destruição de instalações onde animais são presos não ferem o princípio da não-violência, advogado pelos ativistas da ALF em várias partes do vídeo, inclusive na cena final, na qual aparecem cenas de Martin Luther King – um dos ícones da não-violência no século 20 – proferindo seu célebre discurso feito em 1963, na Marcha de Washington por Empregos e Liberdade, em um momento decisivo da história do Movimento Americano pelos Direitos Civis.



FIGURA 9 – Cartaz presente na *exposição de arte Vegan*, promovida pelos coletivos *Ativismo.com* e *Vegan Staff* (junho de 2009)
Fonte: Foto do autor.

Esse discurso – conhecido popularmente como *I Have a Dream* – gerou polêmica entre os presentes. Um deles argumentou que a mensagem final com Luther King, após todas as invasões, provocaria uma confusão na cabeça de pessoas que não são veganas. Outra ativista afirmou que tudo, “a ação direta promovida pela ALF, ‘queima o filme’ dos veganos, que são tachados de pessoas violentas”. Em contrapartida, uma outra ativista rebateu o argumento da violência como incoerência, defendendo que “enquanto animais forem violentados em sua liberdade, a violência para libertá-los é plenamente justificada”.

Fiz questão de mencionar parte do debate que se seguiu após a apresentação do documentário, porque se trata de uma discussão central entre os veganos, sobre qual é a forma mais adequada de defender aquilo no qual acreditam: fazer uma defesa dos direitos dos animais mais ativa, partindo para uma ação mais direta, apontando o *dedo na cara* dos que comem carne e *tratam os animais como sua propriedade, como coisas*, utilizando muitas vezes a violência (física ou simbólica); ou partir para uma forma mais branda, que esteja baseada em uma *educação vegana*, considerando que a maioria das pessoas age pelo hábito, como apontaram Peter Singer e Tom Regan?

A questão é complexa e divide os ativistas. Para contribuir com o esclarecimento e ampliar o conhecimento vegano existe um grupo que atua como um fórum de debates e estudos sobre direito animal e veganismo.

O Grupo de Estudos de Direitos Animais (GEDA) realiza mensalmente, desde 2007, palestras em que voluntários discutem artigos ou capítulos selecionados de obras sobre direitos animais. As palestras são seguidas de debates.

O grupo, apesar de contar com a participação de professores, estudantes e profissionais de diferentes instituições acadêmicas, é desvinculado de uma instituição acadêmica específica. Entre as palestras que pude presenciar em minhas observações e que dão uma mostra do que é discutido no âmbito do Geda estão: *Diplomacia vegana*, a respeito de como encarar as objeções sobre o veganismo e os direitos animais; *Ética na alimentação: o fim da inocência*, uma interpretação de um artigo da filósofa Sônia Felipe, no qual esta discute que, se levamos a sério o princípio ético de não infringir um mal a nenhum animal não-humano, não podemos ingerir nem ovos ou leite e seus derivados, pois estes fazem parte da mesma indústria que os condena à morte, pois mesmo as galinhas que são criadas *soltas* e as vacas que pastam longe do confinamento têm o mesmo destino de abate, após anos produzindo ovos e leite, respectivamente.

Excetuando o Geda, os grupos Veddas, Ativismo.com, Vegan Staff também desenvolvem, assim como o Ativeg, o Odeio Rodeios e o Holocausto Animal, diversas ações em prol do veganismo, digamos assim, mais midiáticas, com maior visibilidade para um público não vegano. Isso se dá, principalmente, na forma de passeatas e panfletagens, conforme descreverei a seguir.

4.1.3 Saindo às ruas: ações em defesa dos direitos animais

A visibilidade é muito importante para qualquer movimento social. Não seria diferente para o movimento vegano. Mas como chamar atenção para a causa vegana, explicitando a questão do sofrimento animal, sem expor fotos e vídeos com detalhes chocantes?

Uma escolha feita pela maior parte dos grupos está baseada na exposição do que é chocante quanto ao que se refere a como os animais são tratados. E essa exposição faz uso do elemento visual ao extremo. Por isso, na descrição a seguir, considere de fundamental importância ilustrar, com imagens coletadas no campo, aquilo que detalharei por escrito.

Lembrando que uma das linhas de atuação do ativismo vegano é chamar a atenção da sociedade para a questão dos direitos animais através de manifestações públicas em grandes pontos de concentração, eu classifiquei essas manifestações em quatro tipos diferentes, como veremos a seguir:

A) Manifestações públicas de difusão do veganismo e dos direitos animais em datas comemorativas

Essas manifestações passeatas reúnem ativistas, anualmente, em dias nos quais se comemora algum aspecto que envolve a causa vegana, como: o Dia Internacional Vegano (1º de novembro) – que ocorre na cidade de São Paulo desde 2006 –, o Dia Internacional dos Direitos Animais (10 de dezembro) e a Sexta-Feira Mundial sem Peles (na última sexta-feira de novembro). São as duas primeiras as datas em que costumam ocorrer as manifestações maiores.

Nessas ocasiões, organizações veganas e de defesa dos animais organizam passeatas em locais públicos de grande visibilidade ou grande fluxo de pessoas, como a Avenida Paulista. Ativistas – vestidos com camisetas pretas – distribuem folhetos relacionados aos direitos animais e a temas correlatos, como foi o caso da manifestação de dezembro de 2009 – em comemoração ao Dia Internacional dos Direitos dos Animais – quando foram distribuídos materiais sobre a relação entre a pecuária e o aquecimento global (temática do evento desse ano, em alusão à COP-15, Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, realizada dias após a manifestação).



FIGURA 10 – Manifestação no dia Internacional dos Direitos Animais (dezembro de 2009).
Fonte: Foto do autor.

Na *Sexta-feira Mundial Sem Pele* – realizada simultaneamente em vários países –, várias organizações de defesa dos direitos animais da Região Metropolitana de São Paulo realizam protestos, pedindo o fim da indústria de pele animal. Assim como na manifestação do Dia Internacional dos Direitos Animais, o local escolhido, em 2009, também foi a Avenida Paulista.

O evento foi criado pela *International Anti-Fur Coalition* (Coalizão Internacional Antipele) em parceria com o movimento *Fur-Free Friday* (Sexta-feira sem pele), segundo informação obtida junto a um ativista do Grupo Holocausto Animal, de defesa dos direitos animais e um dos coletivos que organizam a manifestação na capital paulista.

A manifestação consistiu em colocar mulheres engaioladas no canteiro central da Avenida Paulista, como parte de um protesto contra a indústria da extração de peles dos animais. As pessoas que passavam pelo local e paravam para observar a cena recebiam panfletos sobre direitos animais. Faixas foram abertas e, com megafone e apitos, os ativistas procuravam chamar a atenção dos pedestres e dos motoristas.



FIGURA 11 – Manifestação Sexta- Feira Mundial sem Peles (novembro de 2009)
Fonte: Foto do autor.

Normalmente, nessa modalidade de manifestação, o material de divulgação (panfletos, faixas, cartazes) costuma ser fornecido pelos organizadores no próprio local. E todo o trabalho de distribuição do material confeccionado é desenvolvido por voluntários das diferentes organizações que organizam o evento e por ativistas *anônimos*, não vinculados a organizações.

B) Manifestações públicas com objetivos específicos de protesto dirigido

Essa modalidade de manifestação não tem uma data no *calendário de ações* dos veganos. Elas ocorrem de acordo com a necessidade de protestar contra algo específico, como o protesto na Assembleia Legislativa em apoio ao Código Estadual de Proteção e Defesa Animal (a lei 11.977), passeatas contra a vivissecção e a utilização de animais em experimentos científicos e o protesto contra o Congresso Internacional da Carne, ocorrido em São Paulo, no Hotel Renaissance, em 2007, no qual os ativistas do Grupo Veddas *embalaram* dois ativistas, simulando uma embalagem de carne como aquelas comercializadas em supermercados.



FIGURA 12 – Manifestação contrária ao Congresso Internacional da Carne (abril de 2007)
Fonte: www.holocaustoanimal.org, 6/01/2010.

C) Manifestações públicas esporádicas de difusão do veganismo e dos direitos animais

A terceira modalidade de manifestação é parecida com a modalidade de tipo A no que se refere ao objetivo (divulgar o veganismo e os direitos dos animais), mas não é realizada tendo em vista uma ocasião especial nem um local pré-definido com muita antecedência para ocorrer.

Normalmente as organizações ou coletivos programam uma ação com pouca antecedência, convocam os ativistas, divulgam pela Internet o local e horário e, no dia combinado, encontram-se para realizar a ação. Essas ações costumam reunir um número

relativamente pequeno de ativistas, se compararmos às ações do tipo A. Podemos denominá-las de *ações do dia a dia*.

Um exemplo deste tipo de ação foi realizado pelo grupo Ativeg, no dia 20 de junho de 2009, próximo à estação de metrô Liberdade, com o objetivo de *retratar e informar sobre o confinamento animal*, de acordo com o *e-mail* de divulgação enviado pelo grupo a diversas listas de discussão, convidando-os para a ação.



FIGURA 13 – Manifestação do Ativeg na Praça da Liberdade, em São Paulo (junho de 2009)
Fonte: Foto do autor.

Outro exemplo desse tipo de ação foi o evento denominado *Vegballon*, promovido pela mesma Ativeg e realizado no dia 29 de novembro de 2009, na Avenida Paulista, mais especificamente, no vão livre do MASP, e que tinha como objetivo – de acordo com o panfleto de divulgação do evento –, *celebrar a vida e o respeito pelos animais através do vegetarianismo*.

Além da tradicional distribuição de panfletos, os ativistas montaram um “V” com balões verdes, chamando a atenção dos que passavam pelo local.

Um fato chamou a minha atenção nesse evento. Foi a única vez, em todas as minhas observações de campo, que os manifestantes utilizavam camisas de outra cor (verde) que não o preto, *marca registrada* das manifestações veganas.



FIGURA 14 – *Veg Ballon Fest*,
em São Paulo (novembro de 2009)
Fonte: Foto do autor

D) Manifestações contra empresas e governos que desrespeitam os direitos animais

A última modalidade de ação realizada pelos ativistas veganos é a que tem o foco dirigido a empresas que utilizam animais em seus produtos ou a governos que – do ponto de vista dos ativistas – estimulam ou não combatem adequadamente a exploração ou maus tratos aos animais. Um dos grandes focos das manifestações é a cadeia de *fast food* McDonalds, alvo de diversas ações, principalmente no dia que a empresa norte-americana denomina de *McDia Feliz*, e que os ativistas chamam de *McDia Infeliz*.



FIGURA 15 – Manifestação contra o McDonalds,
em São Paulo (agosto de 2009)
Fonte: <http://vista-se.com.br>, 8/01/2010.

Também já foram realizadas ações contra a comercialização de peles pela loja Daslu, contra donos de circos que utilizam animais – o Circo Stankowich foi um deles – e diversas ações contra a indústria de peles na China, em frente ao consulado deste país, na capital paulista.

Nesta modalidade de ação também se encaixam as manifestações contra os rodeios, com várias ações em cidades da Região Metropolitana de São Paulo, promovidas principalmente pelo coletivo *Odeio Rodeio*. Esse coletivo atua pela abolição dos animais, não somente nos rodeios, mas também em outras *festas*, como vaquejadas e farras do boi.

4.1.4 Ativismo *web based*

Até agora falamos de um ativismo de rua, muito parecido com o tradicional ativismo de outros movimentos sociais. Mas... será só isso?

Existe um forte ativismo que não aparece, mas que é realizado utilizando a força de difusão comunicacional da Internet.

Sim, os veganos fazem um uso intenso de recursos que a Internet propicia. Além dos tradicionais *sites* onde se expõem ideias, os veganos utilizam diversas ferramentas *web based*. Eles estão presentes em diversos *blogs*, trocam experiências, divulgam campanhas e mobilizam-se para aquelas intervenções citadas acima através de listas de discussão no *Yahoo* e no *Google*, além de formarem inúmeras comunidades em redes sociais de relacionamento no *Orkut* e no *Ning*. Também utilizam sites de compartilhamento de vídeo, como o *You Tube* e o *Google Video*, tornando disponíveis diversas imagens das suas mais recentes ações (passeatas, panfletagens, reuniões, palestras, etc).



FIGURA 16 – Cena de manifestação contra rodeio na cidade de Guarulhos, disponível no site *You Tube* (agosto de 2009)
Fonte: <http://www.youtube.com>, 8/02/2010.

Parece estranho fazer um mapeamento de um movimento social a partir da sua presença virtual. Entretanto a presença, digamos assim, *off line* do movimento está intimamente ligada à sua presença na Internet.

Quando alguém me perguntava, no início desta pesquisa de mestrado, onde encontrar veganos (e vegetarianos em geral) eu dizia: vá a um dos diversos restaurantes vegetarianos da cidade e será fácil encontrá-los. Como mencionado anteriormente, isso não se tornou uma hipótese facilmente comprovável.

E onde encontrar textos que falem sobre os benefícios do vegetarianismo e do veganismo? Minha resposta: compre seus livros (em inglês) no *site* norte-americano *Amazon.com*, pois em português há poucas publicações disponíveis.

Hoje, a resposta para as duas perguntas é a mesma: acesse a Internet!

Sim, a Internet. Diferente de outros movimentos sociais e de outras formas de ativismo, o *virtual* para os veganos exerce papel fundamental na forma como se organizam e como difundem suas ideias. É no ambiente virtual que se *encontram*, trocam impressões sobre o movimento, divulgam as posições sobre a causa que defendem e organizam as formas de atuação, tanto as *on line* quanto as *off line*.

Quando, na pesquisa quantitativa que realizei, perguntei aos entrevistados quem (ou o que) havia influenciado sua decisão de se tornar vegetariano (ovolacto, vegano, etc.), 61% deles afirmaram que foi devido ao contato com um material (livro, vídeo, *site*, etc.) sobre os benefícios do vegetarianismo ou sobre o sofrimento dos animais.

A alta frequência de menções sobre a influência da mensagem escrita (livros e *sites*) levanta uma primeira pista sobre o papel da Internet como *locus* a partir do qual os veganos atuam.

São diversos os *sites* que divulgam o veganismo. Uma lista abrangente desses *sites* encontra-se nos anexos desta pesquisa.

Podemos dividir esses *sites* e *blogs* basicamente em três grupos: *sites* e *blogs* de organizações e coletivos veganos, os administrados coletivamente e os individuais.

Os *sites* e *blogs* de organizações e coletivos, com raras exceções, são pobres em conteúdo. Uma das raras exceções em termos de quantidade e qualidade no conteúdo exposto é o *site Pensata Animal – Revista de Direitos Animais*, que conta até com registro de ISSN. Esse *site* é uma referência em artigos de juristas, filósofos, sociólogos e outros pensadores (não só acadêmicos) que escrevem sobre o veganismo e os direitos dos animais. Vários artigos de Peter Singer, Tom Regan e Gary Francione já foram traduzidos por essa revista digital.

Pensata Animal declara-se abertamente distante da *neutralidade diante de questões morais*, defendendo *a abolição de todas as formas de exploração de animais (não-humanos e humanos)*.⁵¹

Além do *Pensata Animal*, diversas iniciativas isoladas de ativistas municiam os veganos com notícias, vídeos, textos e agenda de eventos.

Os grupos de discussão também são numerosos. Somente no *Yahoo Grupos* podemos apontar os seguintes:

- Jovens vegans
- Mundo vegan
- União Vegan
- Veja Brasil
- Veganismo Brasil
- Sem carne SP
- Veganismo

⁵¹ Site <www.pensataanimal.net>, acessado em 12 de fevereiro de 2010.

Existem vários vídeos que contribuem para divulgar o veganismo, como *A carne é fraca* e *Não Matarás* – documentários produzidos pelo Instituto Nina Rosa, uma organização sem fins lucrativos, que atua promovendo *conhecimento sobre defesa animal, consumo sem crueldade e vegetarianismo*. Assim como esse, vários outros vídeos, estão disponíveis integralmente na Internet, seja no *You Tube* ou em outros *sites* de compartilhamento de arquivos menos acessados.

Mas, podemos questionar: se grande parte da informação migrou para a Internet, qual é a especificidade da forma como os veganos a difundem?

Os veganos incorporaram as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) em suas estratégias como instrumentos de planejamento, articulação e ação. A articulação em rede entre vários coletivos de defesa animal, o compartilhamento de informações em tempo real entre veganos, a convocação para ações de intervenção social – como, por exemplo, protestos em frente de empresas que utilizam animais em seus produtos – são as formas mais comuns de ativismo *web based*.

Entre todas essas ações, gostaria de destacar uma muito peculiar, que pude identificar como parte da *etnografia do virtual* que realizei: a interferência no resultado em enquetes e votações *on line*.

A ação, puramente *web based*, funciona da seguinte forma: veganos identificam enquetes e votações sobre temas de interesse, como, por exemplo, utilização de animais em circos e uso de animais em testes, em *sites* de jornais, de revistas ou de órgãos de governo. Em seguida, copiam o *link* da página onde está localizada a pesquisa e enviam para listas de discussões ou *postam* em comunidades veganas, solicitando a todos os que estão nela registrados que entrem na página da enquete e votem a favor da posição vegana.

Acompanhando várias dessas votações, pude constatar que, na quase totalidade delas, quando a solicitação é feita, a votação pende para o lado da posição que os veganos defendem. Como se trata de *e-mails* enviados para uma lista pública, apresento a seguir um deles – preservando apenas a identificação de seus remetentes, solicitando a *participação*:

Título: Testes em Animais - Vote na ENQUETE da FOLHA ONLINE
De: svb-sampa@yahoo grupos.com.br em nome de XXX (xxx@terra.com.br)
Enviada: sábado, 2 de outubro de 2009 13:56:06
Para:

01/10/2009 - De: I...
ENQUETE DA FOLHA ONLINE: TESTES EM ANIMAIS

A Folha Online está promovendo a seguinte enquete sobre uso de animais em experimentos científicos:
Você é a favor da interrupção do uso de animais em testes?
Participe! Diga SIM, pelo fim da tortura em animais!
Para votar, acesse <http://polls.folha.com.br/poll/0927501/>

O e-mail acima, enviado por um ativo *site* vegano, repassava a solicitação de uma conhecida organização protetora dos animais, para que os assinantes da lista de discussão hospedada no *Yahoo* Grupos, a svb-sampa, clicassem no *link* da enquete realizada pelo jornal Folha de São Paulo e votassem a favor da interrupção do uso de animais em testes.

Quando o *e-mail* foi enviado inicialmente – no dia 1 de outubro de 2009 – o resultado apresentava a opção *só quando houver métodos alternativos* com maior frequência de votos. Após a solicitação dos ativistas, o resultado *virou*, e a alternativa *sim* foi a mais votada, como se pode verificar na figura abaixo, que reproduz a página com a votação encerrada, no dia 2 de outubro de 2009.

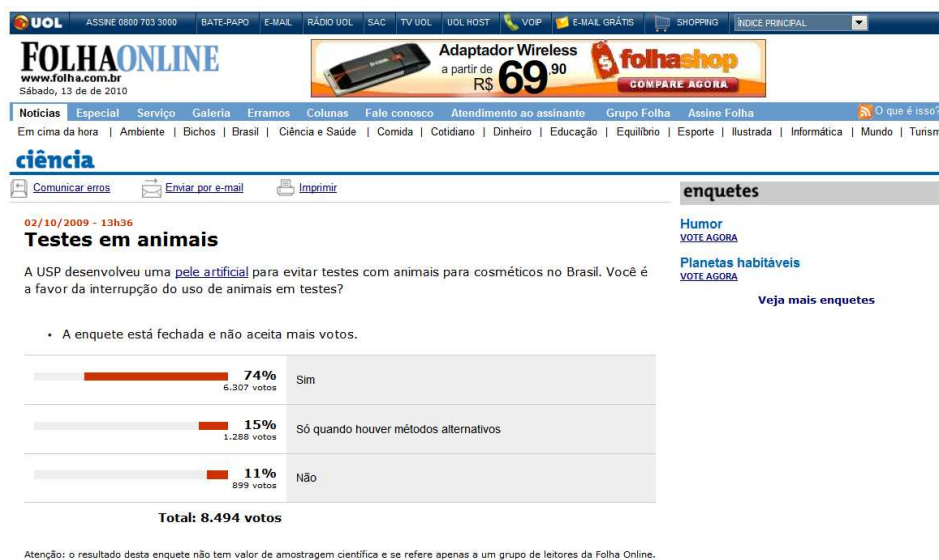


FIGURA 17 – Enquete do jornal Folha de São Paulo sobre testes em animais.
Fonte: <http://polls.folha.com.br/poll/0927501/results>, acessado em 9/02/2010.

Apesar de o *site* do jornal informar que *o resultado desta enquete não tem valor de amostragem científica e se refere apenas a um grupo de leitores da Folha Online* (ver acima, na figura 17), podemos constatar que não se trata exatamente de um resultado que reflete a opinião de *um grupo de leitores* da publicação – em sua grande maioria favorável à interrupção do uso de animais em testes – e, sim, o resultado de um esforço de ativismo *on line* realizado pelos veganos.

Esse é apenas um exemplo dos vários pedidos que ativistas fazem *on line* para que outras pessoas favoráveis ao veganismo manifestem seu voto, alterando o resultado de enquetes. O esforço ativista vegano em defesa dos animais não permite perder nem enquete!

Para finalizar este levantamento de ações ativistas baseadas na *web* eu gostaria de apresentar uma que ilustra a estratégia de culpa ou responsabilização adotada pelos veganos.

Uma ativista colocou em um dos mais visitados *sites* de comércio eletrônico brasileiro, o Mercado Livre, um anúncio de venda de carne de cachorro (figura 18).

The screenshot shows a Mercado Livre product page. At the top, there's a search bar and navigation links. Below that, a banner says 'Anúncio finalizado' (Advertisement finished) with a date of 15/09/2009. A section titled 'Aproveite e veja também estas ofertas' (Enjoy and see these offers) displays four other dog-related products with their prices. The main product is 'Adorável (carne De) Golden Retriever - Cheio De Proteína :-)' priced at R\$ 50,00. It features a large image of a golden retriever puppy and a smaller gallery of images. The product details include a payment plan of 12x R\$ 5,00, a location in São Paulo (Guarulhos), and a 'Vendas: 1' (Sales: 1) indicator. Below the product details is a 'Conheça o vendedor' (Meet the seller) section with a reputation bar and a 'Mais informações' (More information) link. A disclaimer states: 'MercadoLivre não é o vendedor desta produto nem participa da negociação entre comprador e vendedor, mas limita-se a hospedar os produtos anunciados pelos usuários.' (MercadoLivre is not the seller of this product nor does it participate in the negotiation between buyer and seller, but it limits itself to hosting the products advertised by users.) The 'Descrição' (Description) section contains a humorous text about eating animals. The 'Garantia' (Warranty) section says 'Sem garantia' (No warranty). The 'Formas de Pagamento e Envio' (Payment and Shipping) section shows the MercadoPago logo and various payment icons.

FIGURA 18 – Anúncio de venda de carne de cachorro no site do Mercado Livre.
 Fonte: http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-107654292-adoravel-carne-de-golden-retriever-cheio-de-proteina--_JM, acessado em 9/02/2010.

No anúncio, encontra-se o seguinte texto:

Amo animais e não vejo problema algum em comê-los! Cachorro, Gato, Porquinho, Galinha, Cordeiro, Vaca... hmmmm são todos deliciosos! E daí que eles são torturados e talzz (sic) para tornarem-se minha refeição? Gosto de seu sabor e preciso de proteína! E daí que há inúmeras fontes não cruéis de proteína? Gosto do sabor dos animais, não é esse um motivo bom o suficiente para comê-los? Estou vendendo meu cachorrinho e não quero ser criticada! Ele é um ANIMAL, também sou, mas como sempre digo: Estou no topo da cadeia alimentar! Posso comer qualquer coisa e qualquer um que é fraco/trauxa o suficiente de permitir-se ser

assassinado, e você pode também! Me certificarei de dar a ele um bom fim! Quem sabe golpearei sua cabeça com o microondas, deixando-o tonto, dessa forma ele sofre menos :) O frete é de somente R\$ 30,00!⁵²

Em seguida distribuiu para diversas listas de discussão o *link* com o anúncio. Na linha do argumento da esquizofrenia moral de Gary Francione – se você ama uns, por que mata outros para comer – e utilizando a estratégia da culpabilização, o anúncio procura mostrar aos que gostam de animais de estimação a incoerência do ato de ingerir carne.

⁵² Site <www.mercadolivre.com.br>, acessado em 9 de fevereiro de 2010.

Capítulo 5 – Veganismo: o início de uma transformação social?

Vegetariano é um cara que cede o assento reservado no metrô. Vegano é um cara que cede qualquer assento no metrô. Onívoro é um cara que até sabe que é correto ceder o assento no metrô, mas finge que está dormindo pra não sair do lugar.⁵³ (Mariana Valentim, desenhista. Autora da personagem *vegana* Banana Pop)

No decorrer desta pesquisa, procurei identificar quem são os que defendem o veganismo e como estão organizados os veganos, situando-os no contexto mais amplo do vegetarianismo.

Entretanto, apesar do extenso trabalho de campo, que espero ter resultado em uma descrição densa do ativismo vegano na metrópole paulistana, duas grandes questões precisam ser respondidas. Ou ao menos discutidas.

Antes de discuti-las, uma constatação: vivemos um momento histórico em que a defesa de grandes causas de interesse público – principalmente entre os mais jovens – cede espaço para preocupações de ordem privada, como o consumo. Trata-se também de um período em que o reencantamento do mundo, nos termos weberianos, reacende engajamentos de ordem religiosa sectários, aumentando tensões quando deveriam buscar a aproximação e uma convivência mais harmoniosa entre as pessoas.

É neste contexto que encontramos um grupo peculiar que tem uma causa. É importante frisar – concordemos ou não com ela, a defesa dos animais – que se trata de uma causa que não traz benefícios diretos a seus defensores. Sua defesa envolve outras espécies.

Como dizia anteriormente, uma primeira questão precisa ser discutida. E esta questão diz respeito à estratégia adotada pela maioria dos ativistas na divulgação daquilo em que acreditam.

Em se tratando de um movimento social que defende a libertação de seres *escravizados*, tratados como propriedade e que, devido a essa condição, sofrem e sentem dor, o ativismo vegano – como ficou demonstrado, no capítulo anterior, nas diversas imagens apresentadas – utiliza intensamente mensagens e recursos visuais fortes como forma de chamar a atenção para o que defendem.

⁵³ Frase dita em uma entrevista ao autor. A entrevistada autorizou que seu nome fosse identificado.

No que se refere às mensagens, os veganos, ao defenderem com veemência o abolicionismo animal, fazem um paralelo entre sua luta e aquela contra a escravidão humana, principalmente a que foi empreendida contra a escravatura do negro. Também aproximam o confinamento em estruturas industriais que levam à morte centenas de milhares de animais a campos de concentração, como aqueles que foram utilizados na segunda guerra mundial. Para descrever a morte diária de animais chegam, inclusive, a utilizar o termo *holocausto animal*. Este também é o nome de uma das mais atuantes organizações veganas, responsável pela organização e divulgação de uma série de ações em defesa dos animais, conforme relatado no capítulo 4.

Apesar de compreender a lógica do paralelo entre os campos de concentração nazistas e os galpões onde animais são confinados e abatidos e entre a abolição dos animais da exploração e crueldade humana – como defendem os veganos – e a abolição da escravatura negra no Brasil, penso que essas aproximações causam desconforto entre possíveis aliados⁵⁴ e, arrisco dizer, um entrave à difusão do veganismo como proposta política.

Além da comparação estabelecida com a escravidão e com o holocausto judeu ocorrido na segunda guerra mundial, o ativismo vegano utiliza intensamente cenas de violências aos animais que parecem chocar a audiência, afastando-a. Embora o *choque com a realidade do sofrimento animal* seja um dos objetivos de sua utilização, a intensidade do uso deste recurso parece ter um efeito de afastamento entre aqueles que têm *estômago fraco* para enfrentar cenas fortes.

Ativistas enjaulados ou dentro de embalagens como se fossem pedaços de frango congelado, ou panfletos com imagens de animais sendo despedaçados, acusando o leitor de ser responsável por um assassinato, podem ter o efeito contrário ao que se espera, e não gerar reflexão sobre a condição dos animais e não atrair um futuro defensor da causa vegana. Como afirmou uma entrevistada não-vegetariana:

Não tenho coragem de ver esses vídeos com animais sendo mortos. Acho muito pesados. [...] Não entendo esses vegetarianos... [...] Como querem convencer alguém a ser como eles, mostrando tanta crueldade. Será que não dá para divulgar a causa deles de uma forma mais leve? As cenas são muito fortes, têm muita violência. [...] São muito agressivas. [...] Acaba afastando as pessoas que concordam que os animais não devem ser maltratados. [...] Acho

⁵⁴ Em 2007 o Grupo Holocausto Animal foi envolvido em uma polêmica com a ONG ABC sem Racismo, que o acusou de ofender negros e judeus e de compará-los a animais. Fonte: Site <<http://www.afropress.com/noticiasLer.asp?ID=1371>>, acessado em 14 de fevereiro de 2010.

que não tem mais vegetarianos no mundo porque as pessoas, só de saber que tem cena cruel no material deles, já se afastam. (F.A.B.; F; 34; Mauá; onívora).

Essa forma de mostrar o que ocorre com os animais é muito direta e franca, e pode ser denominada de estratégia do *sabia que você é responsável pelo que acontece com eles?* Ou seja, ela é baseada na culpa ou responsabilização atribuída ao interlocutor.

Do ponto de vista dessa estratégia – de culpa ou responsabilização – um ovolactovegetariano seria mais culpado ou responsável do que um onívoro, pois este não teria plena consciência do que ocorre com os animais. O ovolactovegetariano (ou qualquer vegetariano que não aboliu totalmente produtos de origem animal), por outro lado, não poderia alegar tal desconhecimento. Isso é o que a filósofa Sônia Felipe⁵⁵ denominou de *perda da inocência*, ou seja, se o vegetariano leva a sério o princípio ético de não infringir um mal a nenhum animal, ele não pode ingerir nem ovos ou lácteos, pois ambos são subprodutos da mesma indústria que gera sofrimento aos animais.

Esta acusação dos veganos aos demais vegetarianos de conivência com a *indústria do sofrimento* – como o retratado no capítulo 2, no qual menciono a violência simbólica – tem levado estes a acusarem aqueles de radicais, extremistas e, muitas vezes de misóginos, como se os veganos preferissem a companhia de animais a de seres humanos. Ambas as críticas parecem fazer o movimento perder força e reforçar a crença de que se trata de um movimento social exótico.

Não haveria outra forma de divulgação do veganismo menos direta e por que não dizer, menos agressiva, como afirmou a onívora que entrevistei?

Apesar de ser hegemônica na prática do ativismo vegano, a estratégia da culpabilização tem um contraponto, ainda incipiente, mas com tendência ao crescimento, o qual defende uma educação vegana e que parte do princípio de que todo vegano, um dia, foi onívoro e que um dos principais motivos por ser onívoro está baseado na força da tradição e no poder de fogo da indústria alimentícia, que propaga que é *natural* tomar leite de vaca e comer carne e é o melhor que podemos fazer para crescermos *fortes e saudáveis*.

⁵⁵ Site <<http://www.anda.jor.br/?p=25016>>, acessado em 10 de janeiro de 2010.

Essa postura educativa, poderíamos classificar como mais branda ou, dito de outra forma, menos contundente. Ela leva em consideração não somente os argumentos a respeito do sofrimento animal – *para não assustar*, como afirmaram vários veganos entrevistados –, mas traz para a discussão os benefícios do veganismo para o planeta, em termos econômicos, sociais e políticos; benefícios estes mais fáceis de *digerir* pelos onívoros.

A segunda questão a ser discutida está relacionada à eficácia das ações dos veganos em modificar a relação que o ser humano tem com os animais. Qual é amplitude dessas ações? As ações dos veganos estão surtindo algum efeito? Eles estão, de maneira efetiva, iniciando uma revolução, como afirmou o ativista do Veddas, George Guimarães, na epígrafe do capítulo 4?

Como afirmaram alguns ativistas que entrevistei, não é possível ser 100% vegano, pois animais são explorados na produção de alimentos, de tintas, de materiais de construção e de diversos produtos que consumimos, mesmo aqueles que não levam animais em sua composição. Ou seja, embora não façam parte dos *ingredientes* do produto, fazem parte do processo de sua produção.

Ainda que partamos dessa posição, ou seja, que é impossível ser plenamente vegano, e a partir dos dados coletados na pesquisa, algumas evidências tendem a demonstrar que o apelo vegano está encontrando eco na sociedade brasileira, mesmo que a nossa perspectiva seja a da Região Metropolitana de São Paulo.

O ativismo vegano tem sido importante para acabar com rodeios em várias cidades da grande São Paulo. Por determinação de leis municipais, aprovadas após várias manifestações de ativistas veganos – principalmente por parte do coletivo Odeio Rodeio – as cidades de São Paulo, Osasco, Carapicuíba, Guarulhos e Jundiaí proibiram este tipo de evento.

Em relação à utilização de animais em circos, os veganos também estão à frente das campanhas de proibição. Devido a sua participação, na RMSPP, as cidades de Atibaia, Cotia, Diadema, Guarulhos, Jundiaí, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e a capital, São Paulo proibiram o uso de animais em circos.⁵⁶

A cidade de São Paulo conta no calendário oficial, desde 2009, com a *Segunda sem Carne*. Nesse dia, por iniciativa da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) do

⁵⁶ Fonte: Site <<http://www.pea.org.br>>, acessado em 15 de fevereiro de 2010.

município, repartições públicas, escolas e outros órgãos do governo servem refeição totalmente vegetariana, em paralelo à distribuição de informativos da razão da existência da data.

Segundo o site da SVMA, a campanha, que foi lançada em outubro do ano passado, tem como objetivo:

Incentivar as pessoas a deixarem de consumir carne ao menos uma vez por semana, tendo assim benefícios à sua saúde e à saúde do planeta. Ampliar o repertório de alimentos no cardápio das pessoas através de um convite para deixar a carne de lado por um dia e testar novas receitas⁵⁷.

Trata-se de uma campanha lançada nos Estados Unidos, em 2003 – *Meatless Monday* – e que tem repercutido em vários países. O *site* da secretaria – fazendo eco ao discurso vegano alerta que:

Ao diminuir o consumo de carne reduz-se, ao mesmo tempo, o desperdício de água, o desmatamento, a desertificação, a extinção de espécies, a destruição de habitats e até de biomas inteiros. A pecuária é responsável pela emissão de cerca de 17% dos gases de efeito estufa no planeta. Mais da metade da produção mundial de alimentos é destinada à ração para animais de abate. Hoje se mata, em cerca de 15 dias, o mesmo número de animais que eram abatidos em um ano na década de 1950 (dados da FAO). Esses animais levam uma vida de sofrimento, medo e privação. Os métodos de criação e abate são cruéis⁵⁸.

A mesma prefeitura de São Paulo, também em 2009, iniciou uma grande campanha pela posse responsável de animais, atendendo aos apelos dos veganos e dos defensores dos direitos dos animais.

Avanço na proibição de rodeios e animais em circos, campanhas oficiais promovidas na maior cidade brasileira, oferta crescente de novos produtos para veganos. Talvez esses sejam avanços muito pequenos diante do grande desafio de salvar os animais, diante da grande mudança de hábitos de consumo de toda a sociedade, *desde a alimentação e vestuário até o entretenimento*

⁵⁷ Fonte: Site

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/campanhas/index.php?p=11883>, acessado em 15 de fevereiro de 2010.

⁵⁸ Fonte: Site

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/campanhas/index.php?p=11883>, acessado em 15 de fevereiro de 2010.

e a base do desenvolvimento científico vigente, a revolução que deseja o ativista George Guimarães.

Não sabemos se essa transformação social promovida pelos veganos está iniciando ou se ela se efetivará, algum dia, como desejam seus ativistas. Entretanto, esses parecem ser os primeiros ganhos obtidos por um movimento que vem conseguindo, além de visibilidade na grande mídia e de se fazer escutar por governos municipais, ser reconhecido como objeto de um estudo acadêmico.

Referências Bibliográficas

AMARAL, A., NATAL, G. e VIANA, L. (2008) Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. In: *Comunicação Cibernética*. Acesso em março de 2010. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>.

BAUDRILLARD, J. (1995) *A sociedade de consumo*. São Paulo: Elfos.

BAUMAN, Z. (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1999a) *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1999b) *Globalização, as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (2008) *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BECK, U. (1999) *O que é globalização? O equívoco do globalismo, respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra.

BONTEMPO, M. (2003) *Alimentação para um novo mundo*. Rio de Janeiro: Record.

BORELLI, S., LOPES, M. e RESENDE, V. (2002) *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.

BOSTRÖM, M. (2003a) Environmental organizations in new forms of political participation. Ecological modernization and the making of voluntary rules. *Environmental Values* 12:175-93.

_____ (2003b) How state-dependent is a non-state-driven rule-making project? The case of forest certification in Sweden. *Journal of Environmental Policy & Planning* 5, 165-180.

BOURDIEU, P. (1983) "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, R. (org.) *Bourdieu, Coleção Grandes Cientistas Sociais*. n. 39. São Paulo: Ática.

_____ (1986) *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. Londres: Routledge.

_____ (1992) *Pierre Bourdieu avec Löïc Wacquant; réponses*. Paris: Seuil.

_____ (1998) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____ e PASSERON, J. C. (1975) *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

CAMPBELL, C. (2001) *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.

CANCLINI, N. G. (1999) *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

CARNEIRO, H. (2003) *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus.

CASTELLS, M. (2007) *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

- CASTRO, R. (2001) *O gourmet vegetariano*. São Paulo: Editora Martin Claret.
- DE MASI, D. (1999) *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: Editora do Senac.
- ESHEL, G., e MARTIN, P. (2006) Diet, energy and global warming. *Earth Interactions Journal*. nº 32. Miami: Rosenstiel School of Marine and Atmospheric Science.
- FEATHERSTONE, M. (1995) *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- FRANCIONE, G. (2008) *Animals as persons. Essays on the abolition of animal exploitation*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- _____ (2000) *Introduction to Animal Rights: Your Child or the Dog?* Philadelphia: Temple University Press.
- _____ (1996) *Rain without thunder: the ideology of the animal rights movement*. Philadelphia: Temple University Press.
- GEERTZ, C. (1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- GIDDENS, A. (1991) *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- _____ (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ (1995) *Animals, property, and the law*. Philadelphia: Temple University Press.
- LESSA, R. e SCHEFFEL, R. (1989) *Nisto Cremos: 27 ensinios bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.
- LIPOVETSKY, G. (2004) *Tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- LYOTARD, J. F. (1990) *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- MAFFESOLI, M. (1997) *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina.
- MALHOTRA, N. (2001) *Pesquisa de marketing. Uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.
- MICHELETTI, M. (2003) *Political Virtue and Shopping. Individuals, Consumerism and Collective Action*. New York: Palgrave Macmillan.
- REGAN, T. (2006) *Jaulas Vazias. Encarando o desafio dos direitos animais*. Porto Alegre: Lugano.
- ROTENBERG, S. e VARGAS, S. (2004) Práticas alimentares e os cuidados da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. nº 4. Recife: IMIP.
- SINGER, P. (2008) *Libertação animal*. Porto: Via Optima Oficina Editorial.
- TASCHNER, G. B. (1996) Raízes da cultura do consumo, *Revista USP*. n. 32. São Paulo: Edusp.

VELHO, G e KUSCHNIR, K. (2003) *Pesquisas urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WACQUANT, L. (2002) *Corpo e alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara.

WHITE, E. G. (1946) *Conselhos sobre o regime alimentar*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira.

WHYTE, W. F. (2005) *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WINCKLER, M. (1997) *Vegetarianismo: elementos para uma conversa sobre*. Florianópolis: Rio Quinze.

Anexo 1 – Convite para a entrevista quantitativa online

Olá, sou Ernesto Nunes, 39 anos, sociólogo e também vegetariano.

Estou fazendo mestrado na PUCSP, na área de Ciências Sociais e estou estudando o vegetarianismo na Região Metropolitana de São Paulo.

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa acadêmica sobre hábitos vegetarianos e ela leva aproximadamente 7 minutos para ser preenchida. Seu e-mail foi obtido no site [NOME DO SITE], que um dia você preencheu, deixando-o disponível para contato.

Sua participação é totalmente voluntária e os seus dados serão mantidos em completo sigilo, somente sendo utilizados de forma agregada para fins de pesquisa acadêmica. Não há resposta certa ou errada e você pode parar de responder as perguntas que serão formuladas no momento que desejar. Mas eu gostaria muito de contar com a sua participação, pois não existem muitas pesquisas acadêmicas sobre vegetarianos realizadas no Brasil.

Caso queira entrar em contato comigo para tirar alguma dúvida a respeito da pesquisa aqui está o meu e-mail: ernesto_nunes@hotmail.com. Se preferir checar meus dados, aqui está meu currículo que fica hospedado no site do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), órgão do governo federal onde estão catalogadas informações sobre pesquisadores brasileiros: <http://lattes.cnpq.br/6610222734440461>.

Agradeço antecipadamente a sua colaboração.

Ernesto Nunes

CLIQUE NESTE LINK PARA INICIAR A PESQUISA:

<http://DissertVeg2009.surveyconsole.com>

Anexo 2 – Questionário utilizado na pesquisa quantitativa *on line*

Para começar a responder, basta clicar ao lado de: Eu concordo em responder esta pesquisa acadêmica e depois em Continue.

Eu concordo em responder esta pesquisa acadêmica.

1. Você se definiria como?

1. Lactovegetariano
2. Ovovegetariano
3. Ovolactovegetarianismo
4. Frugivorista
5. Crudivorista
6. Vegetarianismo estrito (ou vegano/vegan)
7. Não sou vegetariano. Eu como carne. [ENCERRAR]

2. Você se tornou vegano/vegan diretamente ou passou por um período de adaptação do vegetarianismo para o veganismo?

1. Tornei-me vegetariano, consumindo alguns produtos de origem animal de vez em quando (queijos, leite, ovos e comprando roupas de couro, lã, etc.) e posteriormente tornei-me vegano/vegan.
2. Deixei de consumir produtos de origem animal e tornei-me vegano/vegan diretamente, sem um período intermediário de adaptação.
3. Foi diferente dessas duas maneiras. Como?

3. Com que idade você fez essa opção?

4. Por que você fez essa opção?

5. Quem ou o que influenciou sua decisão?

1. Um(a) amigo(a) vegetariano(a)
 2. Um parente vegetariano
 3. Um(a) colega de trabalho vegetariano(a)
 4. Um(a) colega de escola/faculdade vegetariano(a)
 5. O contato com um material (livro, vídeo, site, etc.) sobre os benefícios do vegetarianismo
 6. O contato com um material (livro, vídeo, site, etc.) sobre o sofrimento dos animais
 7. Outro. Descreva:
-

6. Em relação às frases abaixo, você diria que Sempre, Na maioria das vezes, Em algumas vezes ou Nunca você as realiza:

	Sempre	Na maioria das vezes	Em algumas vezes	Nunca
Antes de comprar algum produto alimentício você lê a embalagem para saber se ele contém ingredientes de origem animal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Antes de consumir algum produto você procura saber se ele foi testado em animais ou se algum animal foi explorado no processo de desenvolvimento do produto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você fala para as outras pessoas sobre os benefícios de ser vegetariano.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você se mantém informado sobre o vegetarianismo (por exemplo: lendo livros, assistindo a filmes, acessando <i>sites</i> e <i>blogs</i> , etc).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você utiliza roupas (camisetas, bonés, etc) ou outros materiais (botton, colante de carro, etc.) com motivos ou frases sobre o vegetarianismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você participa de ações de divulgação do vegetarianismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você sofre (ou sofreu) discriminação ou algum tipo de violência (física ou de outro tipo, como xingamentos ou alvo de piadas, por exemplo) por ser vegetariano(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você deixa clara a sua opção pelo vegetarianismo quando alguém está comendo carne ou utilizando algum produto de origem animal na sua presença.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. De quais ações de divulgação do vegetarianismo você já participou? **[SOMENTE PARA QUEM AFIRMOU QUE Sempre, Na maioria das vezes, Em algumas vezes PARTICIPA DE AÇÕES DE DIVULGAÇÃO DO VEGETARIANISMO NA P6]**

1. Participou de passeata
2. Fez panfletagem
3. Fiz palestra(s) sobre o tema do vegetarianismo/defesa dos animais
4. Assisti a palestra(s) sobre o tema do vegetarianismo/defesa dos animais
5. Montei um *site/blog/comunidade on line* para divulgar vegetarianismo/defesa dos animais
6. Coloquei meu nome em um abaixo-assinado em uma campanha de defesa dos animais
7. Outra ação. Qual? _____

8. Que tipo de discriminação você já sofreu? **[SOMENTE PARA QUEM AFIRMOU QUE Sempre, Na maioria das vezes, Em algumas vezes SOFRE DISCRIMINAÇÃO NA P6]**

9. Como você deixa clara sua opção pelo vegetarianismo? Que tipo de argumentos ou recursos você utiliza? **[SOMENTE PARA QUEM AFIRMOU QUE Sempre, Na maioria das vezes, Em algumas vezes DEIXA CLARA SUA POSIÇÃO SOBRE O VEGETARIANISMO NA P6]**

10. Se os avanços da ciência constatassem que o vegetarianismo não traz benefícios (ou contribui muito pouco) para a sua saúde, você continuaria sendo vegetariano?

1. Sim **[RESPONDE P11]**
2. Não **[RESPONDE P12]**

11. Por que você respondeu que continuaria sendo vegetariano?

12. Por que você respondeu que NÃO continuaria sendo vegetariano?

Para terminar, gostaria que você respondesse a algumas perguntas de perfil:

13. Sexo:

1. Feminino
2. Masculino

14. Quantos anos você tem?

15. Qual seu grau de escolaridade?

1. Analfabeto/ até 3ª Série Fundamental
2. 4ª Série Fundamental
3. Fundamental completo
4. Médio completo
5. Superior completo
6. Pós-graduação
7. Mestrado
8. Doutorado

16. Qual sua religião?

1. Católico
2. Protestante
3. Evangélico
4. Espírita
5. Budista
6. Muçulmano
7. Não sou uma pessoa religiosa.
8. Outra. Qual? _____

17. Onde você mora?

1. Zona Norte da cidade de São Paulo
 2. Zona Leste da cidade de São Paulo
 3. Zona Sul da cidade de São Paulo
 4. Zona Oeste da cidade de São Paulo
 5. Zona Central da cidade de São Paulo
 6. Outra cidade fora da Região Metropolitana de São Paulo.
 7. Outra cidade da Região Metropolitana de São Paulo. Qual?
-

Anexo 3 – Convite para a entrevista exploratória por *e-mail*

[NOME],

Estou enviando o questionário da pesquisa sobre vegetarianismo, somente com perguntas abertas, sem alternativas. Este formulário contém perguntas que complementam o questionário que você respondeu na *web*. Gostaria muito que você respondesse. Fique à vontade para escrever o quanto quiser. As perguntas estão no corpo do *e-mail*, mas também no anexo, caso você prefira preencher no *Word* e não diretamente no *e-mail*.

Obrigado mais uma vez pela atenção.

Ernesto Nunes

Skype: ernesto_nunes

MSN: ernesto_nunes@hotmail.com

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6610222734440461>

Anexo 4 – Roteiro utilizado na entrevista exploratória por e-mail

QUESTIONÁRIO PESQUISA VEGETARIANISMO – PARTE II
--

Nome:

Data de nascimento:

Grau de escolaridade:

Estado civil:

Profissão/em que trabalha:

Cidade onde mora:

1. Você é vegetariano de que tipo? (ovolacto, vegano, etc.)
2. Por que você se tornou vegetariano(a)?
3. Comente se houve algum acontecimento ou situação motivou a mudança?
4. Como o seu corpo reagiu à mudança? Você percebeu alguma mudança? Passou a se sentir mais disposto(a) ou não notou nada?
5. Como a família e as pessoas com as quais você se relacionava reagiram à mudança de hábito?
6. A mudança na alimentação mudou outros aspectos da sua vida?
7. Você passou a frequentar lugares diferentes depois da mudança? Você frequenta *eventos* voltados ao público vegetariano? Quais?
8. Você faz parte de algum grupo/movimento/coletivo de defesa do vegetarianismo? Qual? (Caso faça parte, comente um pouco sobre o que esse grupo defende, como ele foi formado, onde ele está localizado ou que tipo de atividades ele realiza).
9. Você passou a se preocupar com outras questões de interesse público após se tornar vegetariano(a) (política, ecologia, por exemplo)? O vegetarianismo ajudou você a pensar sobre

outros assuntos (ou não)? Ou você já se interessava por esses assuntos antes de se tornar vegetariano(a). Comente sua experiência.

10. Você mudou seus padrões de consumo após se tornar vegetariano(a)?

11. O que significa para você ser vegetariano?

12. E como você avalia as pessoas que comem carne?

13. Se você tivesse que explicar para alguém que não é vegetariano sobre o benefícios do vegetarianismo o que você diria a ele(a)?

Anexo 5 – Convite para a entrevista em profundidade pessoal com vegetarianos

[NOME],

Gostaria de me apresentar: sou Ernesto Nunes, 39 anos, sociólogo e também vegetariano (desde os 15 anos). Estou fazendo mestrado na PUCSP, na área de Ciências Sociais e estou estudando o vegetarianismo na cidade de São Paulo. Principalmente a vertente ativista do movimento.

Em virtude da minha pesquisa, gostaria de saber se você poderia dispor de 50 minutos do seu precioso tempo para uma entrevista (que eu mesmo farei), que consiste em uma série de perguntas sobre o vegetarianismo e ativismo político vegan.

A entrevista com você será muito importante para a minha pesquisa.

Caso você concorde, por favor, informe qual a melhor data e local para a realização da entrevista (eu moro na cidade de São Paulo). Caso queira entrar em contato para tirar alguma dúvida a respeito, seguem abaixo meus contatos no Skype e no MSN, além do meu currículo de pesquisador que fica hospedado no site do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), órgão do governo federal onde estão catalogadas informações sobre pesquisadores brasileiros.

Mais uma vez muito obrigado.

Abraço.

Ernesto Nunes

Skype: ernesto_nunes

MSN: ernesto_nunes@hotmail.com

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6610222734440461>

Anexo 6 – Roteiro utilizado na entrevista em profundidade pessoal com vegetarianos

Aquecimento

Apresentação do entrevistador

Explicação sobre o objetivo da pesquisa.

Agradecimento pela participação

Explicar a mecânica e pedir autorização para gravar a entrevista

Informar que os dados são confidenciais e que a identidade do entrevistado nunca será informada.

Vamos falar um pouco sobre você: Seu nome e idade?

Casada(o)/solteira(o)?

Local onde mora? (morou sempre nesse lugar?)

Formação e atuação profissional?

O indivíduo vegetariano

Você é vegetariano ou vegano?

Há quanto tempo é vegetariano/vegano?

Que alimentos costuma ingerir?

Tem alguma restrição alimentar?

Por que se tornou vegetariano/vegano?

Algum acontecimento ou situação motivou a mudança?

Estimular as motivações: **religiosa**, de saúde, ética, etc.

Como foi o processo de mudança: parou imediatamente ou passou um período de adaptação?

Como o seu corpo reagiu à mudança? Houve essa percepção? E a mente?

Como a família/as pessoas com as quais se relacionava reagiram à mudança de hábito?

A mudança na alimentação mudou outros aspectos da sua vida?

Passou a frequentar lugares diferentes (para se divertir, por exemplo) que estão relacionados a pessoas vegetarianas/vegas?

Sentiu alguma dificuldade, após a mudança/sofreu algum tipo de violência “física/simbólica”, após a mudança?

Buscou informações (leituras, vídeos, áudios) no período anterior/após a mudança de hábito?

Você tem muitos amigos vegetarianos? E veganos?

Ativismo vegetariano/vegan

Faz parte de algum grupo/movimento/coletivo de defesa do vegetarianismo/veganismo? Ou de algum outro?

Atua defendendo/difundindo o vegetarianismo/veganismo?

Explorar como o grupo/movimento/coletivo surgiu, quem faz parte dele, se está localizado só na cidade de São Paulo ou outras, onde se reúnem, como divulgam suas idéias, se a Internet é importante meio de divulgação, etc.

O que defende o grupo do qual você parte?

Quem financia as ações das quais você participa?

Participa de manifestações que divulguem o tema do vegetarianismo (passeatas, fóruns de discussão na Internet, *blogs*, festas, eventos, etc.) Qual(quais)?
Divulga materiais que recebe sobre vegetarianismo/veganismo?
Como se denominaria politicamente? De esquerda, de direita, conservador, liberal, anarquista?
Participa ou é filiado a partidos políticos?
Já participou de alguma ação política?
Você mudou seus padrões de consumo após se tornar vegetariano?

O que significa para você ser vegetariano/vegan?
Quem é para você um vegetariano? Como ele pensa sobre a vida? No que ele acredita?
Quem é para você um vegano? Como ele pensa sobre a vida? No que ele acredita?
Como você avalia as pessoas que comem carne?
O ativismo vegano hoje é bem feito? O que falta ao movimento vegetariano/vegan?
Se você tivesse que convencer/explicar para alguém que não é vegetariano sobre os benefícios do vegetarianismo/veganismo o que você diria?

Nós conversamos sobre o que é ser vegetariano/vegano e o vegetarianismo/veganismo. Na sua opinião, o que você acredita que eu devia ter perguntado para você, mas não perguntei? Tem algo/algum aspecto sobre o vegetarianismo e/ou veganismo sobre o qual poderíamos falar, mas não falamos?

Reiterar que os dados são confidenciais e agradecer novamente.

Anexo 7 – Convite para a entrevista em profundidade pessoal com ativistas veganos vinculados a coletivos/organizações

[NOME DA ORGANIZAÇÃO],

Sou Ernesto Nunes, também vegetariano. Estou fazendo mestrado na PUCSP, na área de Ciências Sociais e estou estudando o vegetarianismo na cidade de São Paulo. Principalmente a vertente ativista do movimento.

Acompanho a atuação de vocês pela Internet e, em virtude da minha pesquisa, gostaria de saber se um membro do grupo poderia dispor de 50 minutos do seu precioso tempo para uma entrevista (que eu mesmo farei), que consiste em uma série de perguntas sobre o vegetarianismo e atuação política. A entrevista de um membro da(o) [NOME DA ORGANIZAÇÃO] será muito importante para minha pesquisa.

Caso vocês concordem, por favor, informe qual a melhor data e local para a realização da entrevista. Caso queiram entrar em contato para tirar alguma dúvida sobre este pesquisador, segue abaixo meus contatos no Skype e no MSN, além do meu currículo, que fica hospedado no site do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), órgão do governo federal onde estão catalogadas informações sobre pesquisadores brasileiros.

Agradeço antecipadamente a colaboração de vocês.

Abraço.

Ernesto Nunes

Skype: ernesto_nunes

MSN: ernesto_nunes@hotmail.com

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6610222734440461>

Anexo 8 – Roteiro utilizado na entrevista em profundidade pessoal com ativistas vinculados a coletivos/organizações

Aquecimento

Apresentação do entrevistador
Explicação sobre o objetivo da pesquisa
Agradecimento pela participação
Explicar a mecânica e pedir autorização para gravar a entrevista
Informar que os dados são confidenciais e que a identidade do entrevistado nunca será informada.
Vamos falar um pouco sobre você: Seu nome e idade?
Casada(o)/solteira(o)?
Local onde mora? (morou sempre nesse lugar?)
Formação e atuação profissional?

O indivíduo vegetariano

Você é vegetariano ou vegano?
Há quanto tempo é vegetariano/vegano?
Por que se tornou vegetariano/vegano?
Como a família/as pessoas com as quais se relacionava reagiram à mudança de hábito?
A mudança na alimentação mudou outros aspectos da sua vida?
Sentiu alguma dificuldade após a mudança/sofreu algum tipo de violência “física/simbólica” após a mudança?

Ativismo vegano

O que é o veganismo?
O que querem os veganos?
Os vegetarianos se importam com o sofrimento animal?
Quais são as formas que os veganos encontraram para divulgar suas ideias? Como eles atuam para divulgá-las?
Na divulgação do veganismo, o que dá resultado e o que não é eficiente?
Qual é o alcance político efetivo das suas propostas? Em que medida elas estão afetando/transformando a visão da sociedade a respeito do consumo de carne e da relação que os homens têm (ou deveriam ter) com os animais?
O que é ser um ativista vegano?
Faz parte de algum grupo/movimento/coletivo de defesa do veganismo? Ou de algum outro?
Atua defendendo/difundindo o veganismo?
Explorar como o grupo/movimento/coletivo surgiu, quem faz parte dele, se está localizado só na cidade de São Paulo ou outras, onde se reúnem, como divulgam suas ideias, se a Internet é importante meio de divulgação, etc.
O que defende o grupo do qual você parte?
Quem financia as ações das quais você participa?

Participa de (outras) manifestações que divulguem o tema do veganismo (passeatas, fóruns de discussão na Internet, *blogs*, festas, eventos, etc.) Qual(uais)?
Divulga materiais que recebe sobre vegetarianismo/veganismo?
Como se denominaria politicamente? De esquerda, de direita, conservador, liberal, anarquista?
Participa ou é filiado a partidos políticos?
Já participou de alguma ação política que não envolvesse o veganismo?
Você mudou seus padrões de consumo após se tornar vegano?
O veganismo está crescendo, diminuindo ou estagnado?
Quais são os entraves para o veganismo se difundir/crescer?
Falta união/integração aos veganos?
Há muita rejeição aos argumentos veganos?

O que significa para você ser vegano?
Quem é para você um vegetariano? Como ele pensa sobre a vida? No que ele acredita?
Quem é para você um vegano? Como ele pensa sobre a vida? No que ele acredita?
Como você avalia as pessoas que comem carne/são onívoras?
O ativismo vegano hoje é bem feito? O que falta ao movimento vegan?
Se você tivesse que convencer/explicar para alguém que não é vegano sobre os benefícios do veganismo o que você diria?

Nós conversamos sobre o que é ser vegano e o veganismo. Em sua opinião, o que você acredita que eu devia ter perguntado para você, mas não perguntei? Tem algo/algum aspecto sobre o veganismo sobre o qual poderíamos falar, mas não falamos?

Reiterar que os dados são confidenciais e agradecer novamente.